

TIA VÊNUS

novela

Carlos Gerbase

original - 2003
revisão - 2008

Eu a teria reconhecido imediatamente se ela não tivesse dito aquilo - "Estou escrevendo pornografia, uma história com prostitutas" - ainda antes de sentar. A frase - insólita na boca de uma mulher respeitável, de vestido creme abaixo do joelho, cabelos presos num coque fora de moda - impediu que eu fizesse as associações mentais óbvias, mas necessárias, para saber, desde o início, quem estava em meu escritório. Como pesquisador, e já tendo em minha memória todos os elementos necessários para a identificação - inclusive seu nome, Laura Pascoal -, eu diria que esse foi um de meus fracassos mais espetaculares. Os menos espetaculares não pretendo contar.

"Não quer sentar?", perguntei, indicando a poltrona vermelha de veludo - a mais confortável e a que proporcionava a vista mais ampla de minha estante de documentos -, o que eu sempre fazia para tentar impressionar possíveis clientes. Ela sentou e perguntou se podia fumar. Eu disse: "Claro", e ela imediatamente abriu a bolsa e pegou um cigarro. Eu o acendi para ela e coloquei um cinzeiro grande e pesado no braço da poltrona. Foi nesse instante, ao me aproximar dela pela primeira vez, já que entrara com um aperto de mão tremendamente distante, que percebi seu hálito de uísque. De qualidade, mas uísque. No mínimo doze, talvez dezoito anos. E mais de uma dose.

Enquanto ela fumava em silêncio e olhava em volta, como se ainda estivesse em dúvida quanto à minha capacidade para ajudá-la e avaliasse se a conversa deveria mesmo prosseguir, eu tentava fazer de conta que estava acostumado a receber mulheres como aquela em meu apartamento às onze e meia da noite. Ela tinha uns quarenta anos e era bonita; no entanto, as marcas dessas quatro décadas estavam, inexoráveis, em seu rosto (principalmente em baixo dos olhos), na papada em baixo do pescoço, na gordura flácida acumulada nos antebraços e, talvez a mais evidente delas, na maneira de segurar o cigarro. Somente quem fuma há mais de vinte anos tem com essa merda tamanha intimidade.

"Meu editor disse que o senhor era a pessoa mais indicada para me ajudar", disse ela, de repente.

"Assim espero", respondi.

"Como o senhor cobra pelo serviço?"

Ali estava a pergunta difícil. Desde que ela telefonara, uma hora atrás, tentando explicar o que desejava, eu pensava em como responder de forma educada, inteligente e que me assegurasse, sem sombra de dúvida, que eu pegaria aquele serviço com a maior remuneração possível. Eu estava precisando muito de trabalho. Contudo, uma hora de pensamentos não foi suficiente. E eu, como sempre, hesitei e tentei ganhar mais tempo:

"Eu ainda nem sei exatamente qual é o serviço."

"Eu já disse." Ela estava começando a ficar impaciente. "Preciso saber coisas sobre prostitutas. Estou escrevendo um romance pornográfico. Não é isso que o senhor faz? Coletar informações para escritores?"

"É."

"E como o senhor cobra pelas informações? Por lauda, por dia de pesquisa, por tarefa? Não tenho a menor ideia."

"A gente teria que definir melhor qual é o objeto da pesquisa."

Nesse instante, eu comecei a passear na frente da estante, em mais um gesto repetido não sei quantas vezes. Costumava dar certo. Nos últimos tempos, eu não passeava na frente da estante; só ficava olhando para ela, sozinho, com medo que caísse em cima de mim, numa vingança pela minha distância e pelo meu desprezo. Por isso, eu estava enferrujado. Por isso não olhei para ela enquanto tentava parecer um cara sério e com razoáveis conhecimentos do tema. E por isso comecei a despejar qualquer coisa:

"Prostituição é uma palavra que designa muitas coisas diferentes. Posso procurar histórias de cortesãs da Grécia antiga, ou documentos que mostrem como as rameiras atendiam à corte de Dom Pedro na época da independência do Brasil, ou depoimentos de mulheres que eram prostitutas na Voluntários da Pátria, aqui em Porto Alegre, nos anos sessenta, e hoje são respeitáveis donas de casa. São tipos de pesquisas bem diferentes. Que tipo de história a senhora está escrevendo?"

Ela não respondeu. Eu achei que ela não sabia o que responder porque não tinha história alguma. Estava errado, mais uma vez. Ela tinha um romance de trezentas e vinte e três páginas, digitadas em seu computador de última geração. Mas isso eu só saberia na manhã seguinte.

"Posso ir ao toalete?", perguntou.

"É ali", e indiquei a porta marrom cheia de cupins do pequeno banheiro social.

Ela caminhou para lá. Se não fosse pelo hálito, ela teria me enganado, pois fez o possível para andar em linha reta. De qualquer maneira, a única coisa que vi, enquanto se afastava, foram seus tornozelos finos, delicados, maravilhosos. Aquela mulher tinha mais de quarenta anos e não era magra, mas suas pernas longas, brilhantemente finalizadas por dois pés pequenos, tinham uma harmonia e uma tranquila solidez que me lembraram a Vênus Adormecida, de Giorgione, que era há muito tempo a figura

que eu usava de fundo na tela do meu computador. Ela ficou um bom tempo no banheiro, provavelmente passando água no rosto. Quando voltou, para meu desespero, tinha decidido ir embora.

"Peço desculpas pelo tempo que eu fiz o senhor perder. Vou pensar melhor que tipo de pesquisa eu preciso."

Ela não sentou na poltrona vermelha, onde, sobre o cinzeiro, o cigarro ainda espalhava fumaça. Ela olhou para a porta e sorriu, numa clara demonstração de que já estava de saída. Tentei remendar:

"Eu posso tentar ajudar. Já fiz isso antes e..."

"Obrigado", cortou ela. "Eu ligo assim que puder. Boa noite."

E estendeu a mão. Eu apertei, meio tonto. Ela deu meia volta e caminhou para o hall. Eu corri atrás, a tempo de abrir a porta e sentir mais uma vez, enquanto ela cruzava o umbral, seu hálito de uísque. Não olhou para trás. Não retardou o passo para um último sorriso educado. Desapareceu. Aí lembrei que eu não tinha o telefone dela, nem o nome do tal editor que me indicara para o serviço, de modo que eu teria que fazer uma pequena pesquisa para achá-la. Mas eu faço pesquisas para ganhar a vida, e sabia que a lembrança daqueles tornozelos movimentando-se sobre meu carpete desbotado seria mais do que suficiente para me fazer superar a preguiça doentia que me dominava há anos e me fizera pensar em botar fogo na minha estante, comprar um táxi e passar o resto da vida pesquisando a localização de ruas distantes e desconhecidas em mapas amarelecidos daquela cidade que não precisava mais de mim.

Meus clientes me chamavam de Sabujo. Eu sempre tive com esse apelido uma relação paradoxal de simpatia e desprezo. Poderia ser de amor e ódio, se minha vida não fosse tão insossa. Sabujo vem do latim "segusius" e designa, objetivamente falando, um cão que sabe caçar. É, portanto, um excelente apelido para um pesquisador, que, à semelhança de um cachorro farejador, vai atrás de sua presa guiado apenas pelo cheiro. Mas, segundo os dicionários, a mesma palavra, em sentido figurado, significa "homem servil", "bajulador" e "capacho". Eu não gostava especialmente de "capacho", talvez por ser a acepção mais adequada para descrever a minha situação na época em que conheci Laura Pascoal. Estava devendo pouco dinheiro, só que em quatro bancos diferentes. Pouco vezes quatro não é tão pouco. Para acalmar um dos gerentes, que se chamava Schulz, eu oferecia pequenos serviços não encomendados, como fazer a árvore genealógica da família dele inteira, ou pesquisar a origem do seu sobrenome até provar que, sem dúvida, ele era descendente de grandes guerreiros da Europa central. Os outros três, infelizmente, não estavam interessados no passado. Queriam saber do futuro da minha conta, coisa que, para mim, não passava de um mistério assustador.

Praticamente sem clientes substanciais desde meados da década de noventa - quando a Internet transformou qualquer imbecil com dois neurônios e razoáveis conhecimentos de inglês em pesquisador planetário - eu tentava fechar meus buracos financeiros com pequenas matérias sobre curiosidades históricas para revistas de variedades. O tipo de coisa que a *Reader's Digest* costumava publicar com sucesso na década de 50. Infelizmente, a *Reader's Digest* nunca esteve entre meus clientes. O Anuário Lassalista e o jornal da Congregação Marista, sim. Meu último trabalho razoavelmente bem pago fora uma pesquisa encomendada por dois historiadores que participaram do processo de canonização do francês Marcelino Champagnat. Fiquei quase dois meses em Montevideu e outras cidades, coletando dados sobre a vida do religioso alemão Heriberto Weber, que foi para o Uruguai em 1936 e, em 76, estava desenganado pelos médicos, com os pulmões em absoluto colapso devido a um câncer bilateral. Contudo, depois de uma novena de seus irmãos maristas, em que foi pedida a intercessão do então beato Champagnat, Weber ficou bom da noite para o dia e recebeu alta. Esse foi o milagre - devidamente documentado e comprovado - que completou o longo processo de Champagnat no Vaticano, convencendo as rigorosas comissões de Teólogos e de Cardeais e Bispos. De certo modo, Champagnat me devia parte de sua santidade. Era o que eu contava para os outros três gerentes, na esperança de que eles ficassem com medo de encerrar a conta de um sujeito que tinha boas relações sociais e comerciais com as hostes divinas.

De volta ao planeta Terra. Meu nome é Frederico Antunes, abandonei o curso de história no sexto semestre pra viajar de

ônibus até a praia de Canoa Quebrada, no Ceará, ao lado de Susana, a garota que - pela minha percepção na época - tinha tudo para ser primeiro minha amante e logo depois minha companheira pelo resto da vida. Ela acabara de se formar em enfermagem e tinha quatro meses livres antes de iniciar a residência num hospital. Nosso caso acabou na longa viagem de volta, quando, ainda apaixonados, pegamos carona com um argentino surfista que tinha carro, algum dinheiro, cabelos compridos e - pela percepção de Susana na época - um charme irresistível. Em Pernambuco, ela me confessou que tinha trepado com ele enquanto eu fazia compras no supermercado. Isso aconteceu dezoito anos atrás, de modo que minha primeira grande decepção amorosa, de acordo com o novo código civil, já completou a maioridade e pode casar. Susana casou bem antes, com um médico, e tem dois filhos. Eu a vejo, de vez em quando, indo para o trabalho toda de branco. Sonho regularmente com o surfista argentino e com a carona fatídica. Se não tivéssemos entrado no carro dele, talvez Susana pudesse me conhecer melhor e fortalecer o que sentia por mim. Quem sabe até estaríamos juntos até hoje, e minha vida teria sido completamente diferente, eu teria um diploma universitário e um emprego num cursinho pré-vestibular. Pensamento mágico. E triste. É melhor voltar para a história de Laura e das prostitutas.

Na manhã seguinte à sua visita, decidi que precisava de mais informações. Num primeiro momento, descartei a internet. Eu nunca ouvira falar de uma escritora gaúcha chamada Laura Pascoal, de modo que ela não deveria ter qualquer obra publicada, nem fama suficiente para constar em páginas registradas no Google e no Altavista. Ela parecia uma irrelevante dona de casa disposta a enfrentar a chatice do casamento e a brochice do marido através da literatura. Isso é mais comum do que as pessoas pensam. A literatura de autoajuda é bem mais antiga do que esses imbecis que escrevem livros como "Mude sua vida nessas férias" tentam nos fazer crer.

Há poucos editores de ficção na cidade, e eu conheço todos eles. Comecei a telefonar. Alguns me atenderam imediatamente; outros, através das secretárias, prometeram ligar em seguida. Eu não queria revelar o nome de Laura, nem o tipo de história que ela estava escrevendo. Pesquisadores servem para coletar e selecionar informações do mundo para seus clientes, e não para espalhar informações pessoais dos clientes para o mundo. A quinta ou sexta conversa, com o Gildo, da Editora GMP, tomou um rumo um pouco diferente. Quando ele atendeu, eu segui a mesma estratégia das outras ligações:

"Ontem à noite, quando ouvi a secretária eletrônica, havia uma mensagem de uma escritora querendo falar comigo. Mas a fita amassou, e não consigo ouvir nem o nome nem o telefone dela. Só sei que ela está escrevendo um livro sobre um assunto que envolve sexo e que ontem conversou com um editor."

Eu achava que "assunto que envolve sexo" era uma dica suficiente para a pessoa certa, mas tão ampla que não denunciaria o conhecimento que eu tinha das intenções de Laura Pascoal. Gildo riu, do outro lado da linha, e falou:

"Tu deve estar falando da Isabelita."

"Isabelita?"

"É o pseudônimo, claro. Eu sugeri que ela use um pseudônimo, pelo menos enquanto não se separa do marido, o que deve acontecer, mais cedo ou mais tarde."

"Ela é uma especialista em sexo?"

Risos. E depois:

"Não no sentido acadêmico. Isabelita, depois de vinte anos de casamento e heterossexualidade, descobriu os prazeres proibidos das outras mulheres. Está apaixonada por uma guria de vinte, que, se entendi bem, é, ou era, uma prostituta. Vão todas as tardes para um motel. Ela quer transformar o *affair* em ficção e contar tudo num romance. Já me deu algumas páginas, ontem à tarde, e eu me diverti muito lendo e conversando com ela a respeito."

Laura Pascoal transando com uma guria de vinte anos num motel? Era difícil de acreditar; contudo, resolvi tirar a prova:

"Como é o nome verdadeiro dela?"

"É claro que não vou te dizer, Sabujo", respondeu Gildo.

"Tu não me indicou pra fazer uma pesquisa para ela?"

"Ela não precisa de pesquisa nenhuma. Tudo que ela escreve à noite, viveu na cama, naquela mesma tarde. É uma loucura. Só espero que ela continue apaixonada mais algumas semanas e termine o livro."

Laura Pascoal, portanto, não era Isabelita. Agradei a atenção do Gildo. Não sabia para quem mais ligar. Decidi, mesmo desesperançado, recorrer à internet. Quando estava pronto para começar a busca, o telefone tocou. Era Leonan, um dos donos da maior editora de Porto Alegre, a Livros de Bordo. Joguei a isca como o pescador que, já tendo desistido de ver um peixe no anzol, apenas exercita seu estoicismo. Leonan, entretanto, mordeu a isca com a maior facilidade. Sim, tinha me indicado para uma escritora. Sim, ela estava atrás de informações sobre prostituição. Sim, podia dizer quem era a escritora. Seu nome era Laura Pascoal.

Eu fiz a pergunta óbvia:

"Ela já publicou alguma coisa?"

“Tá brincando?”, respondeu Leonan.

“Não. Nunca ouvi falar de Laura Pascoal.”

“E da Tia Laura, já ouviu falar?”

Quando Leonan disse “Tia Laura”, vários circuitos fecharam-se em meu cérebro ao mesmo tempo. A lembrança do rosto de Laura Pascoal - que não me abandonara desde a sua saída abrupta do escritório - foi imediatamente sobreposta à imagem da mais famosa escritora de literatura infantil do Rio Grande do Sul, e uma das mais admiradas do Brasil. Laura pertencia ao mesmo time de Ana Maria Machado e Ruth Rocha, e esse time era tremendamente lucrativo. Falando em lucro, o da Tia Laura no mercado editorial era, provavelmente, um dos maiores do país, desde que ela começara a lançar obras para as séries iniciais do primeiro grau, mesclando os personagens de sua ficção com conteúdos didáticos. Além de venderem muito nas livrarias, os diversos volumes da série “Os Pimpolhos” foram adquiridos por diversos governos, de todos os partidos, para distribuição em escolas públicas. É assim se ganha dinheiro de verdade. Tia Laura já dera centenas de entrevistas, aparecera várias vezes na TV e eu mesmo já lera várias reportagens sobre seu estilo literário, sua vida familiar e seu sucesso.

Agradei ao Leonan e, desta vez, com a certeza de que a pescaria seria um sucesso, digitei “Tia Laura” e “escritora” no mecanismo de busca da internet, pedindo que a pesquisa se limitasse a páginas em português. Voltaram duas mil duzentas e cinquenta e nove referências à “Tia Laura”. Com mais tempo, esse número certamente subiria ainda mais. Laura Pascoal, aquela mulher de tornozelos finos e hálito de uísque, que me deixara tonto e que queria informações sobre prostitutas para um suposto romance, estava presente em milhões de mochilas escolares nos quatro cantos do Brasil. O fato dela também ter estado - em carne e osso - em meu escritório era bastante estranho. Naquele momento, contudo, eu não ligava para os aspectos absurdos da situação. Eu só pensava numa coisa: como agir eficazmente para que ela voltasse o mais rápido possível.

Lorenzo não ficava tão nervoso desde o dia do seu casamento, há mais de vinte anos. Apesar de seu amigo Heitor ter dito que tudo estava planejado nos mínimos detalhes, e que nada de errado poderia acontecer, Lorenzo sentia calor no corpo todo e, ao mesmo tempo, calafrios na espinha, uma combinação paradoxal que o fez lembrar dos minutos que passou no altar, à espera de Lurdes. Ali, tudo também estava planejado nos mínimos detalhes. E nada aconteceu de errado. Pelo contrário. Dois belos filhos, uma casa (recentemente livre de hipoteca) em bairro valorizado, amigos sofisticados: tudo indicava que o casal Lorenzo e Lurdes era feliz. Aliás, era exatamente isso o que ele dizia para todos, nos últimos vinte anos, menos para Heitor, o único amigo com quem teve coragem de se abrir, uma semana atrás, depois de quatro copos de conhaque.

Agora, dirigindo seu carro, suando, apesar da noite estar fria, Lorenzo pensa seriamente em nunca mais beber. Se não fosse o conhaque, não teria revelado sua frustração a Heitor, este não teria insistido no que chamava de "o mais velho dos remédios para a angústia" e Lorenzo não estaria a caminho de um motel, onde se encontraria com uma garota desconhecida, jovem e, segundo Heitor, "muito mais barata, muito mais eficaz e muito mais bonita que um psiquiatra". Heitor era um frasista. Lorenzo, no entanto, não acreditava em frasistas. Ele acreditava em soluções para problemas. Essa, aliás, era a sua profissão. Formado em Administração de Empresas, Lorenzo, ao longo de uma carreira bem sucedida, se especializara em dar assessoria a empresas envolvidas em grandes problemas financeiros, principalmente concordatas e falências.

Quando as coisas davam certo, e a empresa conseguia reerguer-se, sentia-se como Jesus chamando Lázaro de volta à vida. Quando, apesar de seus esforços, a empresa sucumbia, sentia-se como um coveiro. Mas Lorenzo não tinha queixas dessa sua dupla identidade. Santo milagreiro ou papa-defuntos, sua remuneração estava assegurada. Sempre correto, sempre atualizado no cipoal de normas, leis e portarias que regiam os diversos estados terminais dos seus clientes, Lorenzo conseguira criar seus filhos com tranquilidade e melhorar seu padrão de vida, num país que, no mesmo período, afundara cada vez mais. Lurdes ajudara, é claro. Seu salário como professora de Química era pequeno, às vezes chegava a ser ridículo; contudo, ela tinha uma qualidade que quase sempre faltava a Lorenzo. Ela sabia arriscar.

Lurdes decidira fazer o empréstimo e comprar a casa, quando a prudência e a conta conjunta mandavam esperar. Hoje a casa estava paga e muito valorizada. Lurdes insistira para que Lorenzo aceitasse o convite para supervisionar a concordata dos Fogões Industriais Albion, quando seus colegas diziam que era uma fria, porque a empresa devia tanto que ele nunca veria um tostão. Uma

cooperativa de ex-funcionários pagou as dívidas, modernizou a linha de produção, e hoje a Fogões Albion era uma fábrica que exportava para a Argentina e para o Chile. Lorenzo percebeu que gostava de lidar com coisas que os outros julgavam meio fúnebres. Mas só percebeu graças a Lurdes. E só se arriscou - com tanto sucesso - no ramo das falências porque Lurdes o empurrou.

Por isso, sozinho no carro, rumo a um motel - ambiente desconhecido - e, pior, rumo a uma prostituta - ser desconhecido e assustador - Lorenzo sua frio. Arriscar era um atributo de Lurdes. Para resolver os problemas de seus clientes - geralmente tão grandes que, vistos no conjunto, desanimariam até o mais poderoso dos santos milagreiros - Lorenzo seguia um método absolutamente ortodoxo e previsível. Seu pequeno segredo era não se deixar amedrontar pela visão geral. Ele atacava cada ângulo da falência, cada detalhe da concordata, um de cada vez. Gostava de comparar-se a um médico que, recusando-se a aceitar a morte de um cliente - que todos dizem ser inevitável - trata dos seus órgãos fundamentais e vai, pouco a pouco, recuperando a capacidade dos pulmões, fazendo o coração bater mais forte e, o mais importante de tudo, convencendo o cérebro que vale a pena coordenar aquela massa complexa de nervos, ossos, carnes e veias, apesar dos diagnósticos serem todos negativos. Quando o cérebro decide enfrentar a doença, metade da cura está realizada. E a empresa pode, quem sabe, ter mais uma chance.

É o que Lorenzo tentou fazer em relação ao sexo com sua mulher. Nos últimos dois anos, analisou metodicamente o que poderia ser feito para reacender a paixão de Lurdes na cama: conversas intermináveis antes de dormir, livros e mais livros sobre os prazeres escondidos do casamento monogâmico, jantares românticos à luz de velas, fins de semana longe dos filhos e até aluguel de vídeos pornográficos. Lurdes cansava no meio das conversas, achava os livros chatíssimos, comia demais nos jantares românticos (e depois acusava Lorenzo de não ajudá-la no regime), reclamava dos preços dos hotéis de fim de semana e ria muito dos vídeos pornográficos. Lurdes não estava interessada em reacender coisa nenhuma. Dizia que amava Lorenzo e estava disposta a abrir as pernas tantas vezes quantas fosse necessário. Só não estava disposta a fingir orgasmos, porque dava trabalho demais. Quando Lurdes disse aquilo, Lorenzo teve certeza que muitos dos últimos orgasmos de Lurdes tinham sido falsos. Ficou preocupado. E depois ficou deprimido.

O carro de Lorenzo abandona a *free-way* pela saída que leva à avenida Assis Brasil, no limite de Porto Alegre e Gravataí. Lorenzo exigira de Heitor que o motel ficasse longe. E esse era longe. Um mapa com a localização do motel, impresso a partir da internet, indica o caminho a seguir. Quando chega à portaria do motel e pede a suíte Babilônia, conforme as instruções de Heitor, um rapaz educado, de quem só vê os olhos, diz que ela está reservada, mas há muitas outras opções, algumas até mais sofisticadas. Lorenzo sente outro calafrio. E agora? O esquema foi

todo montado pelo Heitor. Lorenzo decide telefonar para ele e dizer que está tudo cancelado: o motel, a prostituta e essa inverossímil escapada numa noite de segunda-feira para uma reunião em uma empresa de informática às portas da falência. Então o porteiro pergunta: "Por acaso o senhor não é o Dr. Vanderlei?".

Lorenzo segura o celular com cara de idiota. Claro que ele é o Dr. Vanderlei. Era esse o nome que Heitor tinha dito para Lorenzo usar. "O resto vai ser no automático", completara Heitor, com uma risada maliciosa.

"Sou", diz Lorenzo. "Eu sou o Dr. Vanderlei."

"Terceira entrada à esquerda", diz o rapaz. E o portão começa a rolar suavemente para a direita, fazendo um barulho discreto.

Lorenzo coloca marcha à ré. Está disposto a ir embora, a nunca mais mentir sobre seu nome, a revisar seus conceitos sobre o que é uma vida sexual aceitável com sua esposa. Mas o farol de outro carro ilumina seu retrovisor. Outro cliente. É tarde demais. Coloca a primeira e entra lentamente no motel. Sua muito. E um novo calafrio percorre sua espinha.

Ao terminar o primeiro capítulo, achei que Leonan estava subestimando Laura Pascoal. Não era um texto brilhante, mas ela conseguira criar um certo suspense: onde o sujeito estava indo?; por quê estava se sentindo tão mal?; o que o esperava em seu destino? O almoço com Leonan, num restaurante árabe, fora rápido demais para que eu conseguisse todas as informações que pretendia. Ele ficou o tempo todo depreciando o texto e me fazendo jurar que eu atenderia Laura com a maior discrição possível. Fingi ficar ofendido, pois ser discreto faz parte da minha profissão. Quando pedi para ler os originais, disse que era impossível. Então blefei: se ele não confiava em mim, era melhor nem começar o trabalho. Foi a vez dele se fingir de ofendido:

"Não é uma questão de confiança, Sabujo. A Laura é uma pessoa talentosa, que está passando por um momento muito delicado."

"Como todos os escritores quando estão escrevendo."

"Não. É pior. Sabujo, essa mulher já vendeu mais de quatro milhões de livros no Brasil. A *flor que não tinha cor* foi traduzido para quatorze idiomas. Quatorze, Sabujo. Só os quatro títulos que ela publicou comigo, antes de ficar famosa, renderam mais para a Livros de Bordo do que todos os nossos lançamentos desse ano."

"E agora ela quer voltar à pequena editora provinciana que a revelou. Tu devia estar soltando foguetes."

Leonan engoliu o kibe cru, me olhou como se eu fosse um idiota e disse:

"Se ele tivesse me oferecido um título infantil, qualquer um, por mais imbecil que ele fosse, eu estava soltando todos os foguetes do mundo. Mas ela assinou um contrato de cinco anos com a Tempo, em São Paulo. Todos os lançamentos infantis dela estão comprometidos. A Laura não é boba. Sabe que esse romance que ela escreveu é uma grande complicação para a vida dela. Sabe que a Tempo jamais publicaria."

"Ela sabe que é ruim?"

"Claro que não!"

Leonan estava ficando irritado comigo. Com toda a razão. Naquele tempo, meu raciocínio em relação a tudo que dizia respeito a Laura Pascoal era lento e confuso. Eu pensava nos tornozelos, pensava no hálito de uísque, mas não pensava na flor que não tinha cor.

"Pensa, Sabujo. Essa mulher é lida por milhões de crianças. Os pais das crianças sabem que comprar um livro de histórias infantis escrito por Tia Laura é garantir a qualidade do texto, a criatividade da história e, o mais importante de tudo, uma moral irretocável. Os professores das crianças sabem que os livros didáticos que têm o selo da Tia Laura são criados por uma equipe de primeira, e que a Tia Laura realmente sabe misturar os conteúdos com as pequenas histórias. Por quê eles fazem tanto sucesso? Por que são bons pra caralho! E, de repente, a Tia Laura lança um romance adulto, com cenas de sexo entre maridos insatisfeitos e prostitutas cheias de lascívia. O que vão pensar as crianças, os pais e os professores? É óbvio: essa mulher é louca, ou pelo menos tem uma dose de esquizofrenia inaceitável. E as vendas vão desabar. Seria um desastre. Para ela, para a Tempo, para as crianças brasileiras, para os pais e professores das crianças e, o mais importante de tudo, para mim."

A coisa era tão evidente que fiquei envergonhado. Laura Pascoal não poderia jamais se livrar da imagem de escritora de literatura infantil, do mesmo modo que Henry Miller será sempre visto como um autor de sacanagem. Se eles trocassem de papéis, ninguém mais entenderia o enredo. Então eu disse o óbvio:

"Ela pode publicar sob pseudônimo."

"Eu até sugeri. Mas ela recusou." Leonan faz uma pausa. "Na verdade, ficou furiosa com a sugestão e quase saiu da minha sala. Disse que ela tinha dezenove anos de carreira e saberia encontrar um editor para o seu romance. Eu tive que correr atrás dela e fazê-la sentar outra vez. E então ela pediu que eu dissesse, com toda a honestidade, o que eu tinha achado do livro."

Tocou o celular de Leonan. Ele atendeu, falou por alguns segundos, olhou para o relógio e pediu a conta.

"Eu tenho que voltar para a editora", disse, aborrecido.

"E aí?", perguntei. "O que tu disse pra ela?"

"Eu dei aquela volta costumeira. Disse que ela tinha talento, isso ninguém contesta, etc., mas, se ela queria honestidade, era melhor dizer logo: o romance tem defeitos graves e não deve ser publicado."

"E ela ficou furiosa outra vez..."

"De jeito nenhum. Chateada, com certeza. Mas não furiosa. Acho que ela esperava alguma coisa assim. Garantiu que estava disposta a ouvir meus conselhos a aprimorar o texto. Disse que estava dedicando tempo integral para o romance. Então senti que era meu dever falar claramente sobre os graves prejuízos que a publicação daqueles originais, mesmo que melhorados, poderia trazer para sua carreira. E ela continuou tranquila. Sabe o que ela disse?"

Leonan fez mais uma pausa, saboreando minha expectativa. Acendeu um cigarro e depois disse:

"Foda-se. Foi isso que ela disse: foda-se. Eu fiquei chocado."

"A Tia Laura disse 'foda-se'?"

"Exatamente."

"Puta que pariu."

"Foi o que eu pensei. Mas não disse. Ela perguntou se eu fizera anotações nos originais durante a leitura, e eu disse que não, que não era meu costume fazer qualquer anotação. E aí ela levantou outra vez e disse que enviaria o texto para outros editores. E aí eu tive a ideia, Sabujo."

"Que ideia?"

"De te colocar nesse rolo. Não sei o que vai acontecer, mas não posso deixar essa mulher se meter com algum editor inescrupuloso. Tu sabe que bicão é coisa que não falta por aí."

"Sei."

"Eu disse para a Laura que ela precisava da ajuda de um profissional de verdade, experiente, capaz de fornecer qualquer tipo de informação sobre o tema que ela estava tratando. E eu sabia quem era esse profissional: o Sabujo."

"Pelo menos tu disse meu nome direito pra ela?"

"Claro, Sabujo. Francisco Antunes."

"Meu nome é Frederico."

"Frederico? Desculpe. Mas o telefone eu dei o certo, não dei?"

"Deu."

"Então? O negócio é o seguinte: aceita o trabalho e não fala pra ninguém sobre o tema do romance. De preferência nem diz que tá trabalhando pra ela. E aí a gente dá tempo ao tempo. Vamos ver o que acontece. Eu não consigo pensar em outra coisa além disso." Não gostei do tom irônico da voz de Leonan na frase seguinte: "Aposto que tu tá precisando de trabalho, Sabujo. Tá ou não tá?"

E eu, meio puto, resolvi voltar ao blefe inicial:

"Só aceito o trabalho se tu me der os originais."

Leonan resistiu:

"Tu pode pedir pra ela."

Mas eu insisti:

"Tô pedindo pra ti. Alguma vez eu te sacaneei?"

A conta chegou. Leonan pegou o talão de cheque, e eu fiz menção de pegar a minha carteira. Ele sorriu e disse:

"Eu pago a conta. Eu te empresto os originais agora. Estão no carro. E tu promete que não abre a boca pra ninguém, nem sobre o romance, nem sobre qualquer pesquisa que tu faça pra ela. Feito?"

Pensei que era justo.

"Feito."

Apertamos as mãos. Fomos até o carro, e ele me entregou os originais. Na capa, em corpo 36, estava escrito "As filhas de Madalena", e logo em baixo, em corpo 20, "um romance de Laura Pascoal".

Infelizmente, depois do primeiro capítulo - que até me levava a duvidar da avaliação de Leonan - os problemas apareciam, avolumavam-se e confirmavam tudo que o editor, entre as garfadas de kibe cru, apontara de ruim em "As filhas de Madalena". Laura Pascoal conseguira criar um personagem interessante, Lorenzo, que me despertara simpatia (achei aquela profissão de administrador de falências bem original e capaz de render boas cenas); ela também soubera iniciar a história com uma cena de suspense - um começo que, se não era brilhante, estava longe de ser aborrecido; no entanto, assim que a prostituta entrava no quarto do motel, as coisas deixavam de ser verossímeis. Para dizer a verdade, pior que inverossímeis: ficavam absurdos. Laura Pascoal, com toda a certeza, nunca conversara com uma prostituta, nunca lera um bom livro sobre prostitutas, nem vira um bom filme sobre prostitutas. Ou, se fizera alguma dessas coisas, era como se não tivesse feito. Tanto a primeira prostituta da história - chamada Jasmin - quanto todas as outras, eram idealizações de má qualidade, sem substância, sem forma, sem discurso interior, sem qualquer atributo capaz de elevá-las à categoria de personagens.

O angustiado Lorenzo, sua decidida mulher Lurdes, seus filhos reacionários Augusto e César, todos eles eram personagens bem delineados e absolutamente críveis. Laura Pascoal dominava o universo de uma família classe média porto-alegrense com a mesma segurança com que construía suas histórias infantis. O universo familiar, contudo, não resistia ao confronto com o mundo da prostituição. Quanto mais o enredo avançava, e mais prostitutas apareciam, mais evidente ficavam as fragilidades do romance. Laura tentara escrever com realismo, o que incluía até alguns palavrões e descrições pretensamente eróticas de atos sexuais, mas, como resultado, só obtivera uma trama rocambolesca, em que os lugares-comuns se sucediam e o aborrecimento do leitor era inevitável. De quando em quando, uma boa frase, uma piada bem colocada, ou até uma cena inspirada, lembravam que a autora conhecia seu ofício. Contudo, conhecer o ofício não é suficiente. Ela não conhecia algumas das suas criaturas, que, como sempre acontece nesses casos, voltam-se contra o criador e o destroem. "As filhas de Madalena" não eram prostitutas. Eram as assassinas de uma escritora ignorante, que se aventurara em terreno desconhecido e perigoso.

Quando terminei o romance, já de madrugada, estava deprimido demais para dormir. Dezenas de escritores medíocres, pretensiosos e irremediavelmente fracassados tinham sido meus clientes, assim como dois ou três que, mesmo talentosos, desperdiçavam seu tempo escrevendo sobre coisas que não conheciam. Estes, ajudei um pouco. Mas eu nunca vira um caso tão evidente de desperdício de talento como o romance de Laura Pascoal. Fiquei pensando no que poderia tê-la levado a escolher a prostituição como tema de seu primeiro livro para o público adulto. E porque, antes de começar, não

fizera algumas leituras para buscar informações básicas sobre o assunto. Naquele momento, eu não teria coragem de fazer nenhuma daquelas perguntas para Laura Pascoal. Entretanto, se algum dia eu trabalhasse para ela, teria de enfrentar esse momento constrangedor, pois é impossível fazer uma boa pesquisa sem conhecer as motivações e os objetivos do autor. Não basta que o pesquisador saiba o que procurar. É preciso adivinhar o que o autor deseja encontrar.

Fui até minha estante. Sabia que minha seção de sexo não era muito forte. Tinha apenas coisas óbvias e antigas, como a "História Natural do Amor", de Hunt, e a "História Sexual da Humanidade", de Relgis. Folheei rapidamente os dois volumes e encontrei alguma coisa sobre prostituição. Se Laura Pascoal estivesse escrevendo sobre a Revolução de 30, ou sobre a fundação de Porto Alegre, ou sobre os habitantes do Rio Grande do Sul antes da chegada dos colonizadores europeus, eu poderia enterrá-la sob centenas de obras raras e preciosas. Não era o caso. Nos meus arquivos no computador, contudo, em que mantenho, razoavelmente organizados, os registros de todos os livros com que trabalhei nesses vinte anos de pesquisas, havia muitas indicações que pareciam ser adequadas, desde uma "História da prostituição", de Parent, até uma "Biografia da prostituição", de Tudela. Eu sabia onde encontrar estes livros e muitos outros. Era só Laura Pascoal querer. Mas ela queria?

Apaguei a luz, tomei um Dormonid e esperei o sono. Acordei, sobressaltado, com o telefone tocando. Era Leonan. A luz bem fraca atrás das venezianas indicava que o dia estava nascendo, e eu dormira tão pouco que meu cérebro - ainda sob o efeito da droga - custou mais de um minuto para processar o que ele estava perguntando. Queria saber se eu conversara com Laura Pascoal depois do nosso almoço. Eu disse que não e perguntei porque ele estava me ligando àquela hora. Leonan disse que Laura Pascoal estava no Hospital de Pronto-Socorro submetendo-se a uma lavagem intestinal. Ao que tudo indica, tentara o suicídio tomando um vidro inteiro de remédio para dormir.

Frineia não gostava de ficar tanto tempo parada, nua, sentindo frio, enquanto Praxíteles caminhava à sua volta, com um ar de profunda insatisfação, como se a pedra se recusasse a tomar uma forma que fizesse justiça ao corpo da hetaira, de divinal beleza. Mas Frineia aguentava. Não era a primeira vez. E, claro, não era pelo dinheiro. Se o seu corpo fosse alugado por algum rico cidadão por tantas horas, ganharia uma fortuna. Praxíteles lhe pagava muito pouco, quase nada. Em compensação, quando a estátua ficava pronta, e era levada para um local público adequado, Frineia sabia que milhares de gregos e gregas, ao reverenciarem o corpo de Afrodite, a deusa do amor, estavam, na verdade, admirando suas curvas perfeitas. Frineia não podia imaginar maior distinção.

Infelizmente, tais nobres pensamentos não aliviavam o frio. Se pudesse, posaria apenas nos dias quentes do verão ateniense. As encomendas, contudo, não respeitavam convenientemente as estações do ano. Aquela estátua deveria estar pronta para a festa de Posídon, dali a menos de dois meses, e o trabalho de Praxíteles era lento e perfeccionista. Ele queria superar-se, dando aos atenienses a mais bela representação da deusa em todos os tempos, o que significava, na prática, superar sua última criação, que também tivera Frineia como modelo. A fama daquela estátua de mármore já ultrapassara as fronteiras da Grécia, levada por mercadores e soldados, que descreviam, muitas vezes para ouvintes incrédulos, mas sempre excitados, a ousadia da figura: de pé, absolutamente nua, Afrodite prepara-se para o banho; sua mão esquerda deixa cair uma toalha; sua mão direita cobre o púbis. Praxíteles sabe que é muito tênue a linha entre a beleza artística e o desrespeito aos deuses. Alguns cidadãos ilustres não gostaram da estátua e pensaram em denunciá-la como imoral ao Areópago, mas, para cada um dos possíveis detratores, havia uma centena de fãs incondicionais. Praxíteles ganhou fama, novas encomendas e uma imensa responsabilidade.

"Estou com frio", diz Frineia. "Podemos continuar amanhã?"

"Não", responde Praxíteles, sem olhar para o rosto da modelo, que está de pé sobre uma banquetta alto.

"Posso ficar doente", ameaça a modelo, em tom choroso.

Praxíteles, irritado, pega as vestes de Frineia e as entrega para a hetaira. Ela começa a colocá-las, primeiro cobrindo os seios com a parte superior, em tecido muito fino; depois, com alguma dificuldade, ajusta a longa túnica, que deve ir até o chão. Alguma coisa, porém, não está no lugar certo, e Frineia é obrigada a levantar a túnica com a mão esquerda e olhar para trás, por cima do seu ombro direito, na tentativa de verificar o que está acontecendo.

"Para!", grita Praxíteles, assustando Frineia, que obedece por instinto. Praxíteles, com os olhos brilhando de excitação, contempla a pose pouco usual de Frineia. "É isso! É isso! Está perfeito. Vamos fazer assim."

"Assim?", estranha Frineia. "Mas... Afrodite certamente não tem dificuldade para colocar suas vestes."

"E quem disse que ela está se vestindo?"

"Eu estou me vestindo", lembra Frineia, que tenta olhar para Praxíteles e vira um pouco o pescoço para a frente. Ele fica furioso:

"Parada! Absolutamente parada!"

"Vou ficar com torcicolo."

"Afrodite não tem torcicolo. Minha querida Frineia, só peço mais algum tempo. Preciso memorizar os detalhes. Por favor, o rosto mais para trás... A mão esquerda mais para o alto. Assim... Agora olha para baixo... Isso... Perfeito!"

Frineia não parece muito segura:

"Assim vai ficar parecendo que estou olhando para meu traseiro!"

"Exatamente."

"Por quê a deusa olharia para o próprio traseiro?"

"Porque é belo. O mais belo de todos." Praxíteles parece sonhar acordado. "Algum dia, essa estátua será conhecida como a Calipígia."

"Não. Se algum dia for esculpida, será acusada de imoral e quebrada em mil pedacinhos. E eu não aguento ficar nem mais um minuto com o braço e o pescoço desse jeito."

"Descansa um pouco."

Frineia baixa o braço esquerdo. Com a mão direita, faz uma breve massagem no pescoço. Ainda não está convencida de que aquela pose pode funcionar. Ao contrário do entusiasmado Praxíteles, sente-se insegura. Abandona a banqueta; queixa-se:

"Da última vez que posei, eu pensava assim: estou me preparando para o banho, por isso estou nua. E aí ficava fácil. Não me sentia vulgar. Mas agora... Olhar para o meu traseiro, sem mais nem menos..."

"Querida Frineia. A posição é absolutamente natural."

Frineia ri.

"Natural? Ainda por cima, estou toda doída, e só permaneci posando alguns minutos."

"A arte exige alguns sacrifícios."

"E também exige naturalidade. Não permitirei que meu corpo seja exposto dessa forma. Em vez de uma deusa, ficarei parecendo uma pornai, que se vende por cinco dracmas aos marinheiros do Pireu."

Praxíteles fica preocupado. Sabe que precisa da boa-vontade de Frineia. Então seu rosto de ilumina e ele conta a seguinte história, de novo com ar entusiasmado:

"Imagine, querida Frineia, que estás em tua alcova, te arrumando para uma festa, e de repente tua criada mais fiel entra com um sorriso estranho. Tu perguntas a razão daquele riso, e ela primeiro se recusa a responder. Tu insistes, ameaças, e finalmente ela conta: acaba de ver o corpo de uma nova escrava, que estava sendo banhada. - Ela tem o mais o mais belo traseiro que eu já vi - diz a criada. E tu, claro, ficas muito curiosa, talvez com uma pontinha de ciúme. Seria uma reação natural, não é, querida Frineia?"

"Eu mandaria açoitar a criada, pela insolência e pelo linguajar desrespeitoso. E depois mandaria buscar a escrava."

Praxíteles sorri e bate palmas:

"Exatamente. E então a escrava chegaria, vestida. Tu mandarias que ela ficasse nua. Ela hesitaria um pouco, mas teus olhos imediatamente a fariam perceber que resistir à tua ordem seria encomendar sua morte. A escrava tiraria a roupa. Algo de que estou narrando é anti-natural?"

"Não. Talvez eu mandasse açoitar também a escrava, por demorar a despir-se."

"Claro. Muito justo. Mas seria melhor primeiro fazer a comparação. Dás a volta à escrava, sempre olhando para aquele traseiro bem proporcionado, firme, desejável, uma verdadeira formosura, de qualquer ângulo que seja olhado. Então tu paras. Precisas dirimir uma dúvida. Precisas olhar para teu próprio corpo. Não há homens em tua alcova. Então, para que fazer cerimônia?"

Praxíteles, de pé, à frente de Frineia, executa os movimentos enquanto os descreve:

"Com a mão esquerda, pegas tua veste e a levantas. Como a túnica é bem comprida, é preciso um gesto largo, é preciso que a mão vá até a altura da cabeça, para que as tuas divinas nádegas apareçam por inteiro. E aí... Tentas olhar teu próprio traseiro. Não importa se a visão é por demais limitada. A intenção é absolutamente natural. Discordas, querida Frineia?"

"Não. É possível que eu fizesse exatamente isso. E depois iria para a frente de um espelho, é claro."

"É claro". Praxíteles está radiante. "Então, vamos posar mais um pouquinho, minha Afrodite Calipígia?"

Frineia ri. Enquanto volta a subir na banquetta, pergunta:

"Não tens medo que alguém ouça tuas blasfemas invocações?"

"Meu pai está surdo e quase cego. Meu filho, se entrar aqui, terá o mesmo castigo que darias à tua criada insolente."

Frineia tenta colocar-se na mesma posição, o que não é tarefa fácil. Praxíteles, dando voltas em torno dela - e às vezes passando com seus olhos a centímetros da parte do corpo de Frineia que a estátua - e suas inumeráveis cópias - tornaria célebre para a toda a eternidade - dá diversas orientações. Segura o braço esquerdo da hetaira. Pede que ela gire ainda mais o pescoço. Quando está quase satisfeito, e abaixa-se um pouco, para obter ângulos inferiores mais generosos do olímpico traseiro de Frineia, ouve um alarido às suas costas. Praxíteles, contudo, não abandona seu trabalho. Quase de cócoras, olha para cima, num êxtase artístico, numa iluminação quase divina, num orgasmo estético. Nesse exato momento, entra no recinto um homem alto, forte e bem vestido. É Eutiade, amante de Frineia. Ele não gosta nada do que vê e grita:

"Por todos os deuses do Olimpo, o que é isso?"

Galcinus, criado de Praxíteles, bem atrás de Eutiade, está muito nervoso. Mal consegue balbuciar para seu patrão:

"Perdão, mestre. O nobre cidadão foi entrando, forçou passagem, eu não pude detê-lo."

Frineia, que perdeu a pose mas não perdeu a majestade, lança mil setas contra Eutiade com seus olhos. E não deixa Praxíteles falar. É ela que, descendo lentamente da banquetta, responde, em tom que lembra a maneira dos espartanos falarem antes de degolarem seus inimigos:

"Os deuses do Olimpo terão que descer todos para te salvar, Eutiade. E é bom que desçam já, porque tua morte é iminente."

"Ele te olhava de um modo imoral", diz Eutiáde, apontando para Praxíteles e tentando manter-se no ataque.

É inútil. Frineia, agora bem na frente dele, coloca seu dedo indicador direito na frente do nariz de Eutiáde e continua dardejando:

"Animal miserável! Tua atitude é tão vil que não merece qualquer intervenção divina. Serás jogado aos cães." Fala cada vez mais alto. "Sim. Aos cães ferozes e famintos, completamente nu! E com teu falo coberto de sangue de cordeiro, para que ele seja arrancado em primeiro lugar."

"Frineia, por Zeus! Estás exaltada demais."

"Não! Ainda nem comecei a exaltar-me. Quando sairmos daqui, verás o que acontecerá, animal desprezível. Nem os cães te merecem. Tua carne seria repugnante demais. Creio que o mais adequado seria enterrar-te vivo... Não. Deves ficar insepulto, como aqueles que cometem as mais pérfidas traições. Viste Antígona?"

"Que Antígona?"

"A peça de Sófocles, poço de ignorância."

"Não gosto de ir ao teatro. Me dá sono."

"Eu juro, por Ares, que dormirás eternamente se não saíres já daqui. Já!"

"Frineia..."

A hetaira começa a empurrar Eutiáde em direção à porta. Galcinus abre caminho. Eutiáde não consegue resistir. As duas mãos de Frineia pressionam seu peito com a força extraordinária que assiste aos humanos em momentos de justificado furor. É a chamada cólera divina. Frineia sempre soube invocá-la nos momentos mais delicados de sua longa e bem-sucedida carreira de hetaira.

"Cala a boca, verme. És mais desprezível que o mais desprezível dos meus escravos."

Na porta. Eutiáde ainda tenta alguma coisa:

"Preciso falar contigo."

"Nunca mais falo contigo, ser nauseabundo."

E, com um último empurrão, expulsa o amante do recinto. Galcinus fecha a porta. Frineia, com a fúria ainda em seu rosto, volta-se para Praxíteles e diz:

"Isso não voltará acontecer. Tenho amantes que seriam capazes de matar esse insolente por um beijo em meu pé."

Praxíteles sorri. Pouco a pouco, Frineia se acalma. Logo está de volta à banquetta. Praxíteles olha para um grande bloco de mármore, novinho em folha, apanha o cinzel e, inspirado pela deusa do amor e pelas contas a pagar, inicia sua obra-prima.

Quando, já na madrugada, Frineia - esgotada e com torcicolo -sai da casa de Praxíteles, acompanhada de duas criadas e de um escravo, Eutiade surge inesperadamente e barra-lhe o caminho. Frineia desvia-se e continua caminhando, como se ele não existisse.

"Peço desculpas", suplica ele. "Fui leviano e mal-educado. Mas deves compreender-me: é o amor que faz as pessoas abandonarem a razão e agirem como insensatas."

"Então, tua paixão é mesmo gigantesca", brinca Frineia. Mas Eutiade é bronco demais para perceber o gracejo. E até sorri antes de dizer:

"Agora é que percebes? Te amo desde que te vi pela primeira vez. Frineia, por favor, olha para mim."

"Não posso. Dói-me o pescoço."

Eutiade troca o lado em que caminha, buscando o olhar de Frineia.

"Vamos para a minha casa", convida Eutiade. "Tenho um presente para ti."

"Nem que me ofertasses néctar e ambrosia, fabricados pela própria Afrodite", diz Frineia. "Vou passar unguento em meu pescoço e dormir. O carro de Apolo passará por cima da minha casa e eu continuarei dormindo." Olha, ameaçadora, para as criadas e para o escravo. "E ai de quem me acordar! Nem que o próprio Zeus, pai dos homens e dos deuses, me chame. Está entendido?"

"Podes dormir em meu leito", diz Eutiade. "Já o fizeste algumas vezes, sem nada reclamar."

"Outros tempos."

Eutiade vai perdendo a paciência. Seus olhos, que antes imploravam, agora começam a mostrar ódio e ressentimento. Ele fala bruscamente:

"Os tempos não mudam tão depressa assim, hetaira. Tenho duzentos mil dracmas para ti."

Frineia responde sem olhar para Eutiáde:

"Estás me confundindo. Tenho, por acaso, o cabelo tingido de açafião, como as pornai? Carrego uma doce flauta, como uma auletriz?"

"Não. Mas sei que nunca recusaste alguém por cem mil dracmas. Estou te oferecendo o dobro."

"Enfia."

Eutiáde não entende a expressão de Frineia:

"Enfiar? Enfiar o quê?"

"Teus duzentos mil dracmas."

"Onde?"

"No teu ânus. Talvez assim tenhas a noite de prazer que tanto desejas."

Perplexo, Eutiáde para de caminhar. Ainda demora alguns segundos para compreender toda a extensão do insulto de Frineia. Quando, finalmente, percebe o que ela acaba de dizer, sua fúria o faz gritar para a hetaira, que já vai longe com seus acompanhantes:

"Hetaira maldita! Julgas ter a forma das deusas, mas não passas de uma pornai de alto custo. Teus dias de glória estão perto do fim, é o que juro por todos os deuses. Se não queres te deitar comigo, vais deitar-te no barco de Caronte, que leva as almas negras como a tua para o mais miasmático recanto do reino de Hades."

Nesse momento, abre-se a janela de uma casa próxima e surge o rosto de um cidadão gordo e sonolento, que exclama:

"É para onde vão também pessoas como tu, que acordam os cidadãos de madrugada com essas bravatas de criança mimada. Vai satisfazer-te com a mão, desgraçado!"

E fecha a janela. Eutiáde tira a sandália do pé esquerdo e a joga, com toda a força, na janela. O velho reaparece e começa a gritar:

"Socorro! Esse celerado está me agredindo."

Eutiáde faz um muxoxo para o velho, atira a outra sandália, desta vez errando o alvo, e se afasta, com medo de que mais alguém testemunhe seu triste papel de rejeitado. Na cama, não consegue dormir. Quando o sol nasce, jura para si mesmo que, se não pode

saborear a carne Frineia - sua pele macia, seus seios esplendorosos, seus alvos braços, suas pernas rijas e, principalmente, suas divinas nádegas -, pelo menos, algum dia, saboreará uma vingança terrível. Então bate palmas e manda que lhe sejam trazidas duas escravas, recém-adquiridas, sendo uma delas, segundo o vendedor, ainda virgem. Está cansado demais para usar a própria mão.

Ficar em casa e esperar. Era o que eu deveria fazer. Eu mal conhecia Laura Pascoal, não tinha qualquer contato com a família dela, e eu sempre evitara meter o bedelho em assuntos que não eram meus. Se ela tentara o suicídio, devia ter seus motivos. Se ela estava em crise existencial - o que era evidente, pela reviravolta radical que pretendia dar em sua carreira - o que eu tinha a ver com isso? Nada. Ela tinha marido, filhos e até um editor preocupado, que me ligara para saber se eu tinha alguma coisa a ver com a quase tragédia. Mas o que Leonan estava pensando quando me ligou? Que eu ligara para a autora, no meio da noite, para dizer que o romance dela era uma merda? Que eu a fizera perceber a enormidade do seu fracasso e a levara direto ao vidro de remédios? De repente, fiquei puto com o Leonan. Depois de tantos anos de correta convivência profissional, ele me tomava por um amador?

Pensei em telefonar para ele e esclarecer o assunto. No entanto, como logo percebi, minha fúria não passava de um pretexto para saber novidades sobre Laura Pascoal. Já eram nove da manhã, e eu não tinha tomado café, nem lido o jornal, nem entrado na internet para checar as mensagens, o que faço sempre antes das oito e meia. Minha rotina estava prejudicada. Decidi sair. Peguei o carro. Saí da garagem do edifício com a certeza de estar indo para a Biblioteca Pública, onde continuaria minha pesquisa sobre a degola, essa interessante forma de matar pessoas tão popular nas revoluções gaúchas. Poucos minutos depois, contudo, eu estacionava o carro numa transversal da avenida Venâncio Aires, bem perto do Pronto-Socorro. Não saí do carro imediatamente. Mais uma vez, pensei que era uma ideia péssima. Uma ideia totalmente fora de propósito. Uma ideia que não combinava com meu estilo discreto. Então saí do carro e caminhei, decidido, para o Pronto-Socorro.

Na entrada do prédio, parei e olhei para a grande sala de espera, lotada e confusa. Leonan, sentado num banco de madeira, segurava um cigarro apagado entre os dedos. Tinha olheiras e ar preocupado. Ao lado dele, sentados no mesmo banco, dois garotos fortes, o mais velho com uns dezoito anos, o mais moço talvez quinze. Eu sabia que Laura Pascoal tinha dois filhos, e supus que eram eles. Estava me preparando para caminhar até lá, quando um homem de uns quarenta e cinco anos - alto, forte e bronzeado - vestindo um abrigo esportivo, apareceu de repente, vindo da escada, e começou a conversar com Leonan e com os dois garotos. Só podia ser o marido de Laura e pai dos garotos. Eu me encostei na parede e decidi esperar. Aparentemente, o marido não estava tão preocupado quanto Leonan. Ele gesticulava bastante, sacudia a cabeça de um lado para o outro, como se não acreditasse em alguma coisa. E suave bastante. Mesmo de longe, dava pra perceber que ele transpirava a ponto de molhar o abrigo. Os garotos começaram a discutir entre eles, primeiro com calma, depois com veemência. O pai fez um gesto ríspido e encerrou a disputa. Leonan parecia confuso e fazia perguntas, que o pai respondia meio contrariado.

Os quatro não viram quando o elevador abriu e Laura Pascoal apareceu no saguão, de óculos escuros e roupas amassadas. Mas eu vi, e ela me viu. Laura olhou para o marido e os filhos, e eu tive certeza que ela iria até eles. No entanto, ela rapidamente virou o rosto e caminhou na minha direção.

"O senhor está de carro?", perguntou.

"Estou", respondi.

"Pode me dar uma carona?"

"Claro."

"Então vamos rápido, antes que eles me vejam."

Saimos juntos, atravessamos a Venâncio Aires e logo estávamos dentro do meu carro, uma camionete mais velha que o filho mais velho de Laura. Motor reformado, bateria nova, pneus reconicionados. Eu me virava como podia. E não podia muito. Laura tentou abrir o vidro da sua janela, mas aquela maçaneta exigia um jeitinho especial para funcionar. Eu pedi licença e, estendendo o braço por cima dos seios de Laura, tomando todo o cuidado para não tocá-los, consegui abrir a janela. Ela agradeceu. Eu liguei o motor, que, como sempre, respondeu primeiro com um gemido agudo (o mecânico queria trocar o arranque, mas eu não deixei) e depois com uma série de roncões surdos. O importante é que a joça andava. Manobrei até fazer a camionete abandonar a vaga e misturar-se ao trânsito. Não sabia o que dizer. Laura sabia:

"Não quero ir para a minha casa."

"Tudo bem."

"Algum problema se formos para a sua?"

"Não."

"Ótimo."

Dirigi calado até o meu edifício. Quase no fim do curto trajeto (eu morava na Cidade Baixa, a menos de três quilômetros do Pronto-Socorro), paramos num posto de gasolina para comprar cigarros. Ela logo acendeu o primeiro e tirou os óculos escuros. Não estava com olheiras, nem com qualquer sinal evidente de ter passeado perto do lado de lá. Mas eu nunca estivera ao lado de uma quase suicida, de modo que minha avaliação não tinha qualquer rigor científico. Enquanto eu entrava na garagem do meu edifício, apertada, escura e levemente mal cheirosa, ela perguntou:

"Como o senhor ficou sabendo que eu estava lá"?

"O Leonan me ligou."

"A que horas?"

"Antes das sete. O dia estava nascendo."

"O Sávio deve ter ligado para o Leonan." Pequena pausa. Laura olhou para mim e explicou: "O Sávio é meu marido. Ele sabe que entreguei os originais para o Leonan. Mas por quê o Leonan ligou para o senhor?"

Sáimos do carro e começamos a subir a escada que levava ao térreo. Eu demorei para responder. Não podia dizer que os originais estavam comigo e muito menos que Leonan chegara a considerar a possibilidade de que eu estivesse envolvido na tentativa de suicídio. Naquele exato momento, lembrei que os originais estavam em cima da mesa da sala, bem à vista de quem entrasse no apartamento. Então disse uma meia-verdade:

"Ele queria saber se a senhora tinha me ligado ontem à noite."

Ela pareceu satisfeita. Quando chegamos na porta, eu disse:

"Eu vou entrar antes, porque..." Por mais que eu procurasse uma boa desculpa para deixá-la esperando no corredor enquanto eu sumia com os originais, nada aparecia. Então, no limite do desespero, disse a primeira coisa que me veio na cabeça:

"Deixa só eu prender o cachorro."

"Eu gosto de cachorro."

"Mas ele talvez não goste da senhora. E é bem grandinho."

Entrei, batendo a porta às minhas costas. Peguei os originais, levei-os para o quarto e escondi-os em baixo do colchão da cama. Não via qualquer possibilidade de Laura conhecer minha cama naquela manhã. Fiz um pouco de cera, arrumando as almofadas no sofá da sala, e depois abri a porta para Laura, enquanto explicava:

"O cachorro é do meu vizinho. Ele teve que sair com urgência ontem à noite, a mãe dele estava passando mal, e deixou o bicho comigo. Agora tá tudo bem, levei o cachorro pela saída de serviço, nos fundos. Depois eu pego ele de volta. Tenho a chave do outro apartamento. A gente é amigo. Dois solteirões, sabe como é. A gente tem que se ajudar."

Mais mentiras. Mais merda saindo pela minha boca. Senti que, quanto mais falava, mais me complicava. Decidi ficar quieto. Conduzi Laura para o escritório, pelo caminho que ela já conhecia. O apartamento, à luz do dia, revelava muito mais suas precariedades que durante a noite, quando eu mantinha poucas luzes acesas, e todas elas eram convenientemente fracas e cuidadosamente

posicionadas. Eu não tinha dinheiro, mas sabia criar um clima de elegante mistério com abajures e luminárias antigas, compradas do meu amigo Freire, com grandes descontos, no brique da Redenção. Para compensar os preços mais que especiais, de vez em quando eu pesquisava sobre móveis e objetos de decoração do início do século para Freire. A gente é amigo. Dois duros, sabe como é. A gente tem que se ajudar.

Abri um pouco a veneziana da janela do escritório, e a luz do sol do meio-dia entrou com toda a sua deselegância. Percebi que Laura, depois de acender um novo cigarro no que estava no fim, sentara na poltrona de veludo vermelho, quase de frente para a janela, de modo que aquela claridade exagerada a incomodaria. Fechei a veneziana e acendi um abajur. Coloquei o cinzeiro sobre o braço da poltrona e disse, desta vez falando a mais pura verdade:

“Eu tenho alguns documentos e livros bem antigos aqui no escritório, e por isso o sol quase nunca tem direito de entrar.”

“Mas a umidade não é pior ainda?”

Apontei para o desumidificador, que ficava num canto escuro, e depois para o ar-condicionado.

“É uma luta eterna. Porto Alegre é uma péssima cidade para papel velho.”

Laura olhou para mim e sorriu, o primeiro sorriso que aquela boca teve a bondade de me oferecer. Eu já estava apaixonado, claro, e minha alma já se sentia em absoluta comunhão com a de Laura, mas a visão daquele sorriso foi uma espécie de confirmação, de crisma, para os meus absurdos sentimentos juvenis. Assim que terminou de sorrir, Laura, em meio à fumaça do seu cigarro, disse:

“Eu não tentei me matar. Eles é que querem que eu morra.”

Dois meses se passaram, e Frineia não teve mais notícias de Eutiade. Até esqueceu dele, um cliente que nunca lhe despertara qualquer simpatia, com quem nunca discutira uma peça de Ésquilo, ou a tenacidade de Odisseu. Às vezes, ao posar para Praxíteles, Frineia devaneava sobre as figuras maravilhosas criadas pelos poetas. Chegou a sugerir a Praxíteles, certa vez, que fizesse uma estátua de Penélope em seu tear. Ela posaria de graça. O escultor, como sempre, fez que não ouviu. Depois do sucesso da última Afrodite, nua em pêlo, só faria uma estátua de Penélope se esta estivesse saindo ou entrando no banho, o que, com certeza, não combinaria com a trama homérica nem agradaria aos cidadãos atenienses. Há limite para tudo.

A estátua finalmente ficou pronta, na véspera da grande festa de Posídon, e Frineia, ao admirar pela primeira vez a obra concluída, teve certeza que seu esforço seria recompensado. Recebeu o insignificante pagamento de Praxíteles e confirmou o local em que sua sósia de mármore seria colocada no dia seguinte: bem no centro do templo de Afrodite, de onde seus pétreos olhos poderiam divisar a imponente escadaria e, depois dela, o suave declive que levava à areia da praia e às ondas do mar. Teve dificuldades para dormir, tanto que pediu às criadas que lhe preparassem uma infusão calmante, e só pregou os olhos quando o carro de Apolo anunciava sua chegada no horizonte sem nuvens. Quando acordou, já na hora do almoço, descobriu-se mais nervosa ainda. Chamou as criadas aos gritos e mandou que fossem, todas, ao templo de Afrodite, para ouvir o que o povo falava.

"Espalhem-se pelo templo", ordenou Frineia. "Não digam nada, apenas escutem, tanto os ricos quanto os pobres, tanto os homens quanto as mulheres, tanto os poderosos quanto os escravos. Quero a opinião dos soldados, dos filósofos, dos artistas e até dos que não fazem nada, a vida inteira, além de emitir opiniões maldosas sobre o que os outros fazem. Perguntem discretamente, ajam como se estivessem ali de passagem, ou esperando a festa do final da tarde, ou simplesmente apanhando a brisa dos domínios de Posídon. E voltem logo para me contar, palavra por palavra, o que ouvirem."

Quando voltaram, sorridentes e algo ruborizadas, Frineia ouviu coisas como:

"Não é apenas uma estátua. É a própria representação material do divino amor!". De um jovem filósofo.

"Nunca, escultor algum, obteve tal prodígio: em vez de representar a beleza sem par de Afrodite, deve fazer Afrodite enciumar-se das curvas do mármore." De um velho poeta.

"Tenho vontade de subir lá, arrancá-la do pedestal e levá-la para casa." De um soldado.

"Quanto mais eu dava voltas em torno dela, olhando para seu traseiro, mais ficava tonto. De repente, percebi que eu estava parado. Era a estátua que adquirira vida própria e rodava em minha mente." De um cidadão tonto, que se apoiara na parede do templo.

"Não foi Frineia quem posou para Praxíteles. Foi a própria Afrodite, de resplandecente diadema, que desceu do Olimpo, encarnou na hetaira, tomou as mãos do escultor e presenteou-se em mármore para os cidadãos de Atenas." De um poderoso e influente comerciante, que julgava ter uma veia dramática.

Quanto mais ouvia, mais excitada ficava Frineia. Sentia um fogo interior, um calor gelado que percorria todo seu corpo, em calafrios ardentes de triunfo. O que diriam agora dela as submissas esposas, recolhidas aos seus castos aposentos? É claro, continuaria despertando ódio. Só que agora teriam que odiar a própria deusa do Amor. O amor que as esposas gregas não eram capazes de dar aos seus maridos, porque eram acanhadas demais, pudicas demais, donas de um frio recato que transformava qualquer ato sexual numa triste cerimônia de atos já mil vezes encenados. Para Frineia o amor carnal era a representação terrena das paixões divinas, das emoções que faziam os próprios senhores do Olimpo se metamorfosearem em animais para encontros luxuriosos com deliciosas mortais de alvas carnes. Frineia, que já se imaginara tantas vezes recebendo uma destas visitas - gostava especialmente de fantasiar que se deixava penetrar por um grande cisne - agora era capaz de inverter os papéis e também sonhar consigo mesma partindo da morada dos deuses, no corpo de um animal de brilhantes cascos ou esplêndidas asas, para acasalar-se com algum mortal - ou alguma mortal, por quê não? - numa praia deserta.

Súbito, ordenou que as criadas se calassem - cada uma queria superar as demais com suas lembranças do falatório no templo de Afrodite - preparassem um banho e reservassem suas mais finas vestes. Frineia decidira sair. Depois de anos encenando o amor terreno para clientes ricos, mas de mau-hálito; poderosos, mas de falo nauseabundo; atenciosos, mas pobres de espírito; bem-intencionados, mas terrivelmente desajeitados no sexo, encenaria o Amor Divino para toda a Pólis. Frineia, a hetaira, seria, naquele final de tarde, Afrodite, a deusa.

"Agora o manto azul", pede Frineia.

As criadas lhe alcançam a grande e volumosa peça, feita para as sombrias noites de inverno, e não para aquela luminosa tarde de verão. Cuidadosamente, envolvem o corpo de Frineia, já ricamente adornado por tecidos mais leves que o vento. A hetaira joga ainda um pano sobre a cabeça. Agora ninguém poderá reconhecê-la até o momento decisivo.

"Podem ir para a praia, mas não se aproximem de mim, a não ser que eu chame", ordena Frineia. E abandona sua rica casa, sentindo as pernas trêmulas e com seu coração pulsando desvairado. À medida que se aproxima do templo, porém, os deuses, já reunidos no Olimpo e esperando o espetáculo prometido, insuflam-na com a coragem necessária. Seus passos, algo trôpegos, ficam firmes. A própria Afrodite, entre um gole e outro de néctar, envia bons eflúvios para a mortal que aprendeu a admirar, tanto pelo corpo harmonioso como pela dedicação sincera e extremada à arte do amor carnal, em que inventou duas ou três coisinhas que a própria deusa desconhecia. Frineia retira o pano da cabeça, que lhe dificultava a visão. O grandioso templo de Afrodite surge à sua frente. "A sorte está lançada", pensa Frineia.

Ainda protegida pela sombra do manto, Frineia dá a volta ao templo e sobe, bem devagar a larga escadaria, evitando olhar para cima. Só quando está a poucos metros da estátua, levanta a cabeça. Primeiro vê o pedestal, depois suas pernas, depois suas nádegas. Continua andando, até que está ao pé da deusa. Dá as costas para a estátua. Percebe que não só o templo regurgita de atenienses, mas todo o campo em declive leva ao mar. O carro de Apolo se aproxima do horizonte, envolvendo a todos numa luz quente, a um só tempo acolhedora e majestosa. Frineia respira fundo. Teme. Reflete. tem medo de ser chamada de louca, de pornai, de blasfema. No entanto, é tarde demais para desistir.

Com um gesto largo, retira o manto, revelando seu rosto alvo, seus loiros cabelos cuidadosamente arrumados em delicadas tranças que se espalham sobre sua cabeça, seu pescoço retilíneo, seu famoso corpo, cantado em versos para muito além do Peloponese, sobre o qual o mais tênue dos tecidos balança, ao sabor da fresca brisa marinha. Seus pés, em sandálias adornadas com pequenas flores silvestres, e tantas vezes beijados reverentemente por quem manda matar como quem manda trazer o jantar, são a base perfeita de uma figura que só tem duas rivais: uma é de mármore, e está a menos de um metro, à vista de uma formidável multidão; a outra é da substância com que sonham os homens em suas noites mais febris, e está no Olimpo, onde mortal algum já esteve.

Quando os primeiros cidadãos percebem que, junto à estátua, como um reflexo num divino e prodigioso espelho, está uma figura viva, que respira, que tem suas vestes tocadas pelo vento e olha para as espumas do mar, recuam, formando um círculo de admiração, respeito e algum temor. É como se não tivessem o direito de estar ali, na presença de alguém que, se não é uma deusa, também não é uma simples mulher. Alguns deles reconhecem Frineia, sabem que é a hetaira que pousou para Praxíteles, mas estes dados insofismáveis não são suficientes para quebrar o tempo mágico e o espaço místico que se formou, desde o pórtico do templo de Afrodite, até a morada de Posídon, cuja marítima festa alcança uma intensidade dramática - e erótica - nunca dantes imaginada.

Frineia dá um passo à frente e, ao mesmo tempo, retira uma fina faixa que cruza seu nobre torso, do ombro esquerdo até a cintura. Deixa que a faixa caia ao chão. Toda a sua veste é formada por pequenos panos de reduzida espessura, artisticamente sobrepostos, quase como escamas de um impossível peixe de sangue quente. A multidão, a essa altura, já percebeu o que está acontecendo. Depois de um murmúrio, que correu como um veloz regato entre as pedras, quando as pessoas apontavam para Frineia e punham os ainda desavisados em alerta, agora reina um silêncio denso como o fundo do oceano.

A hetaira alcança os degraus. No primeiro, é um pano de seu colo que cai, livrando seus seios. Mais quatro degraus, e suas costas ficam inteiramente nuas. A multidão recua, tantalizada. São milhares de olhos que se tornam prisioneiros de Frineia, ou de Afrodite, não há mais diferença. Nos últimos degraus, a hetaira deixa cair a delgada faixa que, em sua cintura, mantinha os panos que lhe cobriam a cintura e as pernas. Seu púbis de negros pêlos resplandece ao sol. Suas nádegas saúdam, em rítmicas circunvoluções, quem já ficou à retaguarda. Finalmente, seus pezinhos abandonam as sandálias. Frineia, sempre no mesmo andar sem pressa, atravessa o gramado em declive e alcança a pequena praia. Alguns olham para a marca que seus pés deixam nas brancas areias, como se precisassem confirmar que ali, diante de seus olhos, estava um ser de verdade, com peso e substância, e não a metafísica e incorpórea ideia da perfeição estética.

Frineia chega ao mar e continua avançando. Vem a primeira vaga, que lambe seu corpo, como a prová-la. Depois outra, e outra, sedentas, famintas, cada vez mais altas e gulosas. Frineia mergulha na espuma, e a multidão, em unísono, provavelmente regida pela mão da própria Afrodite, suspira. Por alguns minutos, Frineia nada com energia. Depois, desaparece, trazendo alguma preocupação para seus súditos. Mas logo está de volta, e sai das águas com tanta altivez que parece andar sobre as ondas. Mais uma vez a multidão, sempre muda, abre caminho para Frineia. Agora, com seu corpo adornado por centenas de gotas, verdadeiras pérolas oferecidas pelo próprio Posídon, que cintilam quando atingidas pelos dardos dourados do carro de Apolo, a hetaira, definitivamente, não é mais humana. É Afrodite nascendo. É o Amor surgindo do mar para penetrar nos corações das mulheres e dos homens apaixonados. Frineia mantém o passo, sai da areia, sobe o campo que leva ao templo e, quando alcança a metade da formosa escadaria, pára e vira seu pescoço para trás e para baixo, por cima do ombro direito, na direção da multidão, que se acotovela na praia. Ali, naquele instante, gregos e gregas vislumbram, ao mesmo tempo, a estátua de Praxíteles e sua modelo, agora elevada a um patamar divino. A semelhança dos corpos e dos gestos é tamanha que ninguém seria capaz de dizer o que é mármore e o que é carne, pois a essência do momento tem outra substância qualquer.

Duas criadas se aproximam de Frineia e envolvem-na no manto azul. Frineia dá um passo à frente e penetra na sombra do pórtico.

É como se desaparecesse em pleno ar. O único som que se ouve é o bramido do mar. Então uma onda percorre a multidão, um frêmito que abafa a voz do oceano, elevando-se das gargantas de homens e mulheres que vencem seu surdo estado de estupefação para vibrar e declarar, sem qualquer palavra compreensível, a intensidade do que assistiram, o maravilhamento que tomou seus espíritos, o transbordar de seus sentidos. É um barulho estrepitoso, só obtido quando a emoção é compartilhada coletivamente e encontra apoios, faz ecos, transforma o som numa vibração veloz e quase aterradora, pela sua força e pela sua majestade. O estrondo dura mais alguns instantes e depois desaparece rapidamente. Homens e mulheres se olham, embevecidos. E mesmo os incrédulos (que não são tão poucos assim), os que cumprem os rituais religiosos apenas como uma obrigação da vida em sociedade, são obrigados a admitir: Zeus talvez não exista, mas Afrodite, com toda a certeza, acaba de passar diante de seus olhos.

Sob o manto azul e cercada pelas suas criadas, Frineia, nessa altura, já se aproxima de sua casa. O carro de Apolo está encerrando sua trajetória. A hetaira, apesar de molhada, não sente frio, nem calor, nem qualquer reles emoção humana. Frineia nem pensa. Apenas vive os últimos momentos de uma tarde tão grandiosa que não consegue avaliar por inteiro. Todos sempre pensavam que ela tinha tudo: uma beleza sem par, dinheiro, amantes, fama, poder e todos os divertimentos, dos mais baixos aos mais sublimes. Mas Frineia nunca tivera o que tinha naquele momento: uma verdadeira paz de espírito. Se Penélope adquirira sua glória imortal pelo seu recato e pela sua confiança no regresso do esposo, Frineia também esperara muitos anos para demonstrar que sua vida era muito mais que uma sucessão de favores sexuais, pagos em ouro, prata e finas obras de arte. Sua vida adquirira, finalmente, um aspecto transcendente. Não seria mais vista como uma mercadora do amor terreno, mas uma representante do Amor divino.

Quando vai ultrapassar o elegante pórtico que leva ao jardim de sua casa, a trajetória de Frineia é interrompida por Eutiáde. Ela pára. Suas criadas estão assustadas. Eutiáde fala, e cada uma de suas palavras têm o amargor do mais pútrido fel:

“Lembras de mim, hetaira? Lembras que uma noite me recusaste, apesar de eu oferecer-te o dobro do que cobras? Lembras que eu me dizia apaixonado, que só pensava em ti, que estava disposto a qualquer sacrifício para ter teu corpo em meu leito? Com certeza lembras também dos insultos que arremessaste a um cidadão honrado, que agia dentro da lei e que te desejava com sofreguidão. Estou aqui para lembrar-te que jurei que tua infâmia não permaneceria impune. Hoje, na praia, quando saíste das espumas, pensando que eras a própria Afrodite renascida, eu compreendi a vasta extensão de tua arrogância, o negror de tua vaidade, a monstruosidade de tua soberba. Achas que a multidão te ovacionou, cadela? Estás enganada. A multidão estava cega pelo esplendor de tua nudez. A multidão agiu como o pequeno bezerro recém nascido, que ainda não abriu os olhos e procura, por instinto, o leite no seio de sua

mãe. Amanhã não haverá uma multidão, e sim cidadãos que poderão julgar, com racionalidade e temor aos deuses, o que fizeste, o que tentaste representar, de forma vil e blasfema. Pensavas que agora tinhas uma via desimpedida até o cume do Olimpo? Ingênua e imoral criatura! Pavimentaste teu caminho para os domínios de Hades!”

Eutíade, assim que termina sua maldição, desaparece. Frineia fica algum tempo imóvel, com a cabeça baixa, sem ouvir os balbucios atemorizados das criadas. Então, outra vez uma mortal, atravessa o pórtico, cruza o jardim e entra em sua casa. O carro de Apolo desaparece. A noite cai sobre Atenas.

A versão de Laura Pascoal para a sua suposta tentativa de suicídio não era uma quase-tragédia. Era uma comédia de erros completa. Enquanto ela me contava tudo, sem que eu tivesse pedido, eu observava explicitamente seu rosto, que exibia uma mistura de indignação e infelicidade, e, discretamente, seus tornozelos. Laura estava de calça, mas as pernas cruzadas deixavam bem à vista os objetos de minha admiração. É bom esclarecer que nunca fui do time dos fetichistas, esses caras que dão a vida por uma parte ínfima do corpo ou da roupa de uma mulher, esquecendo todo o resto. Eu queria os tornozelos e também todo o resto.

"Até compreendo que o Sávio tenha se preocupado, quando percebeu que eu não estava na cama", disse Laura. "Eu dormi no sofá, e quando ele me sacudiu tive alguma dificuldade para acordar. Tinha tomado um sonífero e um copo de uísque. Sou muito fraca pra essas coisas. Nunca tomo uísque. A mistura é que me derrubou. Mas eu consegui dizer que estava bem. Tá certo, não me esforcei muito para demonstrar que estava bem. Não faço muito esforço pelo Sávio atualmente. Também não ajudou muito o fato de eu vomitar no tapete. E daí? O tapete é meu. Comprei com o meu dinheiro. Se eu quiser vomitar em cima dele, vomito."

Laura fez uma pausa. Parecia contrariada consigo mesmo, como se tivesse falado algo pessoal demais para um desconhecido como eu. Resolvi acudi-la:

"É natural que ele ficasse preocupado."

Laura irritou-se:

"Ficar preocupado é natural. Me levar para o Pronto-Socorro e tentar me enfiar um tubo naquele lugar não é natural. Ele me levou à força. Quanto mais eu berrava, mais ele me apertava. Eu gritava que só tinha tomado um comprimido."

"Talvez, na confusão, ele não tenha ouvido a senhora."

"Claro que ouviu." Ela me olhou, bem séria, antes de continuar. "Vamos fazer o seguinte: me chama de Laura, e eu te chamo de... Desculpe, eu esqueci o teu nome."

"Frederico."

"Frederico, esse negócio de senhor e senhora faz com que eu me sinta uma velha. Eu sou uma velha, mas não preciso estar consciente disso o tempo todo."

"Tudo bem. Mas velho sou eu."

Ela ignorou minha tola observação.

"Quando eu estava quase convencendo o Sávio a me levar pra cama, apareceu o Guto, o meu filho mais velho. Ele estava assustado. Tinha acordado com o barulho da nossa discussão. Abriu uns olhos quando viu o meu estado, e aí disse que tinha me visto tomando os comprimidos quando chegou em casa."

"Laura, tu disse há pouco que tinha tomado apenas um comprimido."

"Daquela merda pra dormir! Mas antes tomei uns dez de levedo de cerveja, às vezes tomo quinze, faz bem pro estômago. Ajuda meus intestinos. O Guto me viu tomando aquele monte de comprimidos quando chegou do futebol, todo sujo e suado. Eu tinha tomado uma dose de uísque e não queria que ele percebesse, por isso só acenei pra ele da cozinha e disse boa noite. Ele respondeu e foi tomar banho. Aí tomei o Halcion. Era o último do envelope."

"E aí o teu marido, no dia seguinte, te encontrou sonolenta, no sofá, havia um envelope vazio de soníferos na cozinha e o teu filho garantiu que tinha te visto tomando um monte de comprimidos."

"É. Mas o que precipitou tudo foi o vômito no tapete. Gozado, depois de vomitar eu me sentia muito melhor, mas o Sávio começou a me arrastar, e eu estava fraca demais para resistir. No Pronto-Socorro, praticamente me amarraram. Só consegui fugir porque fingi que estava desacordada e, quando a enfermeira olhou pro lado, saí correndo e tive a sorte de pegar o elevador."

"É uma boa história", avaliei. "Talvez rendesse um conto."

"Será? Quem se interessaria em ler a história de um suicídio que não era suicídio?"

"Muita gente, se a história fosse bem contada."

"Acho que eu não conseguiria escrever uma linha com base em coisas que aconteceram comigo. Eu sempre pensei assim: o que as crianças querem ler? Algo que jamais aconteceria com elas, algo que as fizesse sair do cotidiano, da vidinha chata com os pais, com as tias no colégio. Eu sempre escrevi pensando que a vida da gente tinha que ser muito mais emocionante. As crianças gostam de salvar o mundo, por exemplo."

"Eu achei tudo que aconteceu hoje de manhã muito emocionante."

Laura olhou para mim como se eu tivesse falado uma grande bobagem. Por um instante, pensei que iria dizer exatamente isso, mas, inesperadamente, perguntou:

"Posso usar o telefone? Eu saí sem o celular."

"Claro." Apontei para o aparelho em cima da minha escrivaninha. "Usa esse aqui. Eu vou pegar uma água na cozinha."

Saí do escritório e esperei uns cinco minutos. Quando voltei, com um copo de água gelada, ela estava de pé, junto à estante, examinando a seção de Grécia e Roma. Tinha acendido outro cigarro.

"Eles estavam preocupados. Iam chamar a polícia. Avisei que estou bem e já vou para casa. Disse que estava no *shopping*. Eu sempre digo a mesma coisa quando quero me livrar deles. E eles sempre acreditam, como se o *shopping* fosse o ambiente natural de uma mulher."

Entreguei o copo, e ela tomou a água em grandes goles. Apontou para os livros que estava examinando e observou:

"Tu tem muita coisa sobre a Grécia antiga."

"É inevitável. Quase todas as coisas começaram ali."

"Quem sabe tu me prepara alguma coisa sobre uma prostituta grega?" Ela hesita. "Tinha prostitutas na Grécia antiga?"

"De vários tipos diferentes."

"Ótimo. Não precisa complicar muito. Decidi escrever um conto. Umás vinte páginas, talvez menos. É muito ruim escrever mais de trezentas páginas e aí descobrir que elas não valem nada. Se o conto não vale nada, o prejuízo é menor. E eu estou mais acostumada com histórias curtas. Quem sabe dessa vez eu acerto?"

Laura parecia entusiasmada e sorriu de novo. Dessa vez, sorri de volta. Meu sorriso murchou quando ela perguntou:

"O Leonan te deu os originais do meu romance?"

Eu tinha que mentir, é claro:

"Não."

"Pede pra ele te emprestar. Se nós vamos trabalhar juntos, é bom que tu saiba o tamanho da encrenca. Eu vou escrever sobre prostitutas, isso está decidido. Sempre fiz assim: escolho um tema e não desisto até espremer uma história. Um dia vi uma florista cortando algumas flores de um buquê e trabalhei oito dias seguidos, sem parar, até terminar *A Flor que não tinha cor*. Não sabia nada sobre flores, e até hoje não sei. O Sávio foi meu primeiro leitor e achou que era uma droga. Quer dizer, ele não disse exatamente isso, mas era o que ele estava pensando. Mas os meus filhos adoraram quando eu li pra eles. Eles sempre foram mais espertos que o pai. Isso que na época nem sabiam ler direito."

"E hoje o livro está traduzido para quatorze línguas."

"Quinze. Mês passado saiu na Dinamarca. Me convidaram pra ir até lá. Talvez eu vá, algum dia." Ela aproximou-se de mim, com a mão estendida. "Eu tenho que ir. Muito obrigado pela carona. E por tudo o mais."

"Foi um prazer."

Ela recolheu a mão antes que eu a apertasse:

"Quanto vai me custar essa pesquisa sobre a prostituta grega?"

Mais uma pergunta inesperada à queima-roupa. Eu sorri e tentei ganhar tempo:

"Posso mandar o custo por *e-mail*?"

"Pra que complicar? Diz logo, Frederico."

"Eu cobro por dia de trabalho. Acho que com dois dias posso fazer uma pesquisa razoável."

"E qual é o custo de cada dia de trabalho?"

Chutei, com medo de estar pedindo demais:

"Quinhentos reais."

"É razoável. Feito."

Finalmente apertamos as mãos.

"Frederico, pode chamar um táxi pra mim?"

"Claro."

Ela ainda pediu antes de sair:

"Se, por acaso, o Sávio perguntar alguma coisa sobre mim, por favor, não conta que eu estive aqui. Eu estava no *shopping*, lembra?"

"Lembro."

"Ótimo. Da próxima vez, quero conhecer o cachorro do vizinho, sem falta."

Eu sorri amarelo. Pouco depois, os tornozelos e o resto de Laura abandonavam meu apartamento. O cachorro do vizinho me fez lembrar as várias mentiras que eu espalhara nas últimas horas, tanto para Laura quanto para Leonan. Sem falar na mentira já programada para o marido de Laura. Um pesquisador, teoricamente um sujeito que busca a verdade, não deveria mentir tanto. Só que as

coisas tinham acontecido rápido demais, e eu perdera o controle. Peguei o romance de Laura em baixo da cama e reli o primeiro capítulo. Não era ruim. Pensei que talvez, mais tarde, eu poderia convencê-la a reescrever aquela história do infeliz administrador de falências. Na nova versão, ele se encontraria com prostitutas de verdade. Então lembrei que eu nunca encontrara uma prostituta de verdade. Olhei para a estante de livros. Será que eles poderiam me salvar mais uma vez? Pensando nos tornozelos de Laura, pedi a Deus que sim e comecei a trabalhar.

Hipérides tenta aparentar confiança e tranquilidade quando entra no pequeno aposento em que Frineia, sentada numa rústica cadeira, descansa, solitária. O rosto da hetaira é uma máscara muito mais fria que o mármore. Quem a visse, naquele momento, talvez achasse que fosse uma obra esculpida pelo cinzel de um artista sem alma. Seus pensamentos estão muito longe da Colina de Ares, onde aguarda seu destino, a ser traçado pelos areopagitas no fim daquela tarde infernal. Frineia, até o dia anterior, pedia aos deuses que tudo acabasse de uma vez, que sua sentença fosse executada imediatamente, que voltasse para sua casa, ou descesse logo para a morada de Hades. Agora, contudo, não pedia nada. Nem aos deuses, nem ao seu defensor Hipérides, nem a si mesma. Simplesmente estava ali, sem qualquer emoção humana a guiá-la, como no dia dourado em que abandonara as espumas das vagas e caminhara para o templo de Afrodite. Frineia mal levantou os olhos quando Hipérides disse:

"Falei em particular com alguns deles. Ainda nos resta uma esperança. Em minha última fala, pretendo tocar-lhes o coração. É inadmissível que se deixem levar pelas pérfidas alegações de Eutiade."

Sem obter resposta, o orador aproxima-se da janela e suspira. Depois volta a dirigir-se à hetaira, mas é como se simplesmente colocasse seus pensamentos em voz alta:

"Não sei de onde pode surgir um ódio tão profundo. Sei que Eutiade era teu amante, e é natural que tivesse ciúmes, mas... Ele algum dia te pediu exclusividade? É néscio o suficiente para fazer algo assim?"

Frineia não responde. Hipérides continua:

"Nos intervalos, Eutiade conversa com os areopagitas, segreda-lhes coisas ao pé do ouvido, sempre com o semblante muito sério, muito formal. O tratante parece um modelo de virtude, um campeão dos bons costumes, um digno representante da Pólis. Eu tentei isolá-lo, procurei mostrar que nenhuma das acusações têm qualquer fundamento. Mas ele inventou testemunhas. Uma ex-criada tua, a quem ele deve ter prometido a liberdade, disse que, muito antes da festa de Posídon, já te declaravas a encarnação de Afrodite, que já dizias a todos que..."

Frineia levanta o braço e interrompe Hipérides:

"Já sei disso tudo. Não quero ouvir mais nada."

O orador se cala. Caminha devagar até chegar às costas da hetaira. Estende os braços e faz repousar suas mãos nos outrora macios e cálidos ombros, agora reduzidos a ossos duros cobertos

por uma carne quase fria, quase morta. Hipérides aperta os ombros de Frineia, lembrando os momentos de felicidade que tivera com aquela mulher pública e compartilhada por tantos outros, mas que, no leito, sabia estar presente como nenhuma outra e transformar cada beijo numa prova de absoluta fidelidade. Quem se importa que seja também uma fidelidade efêmera? Tudo é efêmero na vida, pensa Hipérides. E dali tira o início de sua última fala: "Nada dura nessa vida." E, para dar o necessário tom de otimismo: "Mas nada passa." Hipérides admira Heráclito. Mas, acima de tudo, ama Frineia. Não quer vê-la morta, o que é uma possibilidade bastante concreta. Batem à porta e alguém anuncia:

"Estão à espera."

Hipérides retira as mãos dos ombros de Frineia e diz:

"Tens que me acompanhar. Os areopagitas querem te ver, e creio que isso pode ser positivo para nós. Fica ao meu lado. Não terás que falar e ninguém te dirigirá a palavra."

A hetaira levanta e, com a fisionomia imutável, acompanha o orador à sala principal do Areópago. Se vê ou ouve o que acontece à sua volta, não dá qualquer sinal. Hipérides fala por um longo tempo, com todo o seu ardor, com uma eloquência que só utiliza nas grandes causas, quando vida e morte estão sendo decididas. Consegue emocionar alguns cidadãos e obtém um bom efeito ao lembrar como os serviços de Frineia foram sempre festejados em toda a Pólis e como a hetaira sempre agira corretamente, pagando seus impostos, submetendo-se às leis. O defensor tenta não se deixar influenciar negativamente pelo sorriso de mofa de Eutiade, que cochicha com os areopagitas e, de quando em quando, percorre o público para iniciar conversas secretas, em rodas cheias de veneno e perfídia. Hipérides relembra à assembleia a luminosa tarde da festa de Posídon, a aclamação pública e espontânea recebida por Frineia, o clamor que se elevou da multidão. Ele estava lá. Como podem agora acusá-la de profanar as tradições, de parodiar os mistérios de Eleusis? Não foi uma paródia. Foi uma homenagem. A mais bela e pura homenagem já patrocinada por uma mortal a uma deusa do Olimpo. Quanto à outra acusação, de que a hetaira corrompera ilustres e honrados cidadãos, Hipérides afirma que jamais ouvira tamanha injustiça. Frineia, em toda a sua vida, só trouxera felicidade para seus amantes e paz para a Pólis. Ou gostariam os areopagitas que os instintos naturais dos nobres atenienses fossem direcionados aos terríveis crimes de estupro, ou ao assédio abominável às esposas dos outros cidadãos, ou à simples e gratuita violência física contra qualquer um, essa sede de ver sangue que sempre surge quando os instintos não são convenientemente saciados?

Hipérides gesticula, caminha, encara sem medo os areopagitas, pede com os olhos que o público tenha dó da bela hetaira, transpira abundantemente, aponta para Frineia, usa, enfim, todo o seu arsenal jurídico, retórico e sentimentalóide. Sabe, porém, que

o veredicto está escrito, tanto nas mentes dos nobres areopagitas, envenenadas por Eutiade, quanto nos corações dos cidadãos comuns que assistem ao julgamento, desejosos de um momento de grande catarse, a execução da mais célebre das hetairas, a morte daquela que desejaram ardentemente, mas nunca puderam possuir, por simples falta de dracmas ou pela sua inferior condição social. Hipérides sabe que eles querem uma tragédia tão terrível quanto as encenadas por Sófocles no teatro de Dionísio. Eles, que sentaram tantas vezes nos degraus escavados nas encostas rochosas da Acrópole, tendo o monte Himeto e o mar à frente, numa paisagem cheia de majestosa beleza, não se satisfariam com uma anticlimática absolvição. Para eles, aquela não era exatamente uma questão moral. Era a conclusão lógica de uma boa trama, que tivera na praia uma cena de mística sensualidade, e que seria agora encerrada com uma cena convenientemente trágica e sangrenta. Aristóteles não faria qualquer senão a este desfecho. O povo precisa de catarse para continuar sendo ordeiro, temente às leis dos homens e aos desígnios dos deuses. Resumindo: Frineia estava frita.

Hipérides olha para Frineia, tentando desvendar nela alguma inspiração, ou algum sinal dos deuses de que o seu destino ainda poderia ser alterado. Nada viu além de um rosto pétreo, de olhos frios e distantes. "É hora de Afrodite surgir", pensou o orador, lembrando do excelente efeito que essas inesperadas aparições têm nas peças de Ésquilo. Hipérides gostava principalmente quando o espírito do grande Dario surgia de sua tumba em "Os persas". Quem sabe Afrodite, compadecida com a sorte de Frineia, não poderia interromper esse ignóbil julgamento, como uma *deusa ex-machina* que faria Aristóteles balançar a cabeça com a artificialidade da solução narrativa, mas manteria a formosa cabeça de Frineia sobre seu delicado e retilíneo pescoço? Hipérides está terminando sua fala. As frases, já sem tanta energia, formam-se automaticamente em sua garganta. São apenas convencionais, quando deveriam ser extraordinários. O suado orador tem certeza que a causa está perdida.

Olha mais uma vez para Frineia e então tem uma ideia. Soprada pela divina Afrodite, ou resultado de sua humana - e até então insuspeita - criatividade? Isso nem ele sabe. Mas que importa a origem? A ideia tem uma ousadia suprema e a dramaticidade catártica que Hipérides pedira aos senhores do Olimpo.

O orador, de repente, para de falar. Como ainda não pronunciou aquela convencional sentença conclusiva, em que conjura todos os deuses para que a justiça seja feita e Frineia seja inocentada, tanto os areopagitas quanto o público ficam em suspenso, à espera de alguma coisa que não vem. Hipérides demora-se, olha para os espectadores, meneia a cabeça e permanece calado. Toda a Colina de Ares parece viver aqueles momentos inefáveis que precedem uma batalha, com os dois formidáveis exércitos perfilados, tão ou mais silentes que os futuros cadáveres destinados a semear com sangue o campo de luta. Contudo, ali não há bravos soldados, nem

pontiagudas espadas, nem recurvos arcos. Ali há apenas uma hetaira, uma mulher que se vendeu vezes sem conta aos homens e que um dia ousou representar - primeiro em pedra, depois em carne - a deusa do amor.

Hipérides estende ao máximo aquele momento. Faz a tensão crescer até se tornar insuportável. E então aproxima-se lentamente de Frineia. Estende sua mão e, com gestos bruscos, arranca por inteiro as vestes da hetaira, deixando que seu corpo nu - a alvura da pele num contraste resplandecente com os negros pêlos púbicos - ofusque a visão de todos. Hipérides então proclama com vigor e imponência:

"Vejam a perfeição divina das formas desta mulher. Se há ânimo para tal, condenem esta beleza à morte. Mas estarão destruindo também a própria essência da beleza, que os deuses, em sua magnanimidade, nos legaram. Tende piedade da hetaira. Ela não é culpada de carregar em seu corpo as marcas imortais da divindade do Amor."

Silêncio. Ninguém fala nada. Frineia permanece nua, imóvel, sob o olhar reverente de toda a assembleia. Uma voz surge, ainda tímida:

"Absolvida!"

Outra voz logo faz eco:

"Inocente!"

Uma terceira, já firme e convicta, irrompe nas primeiras filas da plateia:

"Absolvida!"

A gritaria logo é geral. Os cidadãos uivam como lobos pela absolvição da hetaira. Os areopagitas, assustados, trocam olhares, tentam cochichar, mas é quase impossível, pelo alarido da multidão. Eutiade, mais branco que a espuma do oceano que cobriu o mergulho de Frineia, olha para todos os lados, temeroso de que alguém veja nele o mentor das acusações. Escapa por uma saída lateral. Os areopagitas disparam olhares de censura a Hipérides, cujo inédito expediente seria depois explicitamente proibido pelos nobres juízes. O orador nem percebe. Está num êxtase, deliciando-se com o seu momento de maior glória, o ponto mais alto de uma trajetória até então medíocre e incapaz de colocá-lo nos livros de História. Naquele instante, é maior que Demóstenes e Licurgo. A hetaira ouve e vê a multidão; contudo, é como se Praxíteles estivesse, naquele momento, pedindo-lhe imobilidade absoluta, para captar todos os detalhes da pose magnífica.

Os areopagitas fazem uma breve reunião e mandam avisar à multidão: por unanimidade, Frineia está absolvida. A assembleia

festeja. Hipérides, meio desajeitado, cobre parcialmente o corpo de Frineia, jogando-lhe as vestes sobre os seios e em volta da cintura, pega-lhe a mão e a conduz para longe da Colina de Ares.

Algumas semanas depois, Frineia banha-se, com o auxílio de duas criadas e uma escrava. Não tem pressa. Na verdade, gosta de fazer-se esperar. No aposento ao lado, Praxíteles e Hipérides, sentados frente a frente, estão um pouco constrangidos. O escultor porque nunca estivera antes na casa de Frineia e sabe que apenas os cidadãos mais nobres e mais ricos (o que, sem dúvida, não é o seu caso) têm esse privilégio; o orador porque esperava ficar a sós com a hetaira e finalmente receber o sonhado pagamento pelo seu serviço. Que seria em espécie, é claro. A mais bela espécie da humanidade. Hipérides resolve quebrar o gelo:

"Nossa formosa amiga precisa reaparecer em público. Já há boatos de uma doença, e sabemos bem que ela nunca esteve tão saudável."

"Por mim, não precisa agraciar as pessoas com a sua presença", observa Praxíteles. "Elas não merecem, depois do que a fizeram passar. Mas invoco os deuses todos os dias para que Frineia volte a posar em minha modesta casa. Não consigo qualquer resultado com as substitutas que arranjei. São bonitas, mas não são Afrodite."

"É verdade", suspira Hipérides. "Há apenas uma Afrodite, e apenas uma Frineia."

Um largo tempo depois, abre-se uma porta, e a hetaira entra, fresca do banho, cheirosa, mais sedutora que Medusa, com a vantagem de não ter répteis sobre a cabeça.

"Amigos queridos", diz ela. "Essa dupla visita me emociona. Tive até que apressar meu banho, pois não continha minha curiosidade. O que querem desta pobre mulher o mais celebrado dos nossos escritores e o mais brilhante dos nossos oradores?"

Praxíteles adianta-se:

"Preciso de ti, divina Frineia. Tenho encomendas de estátuas de Afrodite, de belas tranças, para Esparta, Tebas, Corinto e a ilha de Creta."

"Não podes exigir que ela pose para todas as cidades da Grécia", atalha Hipérides. "Frineia também precisa de paz, tranquilidade e a companhia de seus mais fiéis amigos. Estou aqui para isso."

Frineia percebe que os dois competidores trocam um olhar nada amistoso e intervém:

"Nobres cidadãos, antes que briguem por mim, o que seria uma honra mais alta que o Olimpo, deixem que eu explique, com toda a sinceridade, o que se passa em meu pobre coração." Frineia olha para Praxíteles. "Divino escultor do duro mármore, terei o maior prazer em voltar ao teu cálido estúdio, em que passei tão agradáveis momentos." Praxíteles sorri, certo de ter vencido a disputa. Mas a hetaira continua: "Só que preciso de um tempo para me recuperar de tudo e esquecer minhas relações com a deusa. Ela também deve estar um pouco cansada de mim. Não peças que eu diga quanto tempo preciso. Nem eu mesma sei. Vou viajar, penso em conhecer os recantos mais belos da Grécia, quem sabe ir por terra à fronteira da Macedônia, quem sabe navegar numa côncava nau por nossas inúmeras e belas ilhas. Sonhei outra noite com Delos; talvez Apolo esteja me chamando. Preciso de novos deuses em meu altar."

Praxíteles, desanimado, olha para o chão. Hipérides está pronto para oferecer sua companhia na jornada da hetaira. Sorridente, já se imagina numa praia deserta, deitado ao lado de Frineia, como um Odisseu que se deixasse ficar eternamente com a ninfa Calipso, sem jamais retornar a Ítaca e a Penélope. Frineia, entretanto, também interrompe os devaneios do inspirado orador:

"E a ti, querido e insuperável Hipérides, a quem devo a vida, devo oferecer um pagamento condigno. Sei o que está escrito em teu coração, até porque também já o colocaste em muitos pergaminhos, que guardo com todo o cuidado. Queres apenas o meu amor. Isso, infelizmente, não posso te dar. Hoje não amo ninguém. E decidi que, enquanto meu coração não for arrebatado, meu corpo permanecerá intocado. Não sei quanto tempo levará este meu exílio dos domínios de Afrodite. Se quiseres, assim como Praxíteles, espera. Amanhã receberás, em tua casa, metade de todas as minhas posses. Ouro, prata, bronze, obras de arte e alguns milhões de dracmas. Aceita, nobre Hipérides. Do contrário, conforme ordenei às minhas criadas e aos meus escravos, será tudo jogado de uma falésia para o fundo do mar. E, de qualquer maneira, considerarei teu inestimável serviço pago."

Hipérides tenta articular um protesto, mas um gesto de Frineia o detém. A hetaira conclui:

"Levarei em minha viagem a lembrança dos dois melhores homens que já conheci. Espero que também lembrem de mim para sempre. Adeus."

Frineia beija os dois homens na boca e desaparece em sua alcova. Praxíteles e Hipérides vão para suas casas, com o coração pesado, mas seus lábios, tocados pela mais bela das hetairas, guardarão para sempre seu doce sabor. Frineia viaja ainda naquele dia, e por muitos anos ninguém tem notícias suas. Um dia, um viajante conta para Hipérides que Frineia morreu, em paz, numa floresta consagrada à deusa Ártemis. O orador, usando boa parte do tesouro que recebeu de Frineia, compra uma imensa quantidade de

ouro, com o qual Praxíteles, já quase um ancião, e contando com a ajuda de seu industrioso filho, ergue uma enorme estátua de ouro, retratando a hetaira no momento em que saía das alvas espumas do mar. A estátua é colocada no templo de Ártemis, em Efeso, onde permaneceu até ser roubada por bárbaros vindos das sombras do vulcão Vesúvio.

Tentei marcar o encontro numa cafeteria, num restaurante, num bar, em qualquer canto, menos no meu apartamento. Era o que eu costumava fazer com todos os meus clientes. Não gosto de gente xeretando em minhas coisas e percebendo que, com exceção dos livros na estante, minha vida está toda fora do lugar. Nas duas vezes em que Laura estivera em meu escritório, havia razões de força maior: na primeira, ela telefonara tarde da noite, com uma voz rouca e insegura (uísque, como ficou evidente pouco depois), dizendo "É urgente" num tom desesperado que me comoveu; na segunda, pensei que eu estava virtuosamente participando da recuperação de uma aspirante a suicida (uísque e um Halcion, como ela mesma explicou).

Laura, contudo, não aceitou minhas sugestões. Queria vir ao meu apartamento. E mais: queria conhecer o cachorro do vizinho. Ela, há muitos anos, sonhava ter um animal em casa, mas o marido não permitia, dizendo que é uma maldade colocar cachorros (ainda mais um boxer, a raça que ela desejava) em apartamentos. Além disso, ele não gostava do cheiro de qualquer tipo de cachorro. Sabendo que meu vizinho tinha um cachorro grande num apartamento que parecia ser bem menor que o dela, ficou curiosa. Gostaria de saber se o cachorro era triste devido ao espaço exíguo, se tinha mesmo um cheiro muito forte e se o seu dono tinha algumas dicas para dar. Enfim, Laura queria ver um cachorro que não existia e conversar com meu vizinho (que existia e era um chato) sobre um cachorro que ele nunca teve.

Falei para Laura de um restaurante novo, de um amigo, em que provavelmente comeríamos muito bem sem pagar nada (mais uma mentira, claro). Não adiantou. Sou um idiota. A Laura não tem problemas financeiros. Não posso tratá-la como a meus clientes pés de chinelo, que me acompanhariam até ao inferno para uma boca-livre qualquer. Marquei para a sexta, no fim da tarde. Era uma quarta. Isso me dava dois dias para resolver meus problemas e minhas mentiras. Eu já lera o conto e fizera algumas anotações. Achava que ela poderia melhorar algumas descrições (que, nitidamente, haviam saído das minhas pesquisas) e trocar umas poucas palavras historicamente incorretas. Nada demais. Só coisas objetivas. Quem sou eu para palpar sobre o texto de uma escritora que já vendeu quatro milhões de exemplares? O melhor de tudo é que eu não precisaria mentir: tinha realmente gostado da fantasia sobre Frineia e me sentia quase como um coautor, pois fornecera, além dos dados culturais, algumas imagens da famosa Vênus Calipígia do museu de Nápolis. Ela fizera uma mistura meio maluca de tudo o que entreguei. Tá certo. É o que os escritores - ficcionistas ou não - costumam fazer com as minhas coisas.

Decidi que a solução mais simples - por incrível que pareça - seria comprar um cachorro. Na quinta de manhã, olhei os classificados do jornal. Quase todos falavam em filhotes. Claro,

as pessoas compram cachorros quando eles são bem pequenos, na esperança de que possam ser educados, de que se afeiçoem para sempre aos donos, a quem serão fiéis até a morte. Eu não podia comprar um filhote. Dissera que o cachorro do vizinho era grande. Prendi-o com medo que desse uma mordida em Laura. Puta que pariu, que merda. Virei um boca grande desgraçado. Telefonei para várias clínicas veterinárias, dizendo que queria comprar um cachorro assim, assado, grande, dócil, não importa a raça, contanto que não comesse livros nem documentos históricos. A maioria das pessoas que me atenderam disseram que eu estava errado, que não era assim que se devia proceder, etc. Alguns acharam que eu era meio maluco, ou estava dando um trote.

Eu já estava desistindo e pensava numa maneira de convencer meu vizinho chato (com quem não falava há uns seis meses) a afirmar para Laura que seu cachorro tinha morrido ontem e que estava muito triste por isso, quando uma voz feminina do outro lado da linha - e também do outro lado da cidade, a clínica ficava na divisa de Porto Alegre e Gravataí - disse que estava com um animal cujo dono falecera há alguns dias. Era uma tristeza, mas o cachorro provavelmente seria sacrificado, pois nenhum parente estava disposto a assumi-lo. Perguntei a raça. A moça disse que era um boxer. Uma feliz coincidência como aquela não poderia ser deixada de lado. Disse que passaria para dar uma olhada no animal. Ela disse OK. Eu desliguei, feliz com minha sorte e com minha natural insistência de pesquisador. Em algum lugar, sempre está aquilo que se quer. Nem sempre exatamente aquilo que se quer, mas ao menos um substituto razoável.

Peguei a camionete e me toquei pra clínica, numa transversal da avenida Assis Brasil. Fiz o caminho mais curto, pela *free-way*, lembrando que era exatamente o que tinha feito Lorenzo no começo do romance de Laura. Fui atendido pela simpática doutora Verônica ("Mas todo mundo me chama de Verô"), que me levou direto para o canil ("Que hoje em dia é chamado de hotel para cães, fica mais chique"). Entre latidos de todos os tipos e um cheiro forte de cachorro (pela primeira vez, Sávio parecia estar com a razão), fui apresentado a Bóris.

"Ele é muito legal", garantiu Verô. "Brincalhão, dócil, só está um pouco agitado porque não pode passear."

O que eu via? Uma boca enorme, cheia de dentes pontiagudos, que deixava um líquido claro e cheio de bolhinhas escorrer pelos cantos das bochechas, formando finas linhas verticais, que ficavam precariamente penduradas, balançando de um lado para o outro, até serem jogadas com violência por um movimento mais decidido da cabeça. Um pouco desse líquido vinha para a frente, ultrapassava as grades do pequeno cubículo de concreto e quase atingia minhas calças. Dei um pulo para o lado, no primeiro passo do famoso balé "Fuga da Baba". A veterinária perguntou:

"Quer que eu abra?"

"De jeito nenhum", apressei-me em responder.

Ela riu.

"Não precisa ter medo. Ele é um amor."

Verô encostou sua mão na grade, e Bóris imediatamente começou a lambê-la.

"Nunca mordeu ninguém. Duvido que algum dia morda."

"Tem alguma espécie de garantia vitalícia em relação a isso?"

Ela pensou que eu estava brincando. Riu outra vez.

"Como todo cachorro legal, ele só morde em duas situações: quando seu dono é ameaçado, ou quando ele acha que alguém está de olho no almoço dele."

Eu pensei que, com o dono morto, metade do perigo estava controlado. E eu não planejava roubar porções de comida para cães. Olhei mais uma vez para Bóris, ainda temeroso. Verô perguntou:

"O senhor já teve algum cachorro?"

"Não."

"É um presente para os seus filhos? Eles gostam mais de filhotes e..."

Antes que ela viesse com o papo de "afeição e fidelidade para toda a vida", cortei:

"É para mim mesmo. Estou me sentindo solitário."

Verô apontou para Bóris e disse:

"Ele também. Talvez vocês formem um bom par." Verô adotou um tom mais íntimo. "E quem sabe, passeando juntos pelo parque, não achem outros solitários, não é?"

Tive a certeza que ela virara veterinária depois de ver "Os 101 Dálmatas". Pensei até em confirmar, depois desisti. Era a hora da decisão. Bóris recomeçara a latir, o que levava os outros a latir também, transformando o lugar num inferno.

"Quanto custa?", perguntei, torcendo para que fosse ridiculamente caro e absolutamente fora das minhas possibilidades financeiras.

"Nada", disse Verô. "Vou ficar muito feliz se o Bóris tiver um novo lar. E o Fritz também vai gostar, tenho certeza."

"Quem é Fritz?"

"O antigo dono, que morreu há duas semanas. Ele era muito dedicado ao Bóris."

Antes que ela me contasse mais detalhes de Fritz, eu disse, num impulso, que levava Bóris para casa. Verô ainda explicou:

"Ele está com as vacinas em dia e tomou banho no começo da semana. É só passar talco e escovar direitinho todos os dias que as pulgas não vão aparecer. Se elas aparecerem, bom, o senhor sabe, pulgas gostam muito de cachorros. Se quiser trazer aqui para um banho completo, de vez em quando, seria um prazer. Imagino que o senhor não trouxe uma guia..."

"Guia?"

"Aquele coisa que se coloca na coleira, para levar o cachorro."

"Não."

"Eu tenho uma de couro de excelente qualidade. Vinte reais."

"Ótimo. Vou levar."

"O senhor tem talco e escova?"

"Não."

"O talco anti-pulgas custa quinze reais. A escova mais simples sai por dez. Temos também o modelo de luxo que..."

"Quero a mais simples." Lembrei de um detalhe importante. "Ele come aquela comida de cachorro, que se compra no super-mercado, não é?"

Ela pareceu ficar em dúvida.

"Aqui, a gente faz nossa própria ração, que é barata e bem balanceada. Ele gosta. Não sei o que o Fritz dava pra ele." Ela riu antes de completar: "Se ele estiver mesmo com fome, pode comer muita coisa."

Não gostei da ambiguidade da resposta. Verô saiu, para pegar a guia, o talco e a escova. Bóris ficou latindo para mim. Com a máxima cautela, aproximei minha mão da tela. Bóris ficou quieto. Depois lambeu minha mão, com a mesma ternura e docilidade com que lambuzara a mão de Verô. A veterinária retornou. Eu fiz o cheque. Uma última pergunta era inevitável:

"Se não der certo, posso devolver o Bóris?"

Verô não demonstrou qualquer surpresa, nem pareceu preocupada com meu temor de um divórcio relâmpago:

"Pode. Mas o senhor tem que me prometer que vai tentar de verdade. Que vai dar atenção, muito carinho e ter paciência nos primeiros dias. Lembra que, para ele, também é tudo novidade. E, claro, ele ainda tem saudade do Fritz."

Ela abriu a grade, e Bóris saiu. Verô fez um agrado na cabeça dele e vaticinou:

"Vai dar tudo certo."

Prendeu a guia na coleira e passou a outra ponta para a minha mão. Pronto. Para o bem e para o mal, eu e Bóris estávamos no mesmo barco.

Não contarei o que Bóris fez em minha camionete, no trajeto entre a clínica veterinária e o meu apartamento, nem minhas tentativas para impor limites em seus deslocamentos (pensava que ele ficaria feliz com a área de serviço e o pequeno banheiro da empregada, que eu forrara com jornais). Muito menos relatarei meu rápido aprendizado sobre suas necessidades fisiológicas, suas carências psicológicas à noite, seus estranhos hábitos nos passeios pelos arredores do edifício. Nada disso faz diferença na história que estou contando. Sou obrigado a dizer, porque isso terá alguns reflexos mais à frente, que ele simplesmente não tocou na ração canina que eu comprei no super-mercado. Devo admitir também que não tentei resolver esse problema antes da visita de Laura. Em vez de alimentar Bóris, eu cogitava matá-lo. Falta dizer apenas que, em nenhum momento, Bóris se revelara ameaçador ou perigoso, pelo menos em relação a mim. Perdi logo o medo de levar uma mordida. Era um cão forte, cheio de energia e que impunha respeito, mas era também carinhoso e meigo. O que não diminuía muito meu desejo de matá-lo.

Laura bateu na campainha pouco antes das 6 da tarde de sexta-feira. Bóris latiu. Ele parecia responder a qualquer estímulo sonoro produzido no quarteirão. Pensei em levá-lo até a área de serviço e deixá-lo lá. A certeza de que ele continuaria a latir, além de arranhar e fazer xixi na porta, me fez mudar de ideia. Laura não pedira para conhecer o cachorro do vizinho? Então que conhecesse logo. Coloquei a guia em Bóris e abri a porta. Laura sorriu para mim, olhou para Bóris e exclamou, com evidente satisfação:

“É um boxer! Que coincidência.”

“Pode entrar sem medo. Ele não morde.”

Enquanto Laura entrava, Bóris cheirava seus tornozelos. Cachorro esperto... Foi logo no melhor pedaço. Fiquei com ciúmes dele. Em dez segundos, tinha feito uma coisa que eu não sabia quando, nem se, poderia fazer. Laura e Bóris entenderam-se às mil maravilhas desde esse primeiro encontro.

“Ele precisa ficar preso?”, perguntou Laura, olhando para a coleira, que eu ainda segurava.

“Não.”

“Então solta. Como é o nome dele?”

“Bóris.”

“Que lindo nome.”

Laura sentou-se e acendeu um cigarro. Bóris, numa atitude que contrariava tudo o que tinha feito comigo desde que saíra do canil, sentou-se à frente de Laura, olhando para ela, tranquilo, sereno e sem ansiedade alguma. Nem babava, o fingido. Laura fez um carinho na cabeça dele.

"Tu pegou emprestado no vizinho só pra me mostrar?", perguntou Laura.

"Não. Ele vai ficar comigo todo o fim de semana. Meu vizinho foi pra Canela. Tem uma casa lá."

"Que bicho mais lindo..."

A avaliação de Laura parecia ser sincera. Eu nunca me interessara por animais, nem quando criança. Minha mãe tinha dois gatos, seres autossuficientes e distantes. Meu irmão menor, que hoje mora na Suécia, com uma gorda rica e tremendamente sexy, teve um periquito azul. Eu tive um peixe dourado, que logo morreu e foi enterrado na patente, o que me deixou muito triste e acabou com meu desejo de me relacionar com bichos. Então, foi com certa hipocrisia que concordei com Laura:

"É bonito mesmo."

"Olha essa cabeça quadrada, essa testa plana. E as orelhas... Foram muito bem cortadas. São perfeitas, retas, pra cima. O peito é forte, poderoso. O pelo tão macio. E essa mancha branca, então... Muito charmosa." Laura inclinou-se para cheirar o pelo de Bóris. "E ainda por cima é cheiroso!" Laura finalmente voltou a olhar para mim. "O seu vizinho cuida muito bem dele."

"Eu ajudo de vez em quando."

Bóris - que parecia entender cada elogio e balançava o pequeno rabo sem fazer espalhafato, um verdadeiro dândi, consciente de que estava abafando com o mulherio - olhou para mim, como a dizer: "Essa tá no papo." Pensei em várias maneiras de puni-lo sadicamente sem correr o perigo de uma denúncia da Associação Protetora dos Animais.

"Eu tinha um boxer quando era criança", disse Laura, com uma ponta de emoção na voz. "Chamava-se Tigre, era lindo, tão perfeito quanto o Bóris. O pêlo era tigrado, óbvio, e as pessoas tinham medo dele. Eu não. Fazia qualquer coisa com ele. Montava nele, puxava as bochechas, botava a mão dentro daquela boca enorme... Ele me adorava. Aí, quando eu tinha uns nove anos, o pai resolveu se mudar para um apartamento, tinha conseguido um emprego melhor, ia vender a nossa casa - que era bem velha e pequena, mas tinha um pátio, onde ficava o Tigre - pra dar a entrada no financiamento. Só me disseram que o Tigre não ia conosco no dia da mudança. Não permitiam cachorros no edifício. Eu disse que ia me matar, etc. Eles disseram que o Tigre iria para o sítio da tia Carolina, em

Belém Novo, e que lá ele seria muito mais feliz, porque em vez de um patiozinho ele teria um campo grande pra correr, e cachorro gosta de correr muito. A gente poderia visitar o Bóris nos fins de semana. Não gosto nem de lembrar. Fizeram um quarto lindo para mim no apartamento, todo pintado de rosa, os móveis novos, brancos, o pai deve ter gastado muito mais do que podia, tentando me fazer feliz. E eu chorava sem parar, pedindo pra visitar o Bóris no sítio. Mas eles não me levavam nunca. Eu fiz greve de fome, simplesmente não comia, comecei a emagrecer, o pai e a mãe ficaram assustados. Aí, um mês depois da mudança, prometeram me levar se eu comesse todo o arroz e o feijão. Eu comi tudo, tão rápido que depois fiquei com dor de barriga, e eles então telefonaram para a tia Carolina, pra falar da visita. Sabe o que ela disse? Que o Bóris tinha morrido no dia anterior. Ele simplesmente caiu e morreu. O veterinário disse que tinha sido um problema neurológico. Uma ova. Morreu de saudade. Eu também queria morrer, mas não sabia como."

As memórias de Laura criaram um clima estranho no apartamento. Ela acariciava Bóris, que continuava comportando-se como um lorde inglês, e eu não sabia o que fazer. De repente, Laura deu duas pancadinhas mais fortes na cabeça de Bóris, que levantou e desapareceu pela porta da cozinha. Pelo barulho de papéis amassados, tudo levava a crer que ele tinha deitado, pela primeira vez, no banheiro da empregada.

"Ele parece um pouco triste", disse Laura, olhando para a porta da cozinha. "Está comendo bem?"

"Mais ou menos."

"O que ele come?"

"Ração."

"Coitadinho. Tem que fazer um arroz com fígado pra ele."

"Não sei fazer."

"Eu ensino. É fácil."

"Tudo bem."

Laura finalmente olhou para mim outra vez e perguntou:

"O Leonan te passou o romance?"

Eu não estava preparado para aquela pergunta. Pensava que conversariamos sobre o conto, sobre a Grécia antiga, sobre Frineia, e não sobre as "As filhas de Madalena".

"Ainda não", respondi. "Vou passar na editora amanhã."

"Amanhã é sábado"

Merda. Eu tinha que parar de mentir para Laura.

"Claro. Então na segunda-feira."

"E o conto, leu?"

Graças a Deus, a conversa entrava num terreno menos espinhoso. Entusiasmado, fiz até umas frases cheias de subordinções:

"Li. E gostei muito. Acho que ficou muito bem representada a condição ambígua de uma hetaira, que era, ao mesmo tempo, uma prostituta e uma mulher muito mais independente e interessante que uma esposa qualquer. A cena do banho no mar é maravilhosa, com um caráter épico que é a cara da Grécia antiga, aquela combinação de solenidade e sacanagem em doses bem medidas. Gostei mesmo. A linguagem quase sempre é adequada. Tu andou lendo alguma coisa, além dos resumos que eu te dei?"

"Peguei a Odisseia e reli alguns capítulos. O que não tá certo na linguagem do conto?"

"Algumas expressões... Por exemplo, a Frineia manda o Eutiade enfiar o dinheiro dele, e isso não..."

"Eu decidi não me preocupar muito com esse tipo de coisa", cortou Laura. "Talvez elas usassem outras palavras, mas aposto que mandavam os homens tomar no cu, como as mulheres de hoje."

O palavrão me chocou. Não combinava com o corpo magro de Laura, nem com suas roupas elegantes, muito menos com seu rosto bem maquiado. Que mulher era essa? Eu não sabia. E desconfiava que nem ela tinha certeza.

"Tenho algumas dúvidas sobre o julgamento", acrescentei. "Não sei se havia um público tão grande no Areópago."

O cigarro de Laura terminou. Ela acendeu outro antes de prosseguir:

"E vai me dizer que tem certeza que um sujeito chamado Hipérides realmente tirou a roupa de uma hetaira chamada Frineia quando achou que a sua retórica estava indo pro brejo?"

"É claro que não. São histórias muito antigas, fragmentos, coisas que escritores pesquisaram em outros escritores, não dá pra ter certeza de nada."

"Viu? Então o que interessa é se a história está bem contada."

"Tem razão. E eu acho que está. O que o Leonan achou?"

"Não achou nada. Não mostrei o conto pra ele. Até agora, tu é o meu único leitor."

"Pensei que a ideia era checar com ele, antes de seguir em frente."

"Já chequei contigo. Tá bom."

"Mas eu não tenho capacidade para..."

"Ninguém tem capacidade para decidir se um texto é bom", cortou Laura. "Antes eu me preocupava muito com isso, ficava pensando nas crianças que liam meus livros, e nos pais das crianças e nos professores das crianças. Cansei. Quero pensar mais em mim e menos nos meus leitores. Vou escrever mais alguns contos e, quando estiver satisfeita, publico."

"Vamos para onde? A Roma de Calígula? Os mosteiros que viraram bordéis na Idade Média?"

"Não. Quem sabe mais tarde. Prefiro escrever alguma coisa contemporânea. Se ficar seguindo a ordem cronológica, pode parecer que eu tenho um objetivo didático. Seria terrível. A Frineia é uma mulher muito moral, muito segura de si. Isso é bom, mas também preciso de personagens devassos, apaixonados, inconsequentes."

"Tá cheio deles na Roma de Calígula."

Laura fica em dúvida. Estou quase a convencendo.

"Pode ser..." Levanta, caminha na minha frente, seus adoráveis tornozelos dando voltas sobre o meu tapete velho e desbotado. "Não. Quero uma história que se passe em 2003. Depois eu vejo como fica a ordem dos contos. E quero escrever uma coisa que tenha alguma forma estranha de sexo, tipo uma tara, ou um fetiche. Tô pensando num sujeito que se apaixone por uma puta que faz alguma coisa maluca, ou que seja especializada em alguma coisa..."

Eu me preparava para abrir a boca e dizer que, na corte de Calígula, provavelmente tinha montões dessas putas altamente especializadas. Ela me impediu:

"Eu sei que essas coisas malucas sempre existiram. Não importa. Hoje elas têm uma determinada forma, funcionam de acordo com regras modernas." Concluiu com absoluta certeza: "Eu preciso escrever sobre um cara que vai num lugar, vê uma coisa estranhíssima, envolvendo uma prostituta, e aquilo se transforma numa obsessão." Laura olhou para mim. "Será que é possível pesquisar um troço desses?"

"Acho que sim."

"Tá pensando que eu sou algum tipo de tarada sexual?"

"De jeito nenhum. Estamos falando de ficção. Eu sei separar muito bem as duas coisas."

Laura sorriu. Sabia que eu estava falando merda, só pra manter as aparências. De repente, lembrou de alguma coisa, ficou séria e me advertiu:

"Nada com animais, pelo amor de Deus. Nenhum tipo de animal além de seres humanos."

"Tudo bem."

"Já pensou que tipo de tara vai pesquisar?"

"Não."

"Não tem alguma preferência pessoal?"

Achei que talvez Laura tivesse bebido antes de vir. Não chegara perto o suficiente para sentir seu hálito. Ou ela, absorta demais na história que imaginava escrever, simplesmente não percebia que estava me deixando constrangido. Mas ela percebia:

"Desculpe, Frederico. Eu tô te deixando sem jeito. Às vezes acho que o Sávio tem razão, que eu deveria procurar um psiquiatra. Tô pensando coisa demais e botando tudo pra fora sem pensar muito. O cara tem que ser muito bem pago pra ouvir as bobagens que os outros falam."

"Não, de jeito nenhum", protestei, cinicamente. "A pior coisa para um pesquisador é não saber o que o cliente quer. Um sujeito, tempos atrás, me pediu pra pesquisar sobre guerras. Só que não sabia me dizer o período, nem o tipo, nem a localização das guerras em que ele estava mais interessado. Foi um inferno. Desisti depois de uma semana."

Laura parou de desfilhar seus tornozelos e sentou outra vez.

"Ótimo", disse ela. "Então agora podemos tratar de um assunto muito mais urgente."

Pensei, por um ou dois segundos, que o assunto seria o nosso jantar. Eu já pesquisara na internet um restaurante romântico, bastante discreto e não muito caro na zona sul, do tipo que permite aos fregueses levarem seus próprios vinhos. Eu planejava levar o *Château Camensac* que um cliente me trouxera da França, em agradecimento por uma pesquisa rápida que eu não cobrara. Aquele Bordeaux era a minha preciosa reserva estratégica de sofisticação. Era safra 1990 e, de acordo com o que eu descobrira na internet, valia uma pequena fortuna.

"Qual é o super mais perto daqui?"

Pensei, por mais dois segundos, que a ideia de Laura era um fazer o jantar em meu apartamento. Talvez ela cozinhasse divinamente. Nesse caso, ainda poderia usar o Bordeaux como minha poderosa arma secreta. Então Laura apagou o cigarro, acendeu outro e acabou com meus sonhos:

"O Bóris não pode continuar passando fome."

Disfarçando meu profundo desgosto, acompanhei Laura ao supermercado. Ela comprou quinze quilos de arroz para cachorro e dez quilos de fígado de boi. Disse que eu devia evitar fígado congelado, porque aí a preparação é mais demorada "e o arroz não fica tão molhadinho". Ela fez questão de pagar, disse que aquilo era um presente para o Bóris - ou até para o meu vizinho, o dono do Bóris, se eu quisesse pensar assim - e não para mim.

Na cozinha, sob o olhar atento, mas sempre respeitoso e educado de Bóris, Laura me ensinou a preparar arroz com fígado. É fácil: primeiro corto o fígado em pedaços; depois coloco o fígado numa panela grande, com azeite quente, e deixo ele fritar um pouquinho; aí boto o arroz, que frito junto; por último, a água, que já deve estar fervendo na chaleira. Para cada xícara de arroz, duas de água. Quando a água ferve, tá pronto.

"Se grudar um pouco no fundo, não faz mal. Ele vai gostar do mesmo jeito." Laura olhou para ele. "Não é, Bóris?"

Ele latiu uma vez. Acho que já tinham estabelecido o código. Um latido: sim. Dois latidos: não. Laura jogou fora a ração intocada que estava no prato de Bóris e jogou lá dentro quase meia panela do arroz com fígado, uma quantidade enorme.

"Não é demais?", perguntei.

"Vamos ver."

Bóris comeu tudo em menos de cinco minutos. Quase perguntei se ele não queria o meu Bordeaux pra acompanhar. Conversamos mais um pouco na sala, apenas amenidades. Antes de sair, ela fez mais uma sessão de carinhos em Bóris. Na porta do apartamento, estendi a mão para ela. Laura ignorou minha mão. Chegou bem perto de mim - deu até para sentir seu hálito doce, sem traço de álcool - pousou suavemente sua mão na minha cintura e beijou-me no rosto. Um beijo de cada lado. Beijos comportados. Beijos quase sociais. Mas muito melhores que um aperto de mão profissional. Beijos que me fizeram acreditar de novo na vida, no futuro e no poder do amor. Laura afastou-se um pouco e, por cima do meu ombro, disse para o cachorro, que acompanhava tudo da sala:

"Bóris, cuida bem do Frederico."

Foi embora. Eu olhei para Bóris e, pela primeira vez, achei que poderíamos ser amigos.

Era sexta, fim de tarde, o sol se pondo bonito no meio do Guaíba, e eu tinha dois problemas: dinheiro de menos e tesão demais. Passara a semana toda tentando arranjar uma namorada e trepar normalmente. Botei anúncio em três sites de encontros. A única mina que me respondeu era uma baranga: velha demais, gorda demais, caída demais. Pela foto não dava pra ter certeza, mas eu apostaria meus últimos dez pilas que tinha mau hálito. Eu aguento uma cara feia se o corpo for bonito. Mau hálito, nem pensar. Toquei punheta na segunda e na quarta, seguindo a receita da Danielzinho. Ele tinha me dito, no outro sábado, na saída do privê Marabá, onde tínhamos encarado umas gps muito feias, quase incomíveis, que era assim que ele se controlava quando não podia mais gastar com putaria. Funcionou na segunda e na quarta, dias em que normalmente eu não saía. O problema era encarar aquela sexta-feira, com os (poucos) colegas de serviço felizardos comentando onde iriam com suas namoradas antes de comê-las, e os (muitos) colegas tipo eu - carentes e solitários - discutindo onde poderiam fazer programa com o melhor custo-benefício. Nessa hora, eu sempre tenho as informações mais atualizadas - os plantéis podem mudar bastante em menos de um mês - e dou muitos conselhos preciosos. Mal terminou o expediente, peguei o buzu pra casa. Não queria ficar me torturando, falando da loira do Silver que faz um maravilhoso oral sem capote, ou sobre uma clínica nova que os cuecas ainda não descobriram e lotaram, o que permite uma escolha tranquila e quase sem concorrência num plantel de boa qualidade.

Quando percebi que não conseguiria tocar a punheta da sexta e controlar meu vício - sim, tenho que reconhecer que esse negócio é um vício, com síndrome de abstinência e tudo - pensei em sentar num daquelas barzinhos da avenida Goethe e participar do tiroteio. Gastaria só uns dois refrigerantes, o que me custaria nem cinco pilas, incluindo a gorjeta (larguei o álcool faz tempo, pra não desperdiçar num vício supérfluo). Aí lembrei o óbvio: seria botar fora metade de toda a grana que eu tinha sem qualquer garantia de retorno. Meu desempenho em bares é ridículo. Com um monte de cuecas em volta, as calcinhas dificilmente prestam atenção num oriental de um metro e sessenta e cinco. Elas não sabem que estou cheio de amor pra dar, tenho segundo grau completo e bastante experiência na cama. Tudo isso, claro, não faz a menor diferença para uma gp, se tu tiver oitenta reais no bolso. Aquelas loiras dos bares, se fazendo de honestas, querem andar de carro, ir dançar na Dado Bier e comer em restaurante antes de liberar a xana. Cada vez mais me convenço de que sexo grátis é caro demais pra mim. Por isso conheço as clínicas e pago o que é justo. Com dez reais, contudo, o justo é ficar em casa e se contentar na bronha.

Aí tocou o telefone. Era justo o Danielzinho, perguntando o que eu iria fazer naquela noite quente e convidativa. Primeiro xinguei o cara: pra que me ligar, se sabia que eu tava

completamente duro? E noite convidativa é coisa de puto. "Vai convidar a tua mãe, veado!", falei, não muito alto, porque minha mãe, que tava assistindo à novela da sete, poderia ouvir. O Danielzinho só riu, sentindo meu desespero. Perguntou quanto eu tinha. Quando soube, riu outra vez. Eu quase desliguei, mas aí ele falou que tinha um lance pra mim que sairia quase de graça. Na verdade, sairia oito reais. Eu não gastaria nada de condução, porque um primo dele, do interior, estava na cidade. O cara tinha carro e queria conhecer um pouco da putaria de Porto Alegre.

"Eu não vou entrar numa clínica pra ficar sentado, shimbando, enquanto o teu primo faz a festa", respondi. "Já tenho uma certa fama de shimbador, o que é péssimo. Não. Obrigado. Vou ficar em casa, vendo TV. Talvez passe um daqueles filmes bagaceiros na Band e eu consiga bater uma antes de dormir."

"Quem disse que é pra shimbar? Eu também tô sem fundos, zero mesmo, mas vou levar o meu primo prum programa diferente. Ele disse que quer novidade, algo que possa contar lá em Cachoeira do Sul. Puteiro normal tem lá mesmo."

"Tô achando que esse teu primo é franchão. Tá atrás de um traveco. Tô fora."

"Como tu é grosso, China! Meu primo estuda Direito, é do ramo da família que se deu bem. Me escuta, China. Tu conhece o Olimpo?"

"Conheço. Lugar metido a besta, decoração com uns troços gregos, com plantel razoável. Mas a consumação é cara demais, e o programa de trinta minutos não sai por menos de cem reais. Só se fossem deusas. Contando os vinte pilas que morrem na porta, é uma roubada."

"Concordo. Mas hoje é uma noite especial. Nem sei se as gps da casa vão estar lá. Toda sexta-feira rola uma coisa bem diferente. O dono do lugar se chama Coriolano, é gente fina, ele me mandou um *mail* convidando pra conhecer esse esquema."

"Que esquema?"

"Podolatria?"

"Que porra é essa?"

"Como tu é ignorante, China. É fetichismo com os pés."

"Tá brincando!"

"As garotas não são necessariamente gps. Elas ficam ali, bem à vontade, nuns sofás, e dá pra pegar os pés, ficar passando a mão, lambar, etc. Tem gente que é ligadaço nisso. Só se excita assim."

"É inacreditável! E tu quer que eu participe duma bobagem dessas?"

"Aposto que é melhor que tocar uma punheta vendo filme da Band. O Coriolano diz que às vezes também rola um *face-sitting*, pra complementar. Eles têm as cadeiras. Mas a garota tem que estar a fim. De qualquer maneira, não se paga nada."

"E como eles ganham dinheiro com essa merda?"

"Esses fetichistas bacanas gastam muito na bebida. Acho que mais tarde eles vão cobrar muito mais na porta. O Coriolano diz que, por enquanto, é novidade, e que ele precisa de divulgação. É aí que nós entramos. Vamos conferir o lance. Se for bom, a gente se diverte e depois fala pra todo mundo. Se for ruim, tudo bem, morremos só com oito pilas. E tu sabe, né, China, se a gente tá lá, sempre pode rolar alguma coisa mais consistente. Aí no teu apartamento, com a tua mãe roncando no quarto, não vai acontecer nada. Tu não pode nem bater bronha na sala, vendo o filme. Tem que ir correndo pro banheiro."

O Danielzinho sabia argumentar. Balancei um pouquinho. Na verdade, sempre tive certa curiosidade sobre essas coisas de sm. Mas que ninguém venha tirar onda pra cima de mim! Já tinham me convidado uma vez para ir num clube privê em que os caras são amarrados e apanham das minas. Tô fora. Não gosto de bater, nem de apanhar. Só quero amor. Perguntei pro Danielzinho se não tinha perigo da coisa degradingolar para um sd mais *hard-core*.

"Tá com medo, China? Podolatria é coisa leve. Nem sei se é sm. Vamos lá pegar no pé das minas e rir um pouco. É muito mais seguro e divertido que aquelas barangas que a gente pegou no Marabá."

Outro bom argumento. Eu não queria mais fazer aquilo. Dez minutos, dez reais, e é melhor nem olhar pra cara dela. Que vergonha. O que um putanheiro viciado não faz no fim do mês?

"Tu me pegaria aqui em casa?"

"Pego. Meu primo passa aqui às nove. Nove e dez, a gente tá buzinando aí. Vamos nessa, China?"

Eu tinha capitulado. Sabia que provavelmente a noite seria decepcionante - eu não me divertiria muito lambendo o pé de uma garota -, mas pelo menos estaria num lugar diferente, com um amigo, vendo coisas mais inspiradoras que o jornal Nacional, que estava começando bem naquela hora, com notícias sobre todas as guerras que os americanos já programaram para o ano. Pensei nos meus dez reais; pensei na corrida para o banheiro na hora de finalizar a bronha; pensei na tremenda injustiça do universo, que não fornece o sexo necessário para que um sujeito saudável e trabalhador como eu continue fazendo rolar a grande engrenagem do capitalismo sem pensar bobagem; pensei até na baranga que havia

respondido ao meu anúncio na internet. Podolatria não podia ser pior que sair com aquele mocréia de última. E então respondi:

"Vamos."

Comecei a pesquisa imediatamente. Nos meus livros, encontrei algumas coisas sobre taras, fetiches e anomalias sexuais variadas, mas nada relacionado diretamente com prostituição. Fui para a internet: Google, Altavista, etc. Aí encontrei um cara, em São Paulo, que tinha um *blog* sobre suas andanças em puteiros, que ele chamava de "clínicas". O cara se autointitulava Chinês. Comecei a ler. Era ótimo. Bem divertido. O Chinês escrevia mal, mas suas descrições tinham grande realismo e dava pra acreditar em tudo. Fiquei excitado, pensando na história que Laura poderia escrever com aquele material. Como um adolescente, comecei a tocar uma punheta. Não olhava mais para o monitor. Só pensava em Laura, nos seus divinos tornozelos, que eu beijava sofregamente. Foi a minha melhor punheta em anos. O jorro foi alto, umas gotas chegaram no meu queixo. Aí a campainha tocou, e Bóris começou a latir alucinadamente. Estava furioso. Babava. Arranhava a porta. Puta que pariu, pensei, deve ser um assassino de cachorros. Me limpei, meio de qualquer jeito, coloquei a guia no Bóris e o tranquei na área de serviço. Continuava latindo como um louco. Abri a porta. Era o sujeito que eu vira no Pronto-Socorro, com os dois guris e o Leonan. O cara me estendeu a mão.

"Prazer, Sávio. Sou o marido de Laura. Posso entrar?"

"Claro."

O Bóris não parava de latir. Pedi licença para Sávio e fui até a área de serviço. Mal abri a porta, o Bóris se jogou, louco pra fugir entre as minhas pernas. Tive que fechar os joelhos com força e empurrá-lo para trás com certa violência. Gritei: "Quieto!" Ele latiu mais alto ainda. Voltei para a sala e pedi desculpas. Disse que era o cachorro do vizinho. Se menti para a Laura, por quê não mentir também para o marido?

"Não tem problema", disse ele. "Não vou tomar muito o seu tempo. Estou aqui por causa de minha esposa. O Leonan, que é muito meu amigo, me deu seu endereço. O senhor está fazendo uma pesquisa para a Laura, não é?"

Não há um código de ética para pesquisadores. Não somos nem advogados, nem jornalistas, que até estudam na faculdade o que podem ou não podem dizer sobre seus clientes ou sobre suas fontes. Sou apenas um pesquisador, um cara que vai atrás de coisas para outras pessoas. Contudo, aquele sujeito não me agradava, e o Bóris devia ter suas razões para detestá-lo tanto. Resolvi engrossar de cara, pra ver se o cara se mandava o mais rápido possível, e mandei logo uma mentira bem cabeluda. Eu estava ficando viciado naquilo.

"O senhor me desculpe, mas eu não dou qualquer informação sobre os meus clientes. Há um código de ética da Federação

Internacional de Pesquisadores, à qual eu sou filiado, e eu tenho que segui-lo. Só posso falar se a informação for solicitada pela Justiça. Sinto muito."

Aquilo desarmou um pouco o Sávio. Não esperava uma resistência inicial tão forte. Só que o cara era muito esperto, muito ladino e muito calmo. Não se alterou.

"Claro", disse ele. "Eu entendo. Mas também quero que o senhor compreenda o meu problema. Aliás, não é um problema só meu. É de toda a minha família. Meu, da Laura e dos nossos filhos." Fez uma pausa dramática, pra ver se aquela baboseira melodramática funcionava comigo. Porra nenhuma, claro. Ele percebeu, mas continuou no mesmo ritmo. "Eu sei que o senhor está trabalhando para a Laura, não precisa confirmar. Eu quero apenas lhe informar de algumas coisas importantes, que o senhor com certeza não sabe." Mais uma pausa. O Bóris não dava folga. "Ele é sempre assim?", perguntou, olhando para a porta da cozinha.

Tive vontade de dizer: "Não. Com sua esposa ele é um anjo. Principalmente depois que cheira os tornozelos dela." Mas eu mandei mais uma indireta:

"Não. É que está na hora do passeio."

"Então vou ser muito objetivo. Minha esposa está passando por um momento difícil, delicado. Ela é uma escritora extraordinária, de grande sensibilidade. De uns seis meses pra cá, não sei dizer porquê, passou a ter um comportamento estranho. Parou de escrever, deixou de ir nas sessões de autógrafos, não comparecia mais nas escolas para fazer a divulgação dos livros, não participava de debates, recusava as homenagens. E ela sempre fez tudo isso com o maior prazer. Nós temos uma relação maravilhosa, com muito diálogo, e eu imediatamente comecei a perguntar, com muita tato, com muito cuidado, o que estava acontecendo. Ela disse que estava um pouco cansada de escrever literatura infantil. Eu achei normal. Por coincidência, eu também estava esgotado com o meu trabalho. Eu sou gerente de duas lojas de material de construção. E pensei: tudo isso é normal. É até saudável que as pessoas mudem de vez em quando. Não somos máquinas, para passar a vida inteira fazendo a mesma coisa, não é mesmo?"

Ele esperou a minha resposta. Detesto isso. Responder o que é óbvio.

"Não. Não somos máquinas. Ainda."

Ele sorriu, como se estivesse conquistando minha simpatia. O cara era de última. Como a Laura estava casada com um imbecil daqueles?

"De repente, Laura voltou a escrever. Curioso, perguntei o que era. Ela disse que só me mostraria quando estivesse pronto.

Confesso que eu nunca fui um grande leitor dos originais de Laura. Sou melhor com os números que com as letras. Me formei em engenharia. Então achei aquilo normal. Pedi que os meus filhos, que sempre leram tudo que a Laura produzia, conversassem com ela. Eu estava preocupado, porque ela sempre foi expansiva, alegre, e andava muito séria, passava dias inteiros na frente do computador. Laura disse que estava escrevendo um romance. Eles pediram para ler, e ela recusou, dizendo que era um livro para adultos. Ora, nossos filhos não são crianças. Um tem dezoito anos, está fazendo Administração de Empresas e Direito. O outro tem dezesseis, sabe tudo de informática, é um desses gênios de computador, vive na internet, deve saber mais sobre o mundo que eu. Por quê eles não podem ler o que a mãe escreve?"

Era uma pergunta retórica. Sávio não queria que eu respondesse. Por isso, atalhei e respondi:

"Porque ela não é uma mãe qualquer. É uma escritora."

"Mas ela sempre foi escritora!", exclamou Sávio, quase perdendo a calma pela primeira vez. Mas controlou-se antes de prosseguir: "Eu tive uma conversa franca com Laura. Disse que estava preocupado, que ela tinha mudado muito o seu comportamento. Ela negou. Disse que continuava a mesma: escrevendo, cuidando da casa, controlando os filhos. Eu disse que queria ler o romance. Laura disse que já estava com o editor. Se fosse publicado, todos poderiam ler."

"Muitos escritores fazem exatamente isso."

"O senhor não está compreendendo. A Laura está com algum tipo de problema. Falei com alguns psiquiatras. Pode ser um simples distúrbio comportamental, mas pode ser algo mais grave. O senhor tem família?"

"Não."

"Então não pode avaliar o quanto é terrível perceber que a harmonia do lar está sendo lentamente destruída."

Pensei: "Harmonia do lar? Esse cara não é só um imbecil. Ele está mal-intencionado."

Sávio continuou, com os latidos de Bóris sempre ao fundo:

"Descobri que o editor era o Leonan. Tivemos uma conversa ótima. Ele não me deu os originais, claro, seria uma falta de ética, mas disse sobre o que era o romance. O senhor deve saber. Tem palavrões, cenas de sexo e outras coisas assim. Não é um romance adulto comum. É um livro... Forte. Muito forte. O Leonan não me garantiu que seria publicado. Nem que não seria. Isso me deixou numa situação de grande angústia. O senhor deve imaginar o que aconteceria com a carreira da minha esposa se esse livro fosse

lançado com o nome dela na capa. Insisti com o Leonan, e ele disse que a Laura já estava trabalhando em outro texto, e que tinha contratado o senhor para fazer uma pesquisa. Pensei muito antes de vir aqui. Mas hoje eu tive coragem.”

Parou. Queria que eu dissesse alguma coisa, e eu não tinha nada a dizer. Era um drama que não me dizia respeito. Minha relação era com a escritora, e não com o marido e os filhos dela. Eles nunca escreveriam uma linha que preste. Fiquei quieto, deixando que Bóris fizesse meus os seus latidos. Sávio, contudo, era persistente:

“Eu tenho que saber o que a Laura está escrevendo agora. É uma questão de... De saúde da família. Eu acho que não tem nada no mundo mais importante que a família. Se a Laura estivesse se tratando, indo a um bom psiquiatra... Já me informei, hoje em dia há drogas maravilhosas. A fluoxetina faz milagres em casos como esses. Mas não. Ela diz que está ótima, que está trabalhando.” E, com um acento mais melodramático. “O senhor não imagina o que eu e meus filhos estamos passando.”

Calado, olhando para a janela, eu não dava a menor abertura para ele. Achei que ele tinha esgotado todo o arsenal. Mas ele não quis aceitar a derrota, e então se ferrou:

“Eu não vou permitir que Laura estrague tudo que fez na vida, contando a história de um sujeito fracassado na vida que trepa com prostitutas de última categoria.”

Essa descrição do romance de Laura era muito boa para ter saído de uma conversa cheia de ética e nove horas com Leonan. Desconfiei que o sujeito tinha lido o romance. Quem sabe mais. E então joguei verde:

“Nem todas as prostitutas são de última categoria.”

“Na minha opinião, são. Todas.”

“Na Grécia, havia uma categoria de prostitutas muito especiais. As heteras.”

“Hetairas”, corrigiu Sávio imediatamente.

Ele se deu conta do que tinha dito e olhou para mim, com medo. Eu pensei em disfarçar, mas era impossível. Estava com muita raiva do filho da puta mentiroso. Laura tinha dito que não entregara o conto para Leonan, e que ninguém mais o lera, além de mim. Sávio sacou na hora o que ele caíra na armadilha. Tentou corrigir:

“Eu gosto de ler sobre mitologia grega.”

Eu sabia que ele não lia nem bula de remédio.

"Isso não é mitologia. É história."

Sávio respirou fundo e resolveu apostar logo todas as fichas:

"Muito bem. O senhor sabe que eu conheço o tipo de texto que a Laura está produzindo. Só lhe peço que me diga qual é a pesquisa que ela encomendou hoje."

"Quem disse que ela esteve aqui hoje?"

"Ela saiu há duas horas."

"O senhor estava espionando a minha casa?"

"Não. A minha esposa."

Fiquei quieto, dominando a raiva, que foi se transformando em desprezo. Sávio estava ficando irritado com meu silêncio. Começava a suar na testa.

"O senhor não pense que eu tenho ciúmes dela", disse ele. "Nossa relação sempre foi maravilhosa, de muita sinceridade. Não é essa a questão. Trata-se da saúde mental de Laura e da felicidade da nossa família. Faço isso pelos meus filhos. Eles sabem que eu estou aqui. Foi o Gui, meu filho menor, quem quebrou as senhas do computador da Laura para que pudéssemos copiar os textos e ler."

Pensei que isso poderia ser considerado um crime. Pena que nossa conversa não estava sendo gravada. E ele seguia em frente:

"O senhor está entendendo o que quero? Preservar uma família."

Finalmente calou-se. Tinha transpirado tanto que eu podia sentir o cheiro do seu suor. Bóris continuava latindo. Eu não tinha o que dizer. Sávio, depois de interpretar um nobre protetor do lar, resolveu ser um gangster:

"Pelo que estou vendo o senhor não vai me ajudar. Tudo bem. É um direito seu. Mas fique sabendo que eu conheço muito bem a sua situação financeira, as suas dificuldades profissionais, o Leonan me contou tudo. E eu garanto que, se o senhor, de alguma maneira, se aproveitar da minha esposa, as coisas vão mudar na sua vida. E outra coisa: se contar que eu estive aqui, ou que eu li os textos de Laura, juro que eu volto, e a nossa conversa vai ser outra. Eu tenho amigos no governo, sabe? E na Polícia Federal."

Sávio levantou. Foi para a porta de saída. Eu levantei e fui para a porta da cozinha. Ele ficou um pouco confuso com isso. Abri a porta da cozinha. O Bóris saiu como um demônio, rosnando e babando. Sávio só teve tempo de abrir e fechar a porta atrás dele, escapando por um triz. Bóris rosnou e latiu por algum tempo para a porta. Cachorro bacana. Ganhou uma porção extra de arroz com fígado.

O Olimpo continuava o mesmo. Estacionamento pequeno, mas com manobrista. O primo do Danielzinho, que se chamava Horácio, deixou as chaves do Golf, com um certo receio, nas mãos do negrão de camisa pólo. Nós dissemos pra ele ficar tranquilo. Provavelmente os ladrões do bairro recebiam alguma grana todo mês pra não sacanearem os carros dos clientes. O Danielzinho bateu a campainha, e logo a porta abriu. Era uma mina que eu não conhecia, morena, alta, bonita de rosto e com umas pernas beeeeeeeeeem legais. Tava com uma sandália de salto alto, deixando ver os dois pezinhos, quer dizer, pezões, pelo menos 39, mas eram elegantes, finos, de unhas pintadas de vermelho. Eu tava começando a gostar daquela história de podolatria e ainda nem tinha passado do *hall* de entrada. Aí chegou o tal Coriolano, todo sorrisos, e foi logo abraçando o Danielzinho e nos apertando a mão. Cara simpático. Disse que ia nos fazer um desconto especial: nós três pagaríamos apenas vinte reais. Minha simpatia por ele aumentou. Em vez de oito, eu gastaria menos de sete. Só quem é trabalhador como eu, com salário de dois mínimos mais vt e uma mãe pra ajudar, sabe o valor de um real economizado no mercado da putaria.

Depois que pagamos, surgiu um cara grande de terno e fez uma revista rigorosa na gente. O cara descobriu uma pistola nas costas do Horácio. O primo de Danielzinho sorriu e pediu desculpas. Disse que tinha medo de ser sequestrado em Porto Alegre. O pai era fazendeiro em Cachoeira, os bandidos podiam achar que tinha dinheiro, etc. O Danielzinho falou com o Coriolano, que acabou liberando a nossa entrada. A arma ficou com o cara de terno. Seguimos o Coriolano até a sala principal, que tinha umas quinze mesas, metade ocupadas, com maioria quase absoluta de cuecas. Roubada, pensei, enquanto minhas pupilas se adaptavam à iluminação, muito fraca. O filho da puta atrai a clientela com a morena da entrada e depois enraba todo mundo com umas mocreias que ninguém consegue ver direito nessa escuridão. Como se ouvisse meu pensamento, Coriolano falou:

"Não se preocupem. As meninas já vão descer. O movimento fica bem maior depois das dez."

Sentamos numa mesa de canto, com vista para todo o ambiente, o típico lugar em que um shimbador ficaria. O garçom trouxe o cardápio. Tudo caro demais. Eu disse que não queria nada. O Horácio pediu um uísque e disse que nos pagaria uma cerveja. Eu pedi um refrigerante. Se pelo menos aquela morena da recepção sentasse aqui conosco... Ficamos ali, jogando conversa fora, e eu já tava começando a ficar de mau humor e a olhar o Danielzinho com cara de brabo. Ele fazia de conta que não era com ele, mas notei que também estava preocupado. Chegou um grupo grande, umas vinte pessoas, metade cuecas, metade calcinhas. Os homens bem vestidos, as mulheres bem maquiadas, algumas delas com saias curtas e meias de seda, a típica excursão de bacanas com grana e suas esposas

e/ou amantes, que vinham enfrentar juntos o excitante e desconhecido mundo da putaria. Eu conheço os tipos. Não estariam ali se o Coriolano não estivesse oferecendo alguma coisa interessante.

Assim que eles se acomodaram, em quatro ou cinco mesas, a música mudou para uma ritmo eletrônico meio oriental e alguns refletores estrategicamente colocados se acenderam. Nada de espetacular, mas, perto do breu anterior, ficou ótimo. As luzes revelaram, num canto, perto da escada que levava ao segundo andar - onde, eu sabia, ficavam a sauna e as suítes - duas cadeiras para *face-sitting*. E - o que me deixou mais satisfeito ainda - agora dava pra ver um conjunto de seis sofás em "v", grandes e escuros, três no pequeno palco e três bem perto dali. Os sofás não pertenciam à decoração original do Olimpo. Quem se sentaria ali? O Danielzinho, já entusiasmado, dizia alguma coisa no ouvido do primo, que estava no segundo uísque e sorria como um bobo. O Coriolano apareceu e foi cumprimentar os recém-chegados. Todos sorriam muito. Eu vi o rosto de uma das mulheres e ela me pareceu uma deusa: loira, bem magra, cabelos lisos e brilhantes, com um vestido preto de alcinhas, deixando ver os ombros pontiagudos. Quando ria, seus dentes brilhavam. Parecia uma atriz de cinema. Mulher como aquela, das duas uma: se fosse honesta, o cara, pra namorar, tinha que ter carro importado e três cartões de crédito diferentes; se fosse gp, o cara tinha que zerar os cartões e vender o carro importado pra comer. Engana-se quem acha que uma mulher como aquela jamais seria gp. Como diria Juca Chaves, é só uma questão de preço.

A música parou, e todas as luzes, com exceção de um refletor que iluminava a escada, se apagaram. Ouvimos a voz de Coriolano amplificada:

"É um grande prazer tê-los aqui. Hoje, esta casa está aberta apenas para os prazeres mais refinados. Temos certeza que todos saberão aproveitar ao máximo essa noite de sensualidade e beleza, sempre com educação e respeito às artistas. E aqui estão elas, as estrelas da sexta especial do Olimpo, que descem dos céus para atender aos desejos dos felizes mortais aqui reunidos."

A música voltou, a todo volume, era um troço que eu já tinha ouvido antes na formatura de uma prima, quando a turma entrou no salão de atos. Um coro poderoso cantava algo como "Oh, fortuna" várias vezes. Muito pesado pro meu gosto. Mas quem estava interessado na música? Quando elas começaram a descer a escada, tudo parecia perfeito. Eram seis: uma mulata, três morenas, duas loiras (as duas falsas; tudo bem, tá valendo, só não gosto de ver a raiz). Usavam vestidos curtos e meias escuras, parecidas com as da recepcionista. E sandálias de salto alto, claro. Não dava pra ver direito os rostos, mas os corpos pareciam ser acima da média: nada de baixinhas, nem barrigudinhas, nem caidinhas. As luzes voltaram, a música ficou mais animada, e as seis começaram a circular entre as mesas, em fila indiana. Quando passaram perto da

nossa, reconheci a mulata, que era gp da Vênus, uma clínica sofisticada que ficava ali no começo da Dom Pedro II. contei pro Danielzinho, e ele balançou a cabeça antes de explicar:

"O Coriolano contratou elas só para essa noite, e os programas estão proibidos aqui dentro. Quem se passar com elas, pode ser colocado pra fora. É como se fosse um show, mas dá pra participar numa boa. Bem gostosa, aquela morena de rabinho de cavalo, não é?"

Tive que concordar com o Danielzinho. Não era muito alta, mas os peitos e a bunda, bem empinadinhos, eram nota 10. Por uma mulher como aquela, eu seria capaz de economizar alguns meses e pagar cento e cinquenta, ou até um pouco mais. Resolvi descobrir onde ela trabalhava normalmente se tivesse alguma chance. Depois de três voltas pelo salão, onde receberam alguns aplausos, principalmente das mesas dos bacanas, cada uma ocupou um sofá, sentando bem no meio. Eram sofás de três lugares, e ficou óbvio que elas estavam oferecendo os outros dois lugares para o público. Enquanto ninguém se decidia - sempre é foda começar, principalmente com tanta gente olhando - elas colocaram os pés pra cima e passaram a mão neles, devagarinho, o que também proporcionou uma ótima visão das pernas.

Um cueca que já estava quando nós chegamos levantou-se e foi até um dos sofás do palco. O cara provavelmente tinha combinado tudo com o Coriolano, só pra quebrar o gelo. Ele sentou ao lado de uma das loiras falsas, e ela imediatamente colocou a perna direita no colo dele. O cueca acariciou rapidamente o tornozelo da loira e depois partiu pros dedos. Aí levantou um pouco a perna dela e começou a lambar o dorso do pé. Passou um tempo, e ela recolheu a perna para tirar a sandália. O cara se ajoelhou na frente dela, que estendeu a perna outra vez, até que o pé ficasse ao alcance da boca do cueca. Ele, sem pensar duas vezes, abocanhcou a ponta do pé e ficou chupando. Eu pensei que, se fosse participar daquele joguinho de lambe-lambe, ou pegaria um pé ainda virgem, ou pediria que a garota lavasse antes. Não estava a fim de recolher a baba dos outros com a minha língua. Eu estava tão entretido com o sofá do palco que não percebi que a ação já tinha começado no sofá da mulata, mais em baixo. Dois bacanas, um de cada lado, seguravam os pés da negrinha e se deliciavam lambendo tudo, inclusive as solas das sandálias. Tem gosto pra tudo. Achei meio repugnante.

Nessa altura, o primo do Danielzinho já tava bem entusiasmado, além de meio bêbado. Ele dizia:

"Depois de lambar o pé, também vou lambar o resto."

"Hoje, acho que não vai ser possível, Horácio", advertiu Danielzinho. Depois apontou pra mim e disse: "O China conhece a mulata. Quem sabe a gente combina alguma coisa com ela, pra depois da festa?"

"Eu só conheço de vista", respondi. "Nem sei o nome. Sei que custa cem reais a hora, lá no Vênus."

"O nome é fácil. Eu descubro", garantiu Danielzinho.

Aquele papo tava chato. Se tem coisa que eu detesto é arranjar programa pros outros. Percebi que, no sofá da morena de rabo de cavalo, ainda havia um lugar vazio. Em breve, todos os pés disponíveis estariam babados. Levantei, dizendo que estava a fim de conferir o lance, e caminhei rápido na direção do sofá. No caminho, ainda olhei de perto a loira de cabelos brilhantes e ombros ossudos. Que mulher gostosa, pelamordedeus... Perto dela, a morena de rabo de cavalo era de segunda classe. Só que na morena eu podia tocar, o que sempre é uma grande vantagem.

Tentei não olhar para o cara que já estava lambendo o pé esquerdo, mas o desenho estranho do sofá, que facilitava o acesso simultâneo às duas pernas, também me colocava quase de frente com aquele nojento bem vestido, que com certeza era da turma dos bacanas. Eu nunca gostei de surubas. Pra mim, dois tá bom, três já é um saco. Me concentrei na morena, que era super simpática, sorria pra mim, abria levemente a boca, mostrando os dentes (um pouco tortos). Tirei a sandália do pé direito e dei alguns beijinhos, ainda sem muita convicção. As unhas estavam pintadas de preto, ou marrom escuro, difícil dizer com aquela luz, e ela tinha colocado algum perfume no pé.

Não gosto de perfume, com exceção daquele cheirinho de sabonete depois do banho. Sempre tenho a impressão que o perfume tá escondendo algum outro odor. Eu dei uma lambidinha rápida e percebi que a coisa não estava funcionando pra mim. Além do cueca, bem na minha frente, que agora parecia disposto a engolir inteiro o outro pé e fazia caras exageradas de excitação (o maior asco), eu também imaginava o Danielzinho e o seu primo me vendo em ação e provavelmente rindo de mim. O que fazer? Abandonar o pé e voltar para a mesa? Insistir no lambe-lambe, na esperança de que meu espírito melhorasse? Estava prestes a desistir definitivamente da podolatria quando o evento mais inacreditável da minha vida aconteceu.

Bem na minha frente, apareceu a loira bacana, a dos ombros pontudos e corpo de atriz de cinema, e disse alguma coisa no ouvido do cueca, que sorriu, levantou-se e desapareceu. A loira ocupou o seu lugar e sorriu pra mim, como se pedisse licença para entrar no jogo. Foi o mais lindo sorriso que eu já vi. Com um lençinho branco, que ela trazia na mão, a loira enxugou o pé da morena. Claro, ela também não queria ficar recolhendo a baba dos outros. E então beijou o pé da morena. Foi como se ela tivesse apertado um botão no meu organismo. Fiquei excitado na hora. Peguei o meu pé (o da morena, bem entendido) e beijei do mesmo jeito. Foi demais! Eu lambia o pé da morena e olhava para a loira, tomando o cuidado de não dar muita bandeira, porque ela podia ter

um marido ou um namorado bem ali perto, e eu sou da paz, não gosto de me meter em encrenca.

Depois de um tempo que não posso precisar (no paraíso, os relógios não funcionam do mesmo jeito), o Danielzinho e o Horácio se aproximaram. O Danielzinho cochichou pra mim que o primo gostaria de ocupar o meu lugar. Cacete!, aquela foi a proposta mais ridícula que eu já tinha ouvido na vida. Nem dei atenção. Virei a cabeça. Os dois que fossem para o inferno. Continuei lambendo o pé da morena e olhando para a loira. Pela primeira vez, em minha longa carreira de putanheiro, três parecia ser um bom número. Ainda vi, de relance, o rosto do Horácio, contrariado, voltando para a nossa mesa. Ele gesticulava, bêbado, e o Danielzinho tentava acalmá-lo. Ele que se fodesse.

Infelizmente, pouco depois a loira levantou-se e desapareceu. Nem um sorriso de despedida. Sumiu. Eu larguei o pé da morena, também sem olhar para ela, e saí do sofá, que foi imediatamente ocupado por dois cuecas. Voltei para a mesa. O Horácio estava furioso comigo. O Danielzinho me olhava como se eu tivesse dado um tiro no priminho. Disse:

"O que custava levantar, China? Tu ficou naquela lambeção mais de meia-hora."

"Por quê vocês não foram nos outros sofás?"

"Estavam todos ocupados."

"Sinto muito. Daqui a pouco vocês arrumam um lugar."

Olhei para o palco. Talvez não fosse muito fácil. Tinha chegado mais gente, quase todos cuecas, e o pessoal ficava na fila do gargarejo, esperando uma vaguinha pra se atirar nos pés. Não é sempre que rola sacanagem grátis no Olimpo.

"Tu é um filho da puta", disse o Horácio, com a língua enrolada.

Resolvi ignorar. Não conhecia o cara. O fato dele andar armado não parecia indicar uma personalidade muito confiável. Ele insistiu:

"Filho da puta e veado. Eu vou te enfiar o pé no cu, pra ver se tu gosta."

"Calma, Horácio", disse Danielzinho.

"Eu vou no banheiro." E levantei, disposto a ir embora. Senti uma mão no meu ombro. Uma mão pesada, que me jogou de volta na cadeira.

"Fica aí, babaca", disse Horácio. "Tu ainda não falou com a negra sobre o programa."

Eu sabia que entrar no jogo dele - o jogo de um imbecil bêbado do interior que andava armado - só me traria desvantagens. Ganhei tempo, enquanto esperava a oportunidade de cair fora.

"Como eu vou falar? Tem dois caras lambendo os pés dela?"

"Vai lá e fala com ela, porra!"

"Fica frio, Horácio", disse Danielzinho, que nessa altura já estava nervoso. "Daqui a pouco o China acerta tudo com ela."

Danielzinho olhou para mim e, aproveitando que Horácio estava outra vez entretido com a sessão lambe-lambe, sorriu amarelo, como quem pede desculpas. Não sorri de volta. Eu já antevia uma noite trágica, em que meu vício talvez me cobrasse um preço alto. Bem mais alto do que eu costumava pagar.

No sábado, continuei a pesquisa. Achei mais alguns textos, principalmente de frequentadores de bordéis americanos e de experientes turistas sexuais, com dicas de onde saciar gostos específicos nos quatro cantos do mundo. Muita coisa sobre a Tailândia, Cuba e, é claro, Brasil. No entanto, nada que superasse a riqueza de detalhes do Chinês em suas metódicas visitas aos puteiros de São Paulo. Ao meio-dia, cansei de tanta baixaria e levei o Bóris pra passear. Na volta, segurei meu desejo de ligar para Laura. Ainda não sabia como reagir à visita de Sávio. O mais fácil seria fazer de conta que nada tinha acontecido, seguir meu trabalho, sem meter o bico nas confusões dos outros. Laura era uma cliente. Bonita. De divinos tornozelos. E só. Almocei uma pizza requentada. Bóris acabou com o arroz com fígado. Ele comia como um animal. No início da tarde, voltei à pesquisa, mas o trabalho não estava fluindo bem. Telefonei para o celular de Laura.

"É o Frederico."

"Boa tarde."

Voz fria. Provavelmente estava com alguém e não queria me identificar.

"Já tenho algumas coisas interessantes."

"Não. Não estou interessada em mais um cartão de crédito. Obrigado."

E desligou.

Apareceu às sete da noite, nervosa, de abrigo e tênis, com uma sacola esportiva a tiracolo e um cigarro na mão, explicando:

"Eu estava em São Leopoldo, com o Sávio, vendo um galpão que ele está pensando em comprar. Desculpe falar daquele jeito no telefone."

"Tudo bem. Eu compreendo."

Laura sentou e fez carinho em Bóris, mas estava distante. Tentei animá-la mostrando o material, já impresso, do *blog* do Chinês:

"Dá uma olhada. Acho que tem muita coisa que dá pra aproveitar."

Ela mal passou os olhos pelas folhas grampeadas. Abriu a bolsa e colocou os óculos. Estava chorando e não queria fazer cena.

"Desculpe, Frederico. Depois eu olho com calma. Hoje foi um dia pesado."

Fiquei quieto. Queria dizer "O que aconteceu?" com ar compreensivo. Queria que ela tirasse os sapatos, deitasse no sofá, com a cabeça no meu colo e me contasse todos os seus problemas. Laura, entretanto, levantou-se e tentou readquirir seu autocontrole. Falou com voz mais firme:

"Descobri que estou sendo uma idiota. O Sávio e as crianças não merecem sofrer por minha causa. Hoje de manhã, o Gui veio falar comigo e disse que não sabia o que fazer para que a nossa casa ficasse feliz outra vez. Disse que tinha visto o pai chorando, e que o irmão não sabia explicar o que está acontecendo. O Gui tem dezesseis anos, é muito inteligente, às vezes parece que é adulto, mas hoje eu vi que ele ainda é uma criança, que precisa de uma mãe de verdade. Mães de verdade se sacrificam por seus filhos, não é?"

"Mães de verdade amam seus filhos", respondi. "Acho que o resto é melhor examinar caso a caso."

"Não complica Frederico. Eu estava complicando minha vida. Posso permitir que um garoto maravilhoso como aquele chore por um capricho da sua mãe? Não. Não posso. Tive uma conversa difícil com o Sávio. Descobri que ele está mais abalado do que eu pensava. Ele disse que me ama tanto que... Deixa pra lá. Tô começando a falar bobagens sentimentais. Prometi que vou voltar a ser a mãe participativa que sempre fui. Fomos almoçar fora, nós quatro, numa galeteria em São Leopoldo. O Sávio queria me mostrar o galpão onde ele pretende instalar a academia. Eu já te falei da academia?"

"Não."

"O Sávio cansou de ser gerente das nossas duas lojas de material de construção. Vamos vender e abrir uma academia de ginástica. O Sávio diz que vai dar certo."

Bóris latiu duas vezes, dizendo que não iria dar certo. Laura não prestou atenção. Tirou os óculos. Tinha dominado o choro.

"A academia vai ficar bem perto da BR-116. A ideia é pegar todo o público universitário das redondezas. Vamos fazer convênio com os centros acadêmicos da Unisinos, da Ulbra, da La Salle, do Vera Cruz. Com as associações de professores também. Já está tudo bem adiantado."

Eu me atrevi a fazer a pergunta óbvia:

"E o seu marido entende de academias de ginástica?"

"O Sávio, uns quatro ou cinco anos atrás, estava com uma barriga indecente. Sabe aquele montinho por cima do cinto? Não

fazia ginástica nem pra pegar o jornal no chão. Aí, de repente, resolveu enfrentar a decadência física. Entrou para uma academia, começou a correr no parque, comprou uma bicicleta e aqueles potes imensos de vitamina. Virou um atleta. Eu achei ótimo. É muito melhor ter um marido musculoso que um marido gordo. Ficou bem forte, o Sávio. Tem halteres em casa. Disse que levanta mais de cem quilos. Talvez seja verdade.”

“Fazer ginástica é uma coisa, ser dono de academia é outra.”

“Eu sei. Mas ele leu muito a respeito. E tem o meu filho mais velho, que tá estudando Administração. Ele logo vai poder ajudar. Hoje o Sávio me falou que talvez seja bom a gente ter um sócio com mais experiência. De qualquer maneira, vendendo as duas lojas, dá pra comprar o galpão, reformar, comprar os equipamentos - são importados, muito caros - e começar o negócio sem pedir empréstimo. Eu topei.”

Então estava feito. O que eu poderia dizer sobre essa troca absurda? Porra nenhuma. Olhei para Laura. No fundo, no fundo mesmo, ela não tinha certeza de nada. Estava atuando para mim. Deixei que ela continuasse.

“Vou continuar escrevendo minhas coisas, claro. Não vou abandonar meu projeto.” Pequena pausa para acender outro cigarro no que estava terminando. “Talvez seja melhor publicar com um pseudônimo.”

Sávio vencera. A família triunfara. Provavelmente ela acabaria esquecendo Lorenzo, Frineia e todos os outros personagens que criara. A realidade era mais importante que a ficção. Pena que ela não sabia exatamente qual era a realidade da sua família: que o marido a espionava, com a ajuda do filho, e que eles, se pudessem, a internariam numa clínica psiquiátrica. Mas o que eu tinha a ver com isso? Nada. Ela abriu a sacola esportiva e começou a xeretar lá dentro. Bóris aproximou-se dela.

“Vou te dar um cheque pelas pesquisas feitas até agora. Quanto devo?”

Não respondi. Eu também tinha o direito de ficar triste. Eu estava perdendo um bom trabalho e a visão dos tornozelos de Laura, tudo ao mesmo tempo. Dessa breve relação, que parecia tão promissora, só me sobraria o Bóris. Laura não achava o talão de cheques. Bóris parecia querer ajudá-la, quase metendo o focinho pra dentro da sacola.

“O que é, Bóris?”, disse Laura. Olhou para mim. “Como ele tá estranho. Almoçou direito?” E de novo para Bóris: “Eu não tenho comida aqui.”

Não era comida que Bóris queria. Laura, ainda à procura do talão, tirou de dentro da sacola um abrigo grande, masculino. Bóris ficou louco. Abocanhou o abrigo e saiu correndo com ele.

"Bóris! Bóris!", gritou Laura. E para mim: "É o abrigo do Sávio. Nós fomos dar uma corrida juntos, e ele me pediu para guardar."

Fui atrás de Bóris. Ele estava mastigando o abrigo na área de serviço. Quando consegui resgatá-lo, alguns minutos depois, não passava de um trapo. Quem sabe um futuro pano de chão, depois que a baba gosmenta fosse retirada. Coloquei a porcaria numa sacola de plástico e voltei para a sala, com Bóris, outra vez comportado, nos meus calcanhares. Mostrei a sacola para Laura.

"Não sobrou muita coisa."

Laura não ficou braba. Estava sorrindo. Bóris sentou ao lado dela e ganhou um carinho.

"Eu nunca vi um cachorro fazer algo assim. Quem pode explicar uma coisas dessas?"

Era mais uma pergunta retórica, daquelas que a gente faz para a porta, sabendo que o trinco não vai responder. Mas Laura não merecia ficar sem uma explicação, porque ela existia, sim, e só eu poderia fornecê-la, ao custo de um monte de outras explicações inevitáveis, tantas que, naquele momento, eu sabia ser incapaz de contar. Era ficar quieto, entrando no jogo retórico e dizendo "Ninguém", ou contar. Contar tudo. Toda a verdade. Ou pelo menos as parcelas de verdade que eu sabia. Não sou um pesquisador? Não é essa a minha profissão? Eu tinha informações importantes a dar para uma cliente. Com essa retórica de jerico me justificando internamente, e com a coragem fornecida pela visão dos tornozelos de Laura, que apareciam, resplandecentes, entre a meia esportiva e a bainha do abrigo, decidi responder:

"Eu. O seu marido esteve aqui ontem à noite."

Laura endireitou as costas e retirou a mão da cabeça de Bóris. A primeira frase tinha sido fácil. E lógica. Demorei a achar a segunda. E aí embaralhei tudo:

"O Bóris não é do meu vizinho. É meu. Comprei na quarta-feira."

Senti que a coisa estava ficando confusa demais. E também que, a partir dali, eu não podia mais voltar ao porto. Tinha que levantar todas as velas, me abrir completamente, contar tudo, o que incluía várias mentiras para minha cliente.

"Laura, eu vou explicar tudo, mas pra isso eu tenho que fazer um histórico. Um breve histórico. Tudo bem?"

Ela ficou quieta. Eu segui, sob o olhar atento dela e de Bóris. Conteí minha conversa com Leonan, no dia seguinte à primeira visita de Laura. Revelei que eu tinha obtido uma cópia de "As filhas de Madalena" naquele almoço no restaurante árabe, com a condição de não dizer nada para a autora. Narrei o telefonema de Leonan, na manhã seguinte, que me levava ao Pronto-Socorro e à carona para Laura até meu apartamento, onde os originais do romance estavam na mesa da sala, prontos para serem descobertos. Confessei que inventara a existência de um cachorro do vizinho, porque essa foi a única desculpa que consegui espremer de minha paupérrima imaginação, para entrar antes e dar um sumiço no texto. Lembrei, sem dar muitos detalhes, minha ida à clínica veterinária para comprar Bóris. E, finalmente, cheguei ao ponto mais importante: a visita de Sávio na sexta à noite, duas horas depois que Laura tinha saído daquele apartamento. Comecei cheio de cuidados:

"O seu marido está muito preocupado com a senhora."

"Não me chama de senhora." Laura estava furiosa. Eu não sabia exatamente quanto, mas ela tinha motivos para estar muito furiosa mesmo. Comigo, com Leonan e com o marido. Com todo mundo, menos com Bóris. "O que ele veio fazer aqui?", perguntou. Seus olhos exigiam respostas honestas. Se eu falhasse agora, talvez perdesse os seus tornozelos para sempre.

"Primeiro pediu informações sobre o tipo de pesquisa que eu estava fazendo. Eu neguei."

"Por quê?"

"Não fui com a cara dele."

"E depois?"

"Eu descobri uma coisa importante."

"O quê?"

"Ele leu o teu romance. E também leu o conto. O da Frineia."

"Impossível."

"O seu filho mais moço, o que é gênio da informática, quebrou as senhas do computador e fez cópias dos textos."

"O Gui? Não acredito."

"Ele foi orientado pelo seu marido."

"Por isso eles estavam tão nervosos. Puta que pariu!"

"Calma."

"Calma coisa nenhuma. Eles passaram o dia inteiro comigo, me paparicando, se fazendo, e eu, feito uma idiota, representando a volta da mãe pródiga! É demais."

"Eu peço desculpas pelas mentiras que contei nesses dias."

"Não pensa que eu esqueci as tuas falcatruas! Não esqueci nenhuma." Olha para Bóris. "Pobre cãozinho. O que ele deve ter sofrido nas tuas mãos. Passou fome."

"Eu também sofri com ele."

"Mereceu."

Bóris latiu uma vez. Sim. Concordava que eu mereci ter sofrido. Se a família da Laura não tivesse acabado de desmoronar na frente dela, talvez a gente pudesse rir.

"Como tu descobriu que o Sávio tinha lido tudo?"

Contei do estratagema que eu criara com as duas formas diferentes da profissão de Frineia - hetera e hetaira. Laura entendeu logo. A dupla grafia estava na minha pesquisa.

"E o que ele fez quando percebeu tua descoberta?"

"Me ameaçou fisicamente. Disse que conhece gente da Polícia Federal."

"E conhece mesmo. Vários delegados construíram suas casas com material comprado nas nossas lojas. Preços especiais, aposto. Mas o criminoso é ele! É ele, caralho!" Pequena pausa. "O nosso casamento acabou há anos."

"Ele disse que a relação de vocês é maravilhosa, com muito diálogo!"

"Muito papo e uma trepada pro mês. Deve gastar toda a energia daqueles músculos comendo a *personal* dele. Chega em casa todo suado, toma um banho e dorme como um anjo."

Laura pegou a sacola com o abrigo arrebitado por Bóris e o jogou pela janela. Bóris latiu para comemorar.

"O Bóris sentiu o cheiro do desgraçado. Ele é como o Tigre: reconhece gente ruim de longe."

"Não se trata de maldade, Laura. Ele está desesperado, e aí..."

"Piça pro desespero dele! Eu também já fiquei desesperada na vida, e nunca fiz nada parecido com essas barbaridades. Ele está usando as crianças contra mim! Por medo de perder dinheiro. Não tem desculpa!"

"Calma, Laura."

Ela percebeu que segurava o filtro do cigarro apagado na mão. Acendeu outro e tragou. Sua mão tremia um pouco.

"Eu tô calma. A partir de agora, o jogo é outro. Eu preciso de ti, Frederico. Preciso mesmo. Posso contar contigo?"

Bóris latiu uma vez.

A sessão lambe-lambe parecia estar no fim (imagino que os pés fiquem murchos depois de tanta babação), e a música trocou para um clássico da putaria, uma daquelas canções cantadas em francês por uma mulher que parece estar sendo enrabada (e gostar disso, claro). Duas das garotas de pés melados saíram dos sofás e foram para as cadeiras de *face-sitting*, seguidas por uma fila de cuecas ansiosos. Um deles foi logo sentando, todo alvoroçado, enquanto a garota subia para a posição superior. Eu já tinha feito aquilo. Era interessante: a cadeira tem um apoio acolchoado para a nuca, de modo que a cabeça da gente fica bem firme, enquanto a garota, com os pés enfiados numa espécie de estribo, desce a xana na tua cara. Na primeira vez, quase fiquei sem fôlego. Pena que elas não tiram a calcinha, seria mais legal ainda. É uma brincadeira divertida. Se eu não estivesse acompanhado por dois idiotas, daria um jeito de fazer a coisa com a morena de rabo de cavalo.

"Vamos embora?", disse Danielzinho. "Acho que o Horácio vai curtir mais uma tailandesa na Caverna."

A Caverna é a casa de massagens mais conhecida de Porto Alegre. Tem duas ou três garotas que realmente sabem fazer uma boa massagem tailandesa, com calma e ciência.

"Tailandesa o caralho!", gritou Horácio. "Quero uma puta brasileira. Eu prestigio o legítimo produto nacional."

Nesse momento, o Coriolano apareceu na nossa mesa, para perguntar se estávamos nos divertindo. O Horácio não estava, e fez questão de deixar isso bem claro:

"Eu me divertia mais barranqueando as novilhas na fazenda! Que bosta de puteiro, que não dá nem pra dar uns beliscões nas bundas das vagabundas."

O Coriolano, doutor em bêbados e chatos, respondeu sorrindo:

"A atração principal vai começar agora. E, se o senhor desejar, pode ser o primeiro da fila."

O Horácio levantou-se imediatamente e disse:

"Eu quero duas! Eu pago! Duas!"

"Duas? Não tem problema. O amigo é que manda. E não precisa pagar nada."

E o Coriolano arrastou o idiota para o palco, onde haviam sido estendidos vários colchonetes. Era a minha chance de desaparecer. O problema é que eu estava muito curioso.

"O que vai acontecer naqueles colchonetes?", perguntei para Danielzinho, que continuava preocupado com seu primo.

"*Trampling.*"

"Que porra é isso?"

"Tu já vai ver."

As sessões de lambe-lambe nos sofás pararam, e todas as garotas passaram toalhas nos pés. Coriolano sussurrava alguma coisa no ouvido do Horácio, que hesitou um pouco, mas acabou tirando a camisa, com movimentos meio trôpegos, e deitou num colchonete, de barriga pra cima. Duas garotas se aproximaram, uma falsa loira e a mulata.

"Eu vou lá", disse Danielzinho. "Ele tá bêbado demais, e pode se pisar. Já vi um cara quebrar uma costela nesse negócio."

O Coriolano, ajoelhado, ainda deu mais algumas instruções para o idiota. E então as garotas começaram a subir em cima dele, devagarinho, sem ficar muito tempo. Subiam e desciam, com os pés descalços. Dava pra ver que o Horácio inspirava profundamente e mantinha os pulmões cheios de ar, expirando só quando elas desciam. O Coriolano aplaudiu, vários cuecas também aplaudiram. Horácio sorriu, orgulhoso. Um cueca bacana tirou a camisa e deitou num outro colchonete. Fez um sinal para a morena de rabo de cavalo, que se aproximou dele. Eles conversaram rapidamente, e a morena começou a colocar a sandália. Puta que pariu, pensei, será que ele pediu pra ela subir em cima com aquele salto alto? Só se o cara for muito louco. E era, claro. Não completamente louco, só um pouco mais louco que o normal. A morena parecia estar acostumada com aquilo. Antes de subir, enfiou o salto em várias partes do corpo do cara, principalmente no rosto, deixando marcas vermelhas, que podiam ser vistas até da distância em que eu estava. O cueca tava gostando. Finalmente ela subiu. Porra, aquilo devia doer pra caramba. Ela caminhou em cima do peito do cara, que mantinha os músculos todos retesados pra segurar a onda. Era forte, o sujeito. Isso é comum entre os caras que curtem sm. Malham, ficam uns touros, pra depois apanhar de chicotinho...

Nessa altura, as outras garotas também já estavam em cima de outros cuecas. Uma delas pulava, e pulava mesmo!, em cima de um sujeito ainda mais forte que o outro. As calcinhas riam muito, riam sem parar, aplaudiam e incentivavam os bacanas. Uma zona completa. Como havia muita gente de pé, em volta dos colchonetes, minha visão ficou prejudicada. Aproximei-me um pouco, a tempo de ver a confusão armada pelo Horácio: ele, ainda deitado, estendeu a mão e tocou a bunda da mulata, que reclamou, mas continuou brincando. Aí o idiota meteu a mão mesmo, apertando a bunda com vontade. Ela gritou e saiu. Coriolano apareceu logo, ao lado do leão de chácara, e fez sinal para o idiota de Cachoeira do Sul levantar. Horácio se fez de louco, e continuou deitado. O leão de

chácara inclinou-se para puxar o imbecil, mas aí o Danielzinho se meteu entre eles, gesticulando muito, falando com Coriolano sem parar. Tanto fez, tanto implorou, que conseguiu salvar o primo de levar umas boas cacetadas. Danielzinho passou a mão na cintura do idiota e começou a levá-lo de volta para a mesa. Senti que tinha chegado a minha hora. Corri para a saída. A recepcionista de pernas monumentais estava na porta.

"Já vai?", disse ela, e, não sei porquê, achei que a dona daquelas pernas incríveis estava realmente triste com a minha saída. Eu não tinha bebido, nem fumado, nem nada. Estava de cara. O problema é meu vício eterno, e a droga estava bem na minha frente, sorrindo. Resolvi conferir:

"Talvez eu volte mais tarde. Tu vai ficar por aqui mais um tempo?"

"Acho que sim."

"Quem sabe depois a gente conversa..."

"É, quem sabe... Eu gosto de conversar."

Mexeu um pouco nos cabelos, sorriu e passou a língua nos lábios, gestos que interpretei como um convite sério para uma conversa igualmente séria. Como aquela noite provara pela milésima vez, tem gosto pra tudo nesse mundo. Se um cara cheio da grana gosta que uma mulher suba em cima dele e enfie um salto no seu umbigo, por quê aquela recepcionista do Olimpo não poderia gostar de um oriental cheio da bossa como eu? Às vezes as coisas ilógicas do mundo também podem funcionar pro lado da gente.

Atravessei a rua, entrei num barzinho vagabundo e sentei no balcão. De onde eu estava, dava pra ver bem legal a porta do Olimpo. Meu plano era esperar a saída do Danielzinho e do seu primo e voltar correndo para a recepcionista. O garçom perguntou o que eu ia tomar. Lembrei que tinha apenas três reais no bolso. Se pedisse um refrigerante, ficaria sem dinheiro para o buzu. Eu continuava um duro da pior qualidade. Pedi o cardápio, pra ganhar tempo. Não tinha cardápio nenhum, claro, e o garçom ficou olhando pra mim, já meio puto. Eu disse que estava em dúvida. Ele foi fazer alguma coisa na outra ponta do balcão e voltou. Tive que pedir um refrigerante, que me custou um real e cinquenta centavos. Caralho! O que o vício faz com as pessoas... Eu estava trocando a condução de volta pra casa pela remota possibilidade de conseguir alguma coisa com uma mulher com quem conversara menos de trinta segundos. Pedi um copo e enchi com o refrigerante. A porta do Olimpo abriu, mas saiu um cueca desconhecido. A recepcionista colocou o rosto para fora, e eu abanei escandalosamente pra ela. Ela viu e abanou de volta, discreta. Agora eu tinha quase certeza: ela tava a fim.

A porta abriu outra vez. Danielzinho e Horácio saíram, o primeiro quase carregando o parente mala do interior. Horácio resistia, não queria ir embora, gritava coisas como "Aí dentro só tem veado!" e se agarrava na grade do muro do Olimpo. Danielzinho deu a chave do carro para o manobrista. Nesse momento, quatro pessoas saíram do Olimpo. Eram dois casais, e uma das mulheres era a deusa loira de ombros de fora. Como o manobrista não estava ali, eles tiveram que ficar esperando na calçada, bem perto de Horácio e Danielzinho, e aí que a confusão toda aconteceu. O Horácio parou de gritar, botou a camisa pra dentro das calças e, tentando parecer sóbrio, foi cumprimentar os bacanas. Como eu estava do outro lado da rua, não ouvia o que ele estava dizendo. No entanto, pela expressão tensa do Danielzinho, muita merda estava saindo daquela boca interiorana. Danielzinho puxava o primo, mas Horácio era maior e mais forte que ele. Os bacanas aguentaram por um tempo, fazendo de conta que não era com eles. Só que o Horácio não desistiu, e se aproximou da deusa loira, sem parar de falar. Um dos bacanas se meteu no meio do caminho, e aí Horácio o empurrou. O bacana reagiu com outro empurrão. Como Horácio estava bêbado - e o cara era tão ou mais forte que ele - foi jogado para trás, trôpego, e foi tentando se equilibrar sem sucesso, até tropeçar no Danielzinho. Os dois caíram no chão, embolados. Os bacanas resolveram cair fora, sem esperar o manobrista.

E aí eu vi que Horácio, ainda deitado, levava a mão na direção das costas. Era muito provável que ele tivesse recuperado a pistola na saída do Olimpo. E ainda mais provável que ele, bêbado daquele jeito, acabasse fazendo uma grande besteira. A pistola surgiu, brilhando, quase dourada, na luz de sódio do poste. Horácio, enquanto levantava-se com a arma na mão, gritou tão alto que eu ouvi perfeitamente:

"Volta aqui, veado!"

Os bacanas continuavam andando. Horácio gritou outra vez:

"Pára, senão atiro no teu cu!"

Os quatro viraram-se pra conferir a ameaça. Horácio estava apontando para eles, o braço meio incerto, as pernas bambas, mas quem apostaria que ele não era capaz de matar alguém? Todas as noites, alguém morre nas mãos de bêbados como aquele. Os bacanas e suas mulheres ficaram imóveis, apavorados. Danielzinho gritou:

"Abaixa esse negócio, desgraçado."

Horácio apontou a arma para o primo e disse:

"Fica na tua, ou também leva bala."

O idiota bêbado então começou a caminhar lentamente na direção do grupo, sempre com a arma apontada. Danielzinho, todo cagado de medo, se encolheu perto do muro do Olimpo. E eu, que tenho tanta

vocação pra herói quanto pra astronauta, não sabia o que fazer. Se pelo menos o segurança do Olimpo aparecesse, ou se o manobrista voltasse, ou se passasse uma viatura da Brigada, ou se... Ou se, porra nenhuma! Ninguém poderia interferir, com uma única exceção: eu, o China, putanheiro da paz e do amor. O cara que, literalmente, paga pra não se incomodar, inclusive em questões sexuais. O romântico que, com um real e cinquenta centavos no bolso, ainda estava ali, na esperança de um contato imediato de qualquer grau com uma recepcionista de belas pernas. O viciado que devia ter ficado em casa batendo bronha assistindo a um filme bagaceiro da Band, em vez de se meter em festinhas sm com um amigo ainda mais viciado em putaria e seu primo débil mental.

Saí do bar sem um plano definido. Foi tudo no improviso. Como Horácio já tinha caminhado alguns metros na direção do grupo, estava de costas para mim. Atravessei a rua. Fiz sinal para que Danielzinho ficasse quieto e, com passos rápidos, mas bem silenciosos, me aproximei do Horácio. Tive medo que os bacanas ou as suas mulheres me denunciassem. Eles foram espertos, ficaram com a mesma cara de apavorados até que eu estava em cima do Horácio. Acho que me joguei em cima do braço direito dele, o que estava com a arma, forçando-o a apontar para o chão. Caí, embolado com ele, e ouvi dois estampidos, seguidos de muitos gritos. Estava no chão e segurava alguma parte do corpo do Horácio, sei lá qual. Senti minha camisa ficar empapada de um líquido viscoso, grosso e quente. Os gritos continuavam, agora eu ouvia outras vozes, e alguém apertou minha mão até que eu larguei o Horácio. Tinha tanta gente em volta, falando e chorando, que não dava pra entender porra nenhuma. Um cara me olhava e perguntava alguma coisa, mas eu não entendia a pergunta. Um sujeito grande e forte, acho que era o segurança do Olimpo, me pegou no colo e me carregou para algum lugar escuro. Subimos uma escada, ele acendeu uma luz, e quando vi eu estava deitado numa cama grande, numa das suítes do Olimpo, com o Coriolano e a recepcionista maravilhosa olhando pra mim, apavorados. Ela chorava. Eu não conseguia dizer coisa nenhuma, acho que também estava com medo, apesar de não sentir dor. O Coriolano, com todo o cuidado, começou a abrir a minha camisa, que estava toda vermelha, assim como minhas mãos e a parte de cima das minhas pernas. Pra falar a verdade, nessa altura eu já tava ligado na recepcionista, que se inclinava pra mim e me proporcionava uma bela visão dos seus peitos. Se eu estava prestes a embarcar pro céu, a última visão da terra não poderia ser melhor. O embarque, contudo, não aconteceu. O Coriolano não viu furo nenhum no meu peito e aí baixou minhas calças, pra examinar as pernas. Eu tentei botar a mão no meu pinto, afinal tinha uma mulher a meio metro dele, mas Coriolano me mandou ficar quieto. E eu fiquei. Consegui olhar para baixo e vi que tinha muito sangue por tudo. Puta que pariu, pensei, vai ver que o cara me acertou, vou sangrar até a morte, e Deus está me poupando da dor, devido à minha atitude heróica. Quem sabe Deus também me enviou a recepcionista, aquela mulher de pernas beeeeeeeeeem legais e peitos beeeeeeeeeem bacanas, pra me acompanhar no trajeto até o reino dos justos e dos babacas que se metem em brigas na saída de puteiros.

Mas Deus não poderia estar envolvido com o que estava acontecendo lá em baixo, no meio das minhas pernas. Meu vício era mais forte que a morte, e meu pau começava a levantar-se, nada santo, incentivado pela visão celestial da recepcionista. Coriolano percebeu e parou de procurar um furo nas minhas pernas. A morena parou de chorar e ficou olhando para o meu pinto. Eles não sabiam o que falar, muito menos eu. Eu tinha ouvido dizer que o pau dos enforcados ficava duro depois da morte. Será que eu estava morto e não sabia? Aí, depois de mais alguns instantes de constrangimento geral, e eu lá, aparentemente vivo e em posição de sentido, Coriolano disse:

"Acho que tu tá bem."

Tentei puxar a calça de volta. Ela tava tão empapada de sangue que não consegui. A recepcionista disse:

"Espera aí. Eu vou buscar uma toalha."

Foi no banheiro e trouxe uma toalha grande. Eu sentei na cama, terminei de tirar a calça e enrolei a toalha na cintura.

"Não quer tomar um banho?", perguntou a morena.

"Quero", respondi.

Sirenes. A polícia, ou uma ambulância. Talvez as duas coisas.

"Ajuda ele, Denise", disse Coriolano. "Eu vou descer pra ver o que tá acontecendo."

Coriolano saiu. Agora eu sabia o nome dela, e foi engraçado, porque Denise era o nome da minha primeira namorada, a primeira mulher que eu tinha comido sem pagar. Ela encheu a *jacuzzi* e perguntou se eu queria espuma. Eu disse que sim. Então Denise me ajudou a tirar a roupa, e eu entrei na banheira. Para minha surpresa, ela também tirou a roupa e entrou. Pra me limpar, claro, pra tirar o sangue, que foi deixando a água vermelha. Foi muito simpático da parte dela. Denise jogou um líquido na água e ligou a hidromassagem, criando aquele monte de espuma. Eu ainda não tinha certeza do que poderia acontecer. O meu pinto desconfiava, claro, e estava pronto para a ação. Denise começou a passar um sabonete no meu peito, e as coisas se encaminhavam muuuuuuuuito bem, quando a porta do banheiro abriu e um dos bacanas que haviam sido ameaçados na calçada entrou, acompanhado da loira maravilhosa. O bacana olhou a cena - eu e Denise, nus, numa banheira cheia de espuma avermelhada - e, depois de um momento de surpresa, perguntou:

"Tu tá vivo?"

"Tô."

"E esse sangue?"

"Tava nas roupas. E na minha pele."

Ele sorriu.

"Claro. O maluco atirou na própria perna e acertou a artéria femural. Mas vai sobreviver, o desgraçado. Eu consegui estancar o sangue, e agora chegou a ambulância. Tu conhece o cara?"

"Não. É primo de um amigo. Baita imbecil."

"Tem certeza que tu tá bem?"

"Tenho."

"Eu gostaria de agradecer. O cara podia ter nos matado."

Eu sorri. Não sabia o que dizer. O bacana continuou.

"Meu nome é Roberto Magalhães." Tirou a carteira do bolso e pegou um cartãozinho. "Falei com a polícia. Eles não vão te incomodar. Vou deixar meu cartão. Gostaria que me telefonasse, amanhã ou depois, pra gente tomar um drinque. Tudo bem?"

"Claro."

"Não precisa de uma carona?"

Eu precisava, mas só depois do banho.

"Não, obrigado."

O bacana ainda me olhou mais um pouco e sorriu. A loira cinematográfica sorriu também. Por um instante, nossos olhos se encontraram. O bacana falou:

"Então... Boa noite."

Deu meia-volta, acompanhado pela loira e saiu. Denise ergueu o braço, para retomar a sessão de limpeza. Fechei os olhos, pensando em relaxar e aproveitar ao máximo aquele momento divino, mas ouvi o ruído da porta abrindo-se mais uma vez. Puta que pa... Abri os olhos. A loira tinha voltado. Ela perguntou:

"Posso participar?"

Fiquei quieto. Denise disse:

"Claro."

A loira chaveou a porta e, com gestos suaves, foi tirando a roupa. Peça por peça. Devagar. Olhando pra mim. Quando ficou só com a calcinha e já se preparava para tirá-la, eu perguntei:

"Mas o Roberto..."

"Foi ele que sugeriu", cortou a loira. "E eu gostei da sugestão. Posso entrar?"

Denise afastou-se um pouco. A loira entrou. Por onde começar? Eram duas mulheres completamente diferentes: uma grande, de pernas longas e musculosas, seios fartos, bunda suculenta, lábios grossos, olhos negros, uma verdadeira representante da beleza brasileira tipo exportação; a outra menor, mais frágil, pele delicada e sedosa sobre ossos evidentes, seios médios, perfeitamente redondos, com bicos que apontavam para cima, uma cinturinha de criança, cara de anjo, olhos e cabelos luminosos, um extraordinário exemplo da beleza europeia que o Brasil importou sem pagar impostos. E eu na *jacuzzi*, com as duas, calculando quantos anos de salário me custaria um programa daqueles. Meus cálculos nunca chegaram ao fim. Aquela noite nunca chegará ao fim. Eu guardo na memória cada detalhe do que aconteceu. Também guardo na carteira o telefone das duas, pois elas juraram que em breve poderíamos repetir o banho, ali mesmo ou em outro lugar. Nem sei se é o caso, talvez seja melhor reter na memória apenas aquela noite, como algo a ser contado para meus filhos e netos - que, agora tenho certeza, ainda terei - como o clímax de uma carreira cheia de dificuldades, mas que conheceu seu momento de glória absoluta. Quando saímos do Olimpo, era de manhã cedo, o sol estava nascendo. Elas chamaram táxis. Eu menti que estava com o carro estacionado ali perto. Abanaram pra mim antes de embarcar e desaparecer. Eu não tinha dinheiro pra táxi. Eu não tinha dinheiro nem pro buzu. Minha casa ficava tão longe que era melhor nem pensar. Caminhei a manhã toda, sentindo o sangue quente em minhas veias e a vida fervendo na cidade em minha volta.

"Foi tu mesmo que escreveu?" Essa foi minha primeira reação. E foi autêntica, honesta; não conseguia pensar na Laura escrevendo aquele texto tão masculino que parecia ter duas bolas penduradas em cada frase.

"Foi. Por quê?"

"Sei lá. Parece que só um homem poderia imaginar tanta perversão."

Laura, que entrara tensa, entregando-me o original quase sem me olhar, finalmente sorriu um pouco, sentada na poltrona de veludo vermelho, com Bóris deitado aos seus pés. Ela disse:

"Depois de escrever durante anos pensando como uma criança, é fácil escrever pensando como um homem. É um cérebro bem mais linear."

"Mesmo assim... Tem coisas aqui que uma mulher..."

"Deixa de fazer cena, Frederico", cortou Laura. "Tu tá só querendo valorizar a tua pesquisa. Eu li aqueles textos do Chinês várias vezes e tirei quase tudo dali. Só criei os personagens e a trama. Onde vamos almoçar?"

A pergunta me pegou de surpresa. Eu pensava que ela almoçaria com a família. Era sábado. Lembrei de uma coisa importante:

"O conto está no teu computador?"

"Claro que não", disse Laura. "Estou na fase 'Mãe pródiga de volta ao lar'. Escrevi duas histórias curtas no meu computador: 'João e o pé de feijão transgênico' e 'A primeira vez de Rita'. São textos pretensiosos e polêmicos para adolescentes, bem do tipo que eu estava produzindo antes de encher o saco. Minha família vai adorar. Escrevi a história do China no meu computador portátil, que só uso quando estou viajando, e salvei em disquete."

"Três histórias em uma semana?"

"Já escrevi três livros em uma semana. Onde vamos almoçar?"

Acabamos, depois de algumas voltas, num restaurante do *shopping*. Ela comeu muita carne vermelha. Eu comi muita salada e um filé de peixe grelhado. Se fosse pelos nossos hábitos alimentares, não daríamos certo nunca. Na sobremesa (muito chocolate e açúcar para ela, um pouco de salada de frutas para mim), veio a proposta:

"Vamos dar um passeio até São Leopoldo?"

"O que tem em São Leopoldo?"

"Duas coisas: uma exposição de cães e o galpão onde o meu marido pretende abrir a academia. Ele deve estar lá, com a sua *personal-trainer*, que ele pretende transformar em nossa sócia."

"Não estou entendendo nada."

"Eu comecei uma outra história, infantil, que conta o drama de um menino que perde seu cachorro numa exposição. Tá lá no meu computador, eles já devem ter lido. Preciso pesquisar o cenário; vou de táxi, meu carro está estragado, o Sávio o levou na oficina hoje de manhã. Eu te encontro, o Bóris está concorrendo. Uma feliz coincidência. Tu me oferece uma carona. Aí, aproveitando que na volta passamos quase na frente, fazemos uma rápida visita ao galpão, e tu fica conhecendo a *personal*. Quero ouvir a tua opinião sobre ela."

A proposta era altamente temerária e tinha tudo para não dar certo. Se Laura pretendia dar um flagra no marido, eu preferia estar a muitos quilômetros dessa desagradável situação. Decidi ser firme e definitivo:

"Laura, eu não gostaria de me envolver dessa maneira na tua vida. Eu sou péssimo em questões pessoais, sempre digo as palavras erradas e faço o que não devo fazer."

"Entendi. Tu tem medo do meu marido."

"Não tenho medo do teu marido. Tenho medo de te atrapalhar, em vez de te ajudar. Só isso." Pequena pausa. "Eu não posso dar uma opinião sobre uma pessoa que acabo de conhecer. Não tem lógica nenhuma."

Laura ficou quieta. Pediu café. Tomou o café (com açúcar) em silêncio. Acendeu um cigarro. Eu puxei outros assuntos, e ela respondeu com monossílabos. Pedi a conta, que fiz questão de pagar. Enquanto esperávamos o garçom com o troco, ela olhava em volta, como se eu não existisse mais. Eu sentia que o peixe grelhado e a salada de frutas davam voltas no meu estômago. Em vez de sentir os efeitos positivos de uma refeição saudável e de poucas calorias, era como se eu tivesse comido uma feijoada completa. Eu não queria reencontrar Sávio; a lembrança dele atrapalhava ainda mais minha digestão. Ele certamente também não tinha boas recordações de mim e de Bóris. Não fazia o menor sentido acompanhar Laura nessa excursão. Nenhum sentido. Veio o troco. Laura preparou-se para levantar. Eu segurei a mão dela - ali, em público, com umas cinquenta pessoas em volta - e disse:

"Eu vou."

Ele me olhou, bem séria, e disse:

“Tem certeza?”

“Tenho.”

“Quando foi o último banho do Bóris?”

A pergunta me desconcertou. Ela era boa nisso. Mudar o rumo da conversa como quem atravessa uma rua de repente. Ela percebeu minha surpresa:

“O pêlo tem que estar brilhante.” Olhou o relógio de pulso.
“Ainda dá tempo pra dar um banho. Tu tem xampu pra cachorro?”

Evitei ao máximo passar perto de outros cachorros. Circulávamos - eu e Bóris - na periferia da exposição, que ficava numa grande área verde da periferia de São Leopoldo. Na única edificação do Parque Municipal Sepé Tiarauju, um ginásio de esportes grande e moderno, aconteciam os julgamentos. Tentei espiar lá para dentro - estava curioso -, mas Bóris começou a rosnar para um poodle, senti a guia se esticando, o que fazia meu braço esticar-se também, e caí fora rapidamente. Senti que Bóris não faria feio se participasse; os outros boxers não tinham o mesmo porte e a mesma elegância. Seu pelo brilhava ao sol, e os músculos das suas patas pareciam ser inigualáveis. Acho até que a baba de Bóris não era tão gosmenta quanto a dos outros cachorros. Vi quando o táxi de Laura chegou e me coloquei estrategicamente, numa alameda em que ela com certeza passaria, de modo que o encontro parecesse casual. Nos cumprimentamos sem muito alarde, Laura fez alguns agradamentos na cabeça de Bóris e caminhamos juntos pelo parque. Foi bastante agradável. Não conhecíamos ninguém, e ninguém nos conhecia. A tentação de estender o braço e envolver a cintura de Laura, como se fôssemos namorados, era grande. Depois que segurara sua mão no restaurante sem receber um olhar de censura ou de desprezo, eu me sentia como um jovem enamorado que deseja ir o mais longe possível - e o mais rápido possível -, sem parecer atrevido ou apressado demais. O tipo de sentimento que eu não experimentava há mais ou menos uns quinze anos. Tomei coragem e disse:

"Eu tenho vontade de te abraçar."

Laura olhou para mim, outra vez sem censura ou desprezo, mas pude perceber nitidamente um tom de tristeza em sua voz quando ela respondeu:

"Não é uma boa ideia. Eu estava pensando na estrada... Talvez eu tenha te confundido um pouco. Não estou com vontade de me apaixonar, nem de iniciar uma vida dupla." Pequena pausa. "Nem de simplesmente desistir da minha família, por mais que o Sávio pareça mesquinho e desprezível nesse momento. Eu não me sinto feliz, há um bom tempo. Escrevi aquele romance porque ele parecia ser uma grande libertação, parecia ser um caminho aberto para uma outra vida. Terminei de escrever, e vi que a minha vida continuava exatamente a mesma. Quando o Leonan disse que não publicaria, fiquei desesperada. Saí da editora e tomei quatro doses de uísque, o que nunca tinha feito na vida. Logo depois te conheci. Eu estava solitária e carente, e devo ter agido de um modo que te levou..."

Ela parou, deixando para mim a tarefa de completar a frase. Aquela confissão me deixou mais triste que ela. Paramos na sombra de uma árvore e sentamos no chão. Ela disse:

"Eu gosto de ti, Frederico." Ela olhou para o chão, escolhendo com cuidado a frase seguinte, que saiu com as palavras enroladas em algodão, para não me cortarem muito fundo. "Nos últimos anos, tu é a única pessoa com quem conversei sem medo. Talvez seja um baita lugar-comum, e provavelmente é uma coisa horrível de se ouvir, mas a verdade é que, nesse momento, eu prefiro te ver como um amigo. Um grande amigo."

Era um lugar-comum. E era horrível ouvir aquilo. Então eu era um grande amigo. Ótimo. Ela queria me ver como uma versão humana do Bóris. Fiquei quieto. O que dizer? Ela também era uma grande amiga, e daí? Eu queria mais. Ela pegou minha mão com força e disse:

"Não sei como vai ser amanhã, ou depois de amanhã. Mas hoje, agora, quero ser totalmente honesta. Preciso de ti pra coisas absurdas, como conhecer a mulher que talvez se torne minha sócia e que talvez seja amante do meu marido. É um pedido sem pé nem cabeça, eu sei. Se tu quiser, voltamos direto pra Porto Alegre."

Largou minha mão e ficou esperando a resposta. Eu disse:

"Não. Também quero ser teu amigo. Depois a gente vê o que acontece." Sendo que o subtexto na minha cabeça era: "Estou apaixonado e vou te esperar, minha princesa, e não importa quantos anos se passem, e quantas lágrimas eu tenha que derramar enquanto sonho com o momento em que... etc., etc." Isso já não era um simples lugar-comum, era literatura de última categoria. O que querem? Frases elegantes e originais? Vão ler outra coisa. Não passo de um pesquisador fracassado. O que penso ou sinto têm a sofisticação de um verbete da enciclopédia Delta Júnior.

Às quatro da tarde, embarcamos na camionete e, em menos de quinze minutos, eu estacionava na frente de um galpão de paredes de tijolos e teto de amianto, ao lado de dois outros carros. Um letreiro desbotado na fachada, anunciando "descontos incríveis em sofás e salas de jantar", mostrava que antes funcionara ali uma grande loja de móveis. O galpão ficava numa rua transversal, a menos de cinquenta metros da BR-116, de modo que era bem visível para quem seguia pela rodovia na direção de Porto Alegre. Um bom ponto comercial, sem dúvida. Deixamos Bóris dentro do carro e entramos no galpão pela porta da frente, que estava apenas encostada. Não havia ninguém à vista.

"Tem duas salas no fundo", disse Laura. "Eles devem estar lá."

Se Laura pretendia dar um flagra no marido, era a situação ideal: os amantes surpreendidos em pleno ato sexual, e eu servindo de testemunha para a esposa indignada. Caminhamos em silêncio para o fundo do galpão. Realmente havia duas salas grandes, uma de cada lado, mas apenas a da esquerda estava com a porta fechada. A da direita, conforme observamos, estava vazia. Laura caminhou, aparentemente tranquila, até a porta fechada. Girou o trinco e

abriu-a, de uma só vez. Havia um homem e uma mulher, de pé, abraçados, beijando-se. Estavam vestidos. O homem estava de costas para nós. A mulher, loira e de pele bronzeada, interrompeu o beijo e olhou para Laura, surpresa. Eu estava pronto para assistir a uma grande cena passional e já pensava na possibilidade de buscar Bóris no carro, caso Sávio engrossasse comigo. Mas então o homem virou-se. Ele era alto e forte como Sávio. Mas não era Sávio.

"Desculpe", disse Laura, disfarçando bem a surpresa. "Eu sou Laura, a esposa de Sávio."

A loira sorriu e aproximou-se.

"Eu sou Desirê", apresentou-se ela. "Esse é Cacá, meu namorado."

As mulheres beijaram-se. Eu apertei as mãos da loira e do namorado, que também beijou Laura.

"O Sávio está ali atrás, dando uma olhada no pátio", informou Desirê.

"Eu vou chamar o Sávio", disse Cacá. E saiu da sala. Laura falou:

"Eu estava aqui pertinho e resolvi dar uma olhada. O Sávio tinha me dito que vocês estariam olhando o galpão."

"Achei maravilhoso", disse Desirê. "Claro, teríamos que fazer uma reforma e tanto, colocar um mezanino aqui no fundo e arrumar muita coisa. O piso está em más condições. Mas a estrutura do prédio é boa: água, luz, esgoto, tudo funcionando. E a localização é exatamente a que queríamos. Vai dar certo."

Cacá voltou, acompanhado de Sávio, que se manteve impassível ao me ver. Ele aproximou-se de Laura e a beijou rapidamente na boca. Laura apontou para mim:

"Esse é o Frederico", disse ela.

"Ôi", disse Sávio. E apertamos as mãos. "O Leonan já tinha me falado sobre o teu trabalho. É um prazer conhecê-lo."

Fiquei quieto. Sabia que era um mau ator. Quanto menos falas, melhor.

"A Desirê gostou", disse Laura, fingindo entusiasmo.

"É", confirmou Sávio. "E já tivemos muitas ideias para a reforma. O Cacá até se propôs a entrar de sócio."

"Pena que eu não tenho capital", disse Cacá, sorridente. "Vai ser um bom negócio, tenho certeza. Quem sabe, mais tarde, a gente abre uma filial em Canoas."

O papo furado continuou por mais alguns minutos. Depois visitamos todos os cantos do galpão. Sávio e Desirê iam explicando onde ficaria cada parte da academia: a recepção, a sala de ginástica, os vestiários, a grande sala de musculação, o mezanino, onde ficariam as esteiras e as bicicletas ergométricas, etc. Laura parecia interessada em tudo e fez várias perguntas. Não se aproximava muito do marido, mas também não o ignorava. Desirê e Cacá abraçavam-se de vez em quando. Pareciam estar muito apaixonados. Aquilo durou meia hora. Então eu disse para Laura:

"Eu tenho que ir. O Bóris está dentro do carro."

"Claro", disse Laura. "Eu esqueci do Bóris." Para os outros: "O Bóris é o cachorro do Frederico. Estava na exposição."

"Ganhou algum prêmio?", perguntou Sávio.

"Não", respondi. "Um dos juízes não gostou dele."

"Que pena", disse Desirê.

"Mas valeu o passeio", anunciei, com o que achava ser o tom de um dono de cachorro injustiçado.

Sávio olhou o relógio de pulso e disse, olhando para Desirê e Cacá:

"Vamos também? Ainda dá tempo de dar aquela corrida no Parcão."

"Vamos", disse Cacá, passando a mão na cintura de Desirê.

Saímos todos. No momento em que Sávio passou pela porta, Bóris começou a latir furiosamente. E não parou mais, lançando baba em todos os vidros da camionete. Eles se aproximaram da camionete, para observá-lo melhor, o que levou Bóris a redobrar os latidos e a babação. Parecia um cão raivoso.

"Acho que ele não gostou de ficar tanto tempo sozinho", disse Laura.

Sávio afastou-se e começou a abrir seu carro. Eu deveria fazer o mesmo, mas estava com medo de dar qualquer chance a Bóris. Laura aproximou-se e me deu dois beijos rápidos e formais:

"Muito obrigado por tudo, Frederico."

"De nada."

Os quatro entraram no carro de Sávio, e só então abri a porta para entrar na camionete. Liguei o carro. Bóris continuou latindo até Sávio ir embora. Esperei um pouco antes de tomar a BR. Havia muitas sinaleiras até Porto Alegre, e eu não queria encontrá-los mais uma vez. Quando cheguei em casa, a noite se aproximava. Na garagem, limpei os vidros da camionete com um pedaço de jornal. Ficou horrível. E daí? O resto do carro também era horrível, meu apartamento era horrível, minha vida era horrível. Havia uma consistente unidade dramática no horror que me cercava. Bóris comeu seu arroz com fígado silenciosamente. Depois fomos para a sala, eu liguei a televisão, sem som, tava passando uma novela mexicana (ou venezuelana, sei lá), em que um cara ridículo, com um bigode ridículo, confessava seu amor por uma morena de peitos enormes, redondos como melões. Dava pra ver o silicone querendo saltar do decote. Eu queria chorar, claro, mas tinha vergonha de fazê-lo na frente de Bóris, que estava deitado bem perto dos meus pés. Ele então levantou-se, olhou para mim e lentamente foi para a área de serviço.

No domingo pela manhã recebi o seguinte e-mail de Laura:

Caro Frederico,

Não sei o que dizer. Nem para mim mesmo. Estou envergonhada pelo papel que fiz ontem. Tinha certeza que o Sávio estava me enganando com a tal Desirê. Banquei a idiota. E ainda te envolvi num assunto pessoal, que poderia ter consequências desagradáveis. Desculpa. Mil vezes desculpa. Marquei analista para sexta-feira. Estou desorientada. A partir de agora vou te pedir apenas o que um autor pode pedir para um pesquisador. Pretendo continuar meu livro de contos sobre prostituição, embora não saiba mais se vou publicá-lo. Acabo de reler o conto do Chinês e percebi o quanto da minha raiva e da minha dor estão ali. Acho que é um texto sujo, que não merece ser lido por ninguém.

Tive uma longa conversa com Sávio ontem à noite. Esclarecemos muitas coisas. Ele confessou tudo: que pediu para o Gui abrir meus textos no computador, que esteve contigo naquela noite (e que te ameaçou), que andou me seguindo, etc. O Sávio diz que está envergonhado, mas que fez tudo por amor e por estar muito preocupado comigo. Ele diz que me quer de volta. Eu disse que não tinha ido a lugar algum. Choramos como duas crianças. Só quem está junto há tanto tempo como nós (e têm filhos maravilhosos como nós) sabe o quanto é valiosa uma família. Sei que vais me achar meio maluca, porque a cada hora penso uma coisa diferente, mas o que posso fazer? Talvez o psiquiatra me ajude a descobrir uma forma mais coerente de encarar a vida.

Não te preocupa com o sigilo desta mensagem. Estou usando web-mail, e já me assegurei que é impossível para alguém - mesmo para um gênio como meu filho - ter acesso ao que escrevo. Não posso garantir, contudo, que o mesmo aconteça com mensagens que são enviadas para mim. Assim, peço que evites mandar uma resposta, ou qualquer outra mensagem. Também não é legal usar o telefone. Preciso de um tempo para pensar em mim, na minha profissão e na minha família. Gostaria muito de manter nossa relação profissional, e penso em escrever alguma coisa que se passe na Idade Média (lembra da tua sugestão sobre os conventos?). Entrarei em contato no final da semana que vem, quando também enviarei um cheque com o pagamento.

Sentirei muitas saudades tuas e de Bóris.

Da tua amiga para sempre,

Laura Pascoal

Foi isso. Ela estava me dispensando pela segunda vez, e agora parecia ser definitivo. Eu não tinha direito nem de responder. Eu

estava sendo pago para ir embora. Como profissional, não tinha direito nem de pedir para ficar mais um pouco. Aquilo doeu. Também doía o fato de saber que o tal marido envergonhado era um mau-caráter. Doía ainda mais saber o tamanho do engano de Laura em relação ao seu próprio trabalho: o conto do Chinês não era sujo. Era um bom conto, escrito com raiva e dor, o que é mais comum do que se imagina. Fiquei um bom tempo olhando a mensagem de Laura, relendo, procurando alguma significação oculta ou hermética em cada frase. Depois apaguei o computador e fui passear com Bóris.

Passei a semana preparando o material solicitado por Laura. Era uma cliente, coisa que eu não poderia dispensar, sob a pena de racionar o arroz com fígado do Bóris. No sábado pela manhã, alguém tocou a campainha. Era um rapaz negro de uns dezoito anos, bem vestido e muito sorridente, que se apresentou como Raul, secretário de Laura Pascoal. Ele logo me passou um envelope pardo, que guardei no bolso da calça. Pedi que ele entrasse. Entreguei-lhe o disquete e a versão impressa da pesquisa. Raul sorriu, agradeceu e caiu fora. Abri o envelope de Laura. Lá dentro, em notas de cem, havia cinco mil reais, muito mais do que ela me devia. Mas era tarde demais para chamar o Raul. Também achei um pequeno bilhete:

Obrigado por tudo. No sábado que vem, se o conto estiver pronto, vou enviá-lo. Gostaria muito de saber a tua opinião. Se quiseres, podes mandar um bilhete através de Raul, que é de absoluta confiança. Abraços, Laura.

Eu tinha direito a um bilhete, mas o pombo-correio já tinha batido suas asas há muito tempo. Pela primeira vez, em vez de me sentir deprimido, sentia raiva de Laura. Ela tinha direito de não me ver, mas não tinha direito de estabelecer regras de comunicação que fossem adequadas à sua segurança. E eu? Quem disse que eu queria falar com ela? Reli o bilhete e notei que ela tinha escrito "Se quiseres, podes mandar um bilhete..." Ela achava que eu queria. Laura lia o bilhete, ficaria com pena de mim e depois o queimaria, para não deixar provas capazes de interferir em sua santa vida familiar. Caralho! Eu não queria aquilo, de jeito nenhum. Decidi que não mandaria porra nenhuma de bilhete. Ela que fosse se foder, com aquele marido pau no cu, o filho violador de computadores e o filho bundão administrador de empresas.

Se isso aqui fosse um filme, agora viria uma sequência de imagens em que estou trabalhando no escritório, passeando com Bóris, recebendo e entregando envelopes para Raul. Se fosse um filme bem tradicional, as imagens se fundiriam umas nas outras. Quantas dessas fusões são necessárias para expressar a passagem de um mês? Não sei. E nem pretendo fazer uma pesquisa a respeito. Assim, é melhor dizer logo que durante três meses minha vida se resumiu a pesquisar material para novos contos de Laura, enquanto mantinha Bóris alimentado e livre de pulgas. Raul me trouxe dois originais de Laura - um que se passava num mosteiro da Idade Média e outro nos tempos de Leonardo Da Vinci. Os dois eram muito inferiores aos da Frineia e do Chinês. As novas prostitutas de Laura eram parecidas com as do seu romance: idealizações morais, cheias de causas e efeitos bem articulados. Seres humanos não são assim. Não enviei qualquer bilhete para Laura com comentários sobre os textos. Não forcei uma reaproximação. A iniciativa teria que ser dela. Laura me dizia o que pesquisar e pagava em dinheiro. Era profissional. Era justo. Profissional, justo e triste.

Chegou a primavera. Não que isso faça muita diferença para a história. É que lembro de um passeio com Bóris, num final de tarde, em que, enquanto ele fazia cocô na grama da calçada, levantei o rosto e senti o calor do sol sobre a pele, o que foi uma sensação agradável depois de um inverno frio e úmido (como todos em Porto Alegre). Nesse exato instante, passou um carro com os vidros abertos e o som tocando o tema de Butch Cassidy, "Rain drops keep fallin on my head", que eu não devia ouvir há uns 20 anos. Fiquei emocionado. Aquele filme tinha sido importante pra mim. Eu me apaixonara por Katharine Ross, a namorada de Paul Newman e Robert Redford em "Butch Cassidy" (e, antes disso, a garota de Dustin Hoffman em "A primeira noite de um homem"). Ela tinha um jeito ao mesmo tempo puro e sacana. Onde está Katharine Ross? Foi um momento de sentimentalismo nostálgico, logo prejudicado pelo cheiro do cocô de Bóris.

Cheguei em casa com a intenção de baixar a música pela internet, mas aí liguei a televisão e vi Laura. Era uma matéria sobre o lançamento de seu novo livro para crianças, que tinha dez histórias curtas. Uma delas dava nome ao volume: "João e o pé de feijão transgênico". Ela dizia para a repórter que estava muito feliz, que aquele livro era especial, porque... (não lembro porque era especial para Laura). As últimas imagens da reportagem mostravam a longa fila de autógrafos e, perto da mesa em que estava Laura, a família reunida: Sávio e os dois filhos, sorridentes e muito bem vestidos. Não sei porque, eu desconfio de quem se veste muito bem. Provavelmente é inveja. Desliguei a TV, no momento em que a repórter dizia que a primeira edição do livro era de 30 mil exemplares, um número alto para o Brasil, etc.

Voltei para minhas pesquisas. Estava lendo sobre prostitutas nos "novos mundos", ou seja, sobre como ingleses, holandeses, espanhóis e portugueses, além de roubarem todas as riquezas possíveis das terras descobertas no século 16, ainda foderam as nativas sem parar. Muitas morreram de doenças venéreas; as mais sortudas transformaram-se em putas. Por volta das onze da noite, a campainha tocou. Eu não esperava ninguém. Vi pelo olho mágico que era Laura.

"Posso entrar?", perguntou

Abri a porta. Apertamos as mãos. Ela encheu Bóris de carinhos. Quando ela se inclinou, senti o cheiro de álcool. Vinho. Desses baratos, de coquetel. Sempre fazendo festa para Bóris, ela caminhou com familiaridade até a poltrona vermelha. Sentei na frente dela. Bóris também.

"Tá brabo comigo?", perguntou.

"Não."

"Acho que tá. Não me mandou bilhetes. Não comentou meus contos."

"Não sou pago pra isso."

"Claro. As pesquisas estão ótimas."

"Obrigado."

"Quer que eu vá embora?"

"Não."

"Se eu estiver atrapalhando..."

"Não está."

"Não vai me oferecer uma bebida?"

"Não tenho nada. Talvez um resto de licor."

"Licor? Não, obrigado. Quem sabe a gente pede um vinho? Sei de uma tele-entrega que..."

"Pode pedir", cortei. "Eu não vou beber. Tenho compromisso amanhã cedo."

"Que desculpa mais furada, Frederico. Tenho um compromisso..."

"É verdade. Descobri que um amigo tem um livro interessante. Ele vai viajar às nove, e tenho que chegar na casa dele antes disso."

"O livro é sobre putas?"

"É."

"O que achou dos meus contos?"

Fiquei quieto. Não queria mentir. Não queria falar a verdade. Queria que ela fosse embora. Ou que ficasse pra sempre.

"Pode falar a verdade", insistiu.

"Achei ruins. Muito ruins."

Ela manteve o sorriso e perguntou:

"Por quê são ruins?"

"Personagens artificiais, inverossímeis. Não acreditei nas putas, nem nos monges, nem no Leonardo da Vinci."

"Talvez não seja para acreditar. Eu gosto de farsas. Numa farsa, o importante é o enredo. Sabe, Frederico, o realismo é coisa do século 19."

"Não acho. Uma farsa pode ser realista. As melhores são."

O sorriso de Laura murchou.

"Resumindo, tu achou uma merda."

"Achei."

"Hoje lancei um livro infantil."

"Eu vi na TV."

"São aquelas histórias que eu escrevi para despistar o Sávio."

"Eu desconfiei."

"O livro é uma merda. As pessoas estão adorando."

"Isso acontece."

"O que eu estou fazendo com a minha vida?"

Essa, não consegui responder. Laura estava com os olhos cheios de lágrimas. Ela continuou, em ritmo cada vez mais rápido:

"Eu achava que tinha encontrado uma saída. Eu achava que tinha voltado a me sentir feliz com a minha família. Não tomei mais pílulas pra dormir. Praticamente não bebia. E hoje, enquanto

atendia aquelas pessoas na fila, todas sorridentes, tive vontade de escrever dedicatórias assim: 'Esse livro é um lixo. Livre-se dele. Beijo, Tia Laura.' Não tive coragem. E quanto mais autografava, mais me sentia uma grande mentirosa, uma grande covarde. Pedi vinho, tomei um copo atrás do outro. O Sávio e os meninos perceberam. Brigamos no carro, na volta. Abri a porta e saí. Disse que não precisavam me esperar e que eu não pretendia me matar. Que eu só queria viver. Meu Deus, como falei essas coisas na frente das crianças? Eu sou uma péssima mãe!"

Inclinando-se para frente e escondendo o rosto com as mãos, começou a chorar. Bóris olhou para mim. Era óbvio que ele pretendia que eu fosse consolar Laura. Levantei, caminhei até o lado da poltrona vermelha e coloquei a mão no cabelo de Laura. Fiz pequenos movimentos circulares. Bóris continuava me olhando. Queria que eu falasse. Falar o quê? A campainha tocou. Tirei a mão. Laura, nervosa, começou a enxugar as lágrimas. Bóris foi até a porta, farejou pela fresta inferior e iniciou uma violenta sequência de rosnados e latidos.

"É o Sávio", disse Laura, levantando-se. "Ele deve ter desconfiado que eu viria para cá. Desculpe."

"Não vou abrir."

"Temos que abrir. Ele deve estar nervoso. Amanhã é a inauguração da academia. Ele..."

"Aqui é a minha casa. Abro para quem eu quiser."

"Por favor, Frederico. Não quero te prejudicar. O Sávio é muito forte. É capaz de fazer alguma merda. Ele diz que me ama muito, que faz qualquer coisa por mim, que..."

Era demais. Peguei Laura pelos cotovelos e gritei:

"Amor porra nenhuma! Isso não é amor! Isso é doença. Esse cara é um idiota, como é que tu não vê? E, se tu continuar aceitando esse joguinho dele, sabe o que vai acontecer? Os teus filhos vão ficar iguais a ele. Acho que já são. Dois idiotas que nem o pai. Eles estão te sugando, Laura. Vão te sugar completamente, até que não sobre porra nenhuma de sangue nas tuas veias!"

O telefone começou a tocar. Bóris continuava enlouquecido na porta. Laura olhava para mim, desnorreada. Eu disse:

"Não atende."

"É o Sávio. Vou dizer pra ele ir embora."

"Não atende."

Laura implorou:

"É melhor falar com ele. Eu combino alguma coisa. Por favor."

Saí do escritório. Ela que se danasse, junto com o marido, os filhos e as putas de mentira. Pouco depois, Bóris parou de latir e ela veio ao meu encontro.

"Ele foi embora. Prometi sair em dez minutos."

Que se danasse.

"Podemos conversar amanhã?"

Que morresse abraçada com a família.

"Eu vou te ligar, Frederico."

Que ligasse para a casa do caralho.

"Desculpa. Eu não sei o que fazer com a minha vida."

Eu sei. Enfia ela no cu.

Laura acariciou Bóris e saiu.

Que não voltasse nunca mais.

Quando o despertador tocou, pensei em interromper a pesquisa pra Laura. Poderia ficar na cama até mais tarde, quem sabe depois entrar num site pornô e bater uma punheta com toda a calma. Quem disse que homens de quarenta anos não podem bater punheta? Outro dia ainda li uma entrevista com um psicanalista que defendia a necessidade das pessoas fantasiarem constantemente sobre sexo. "Tregar não é uma coisa natural", disse o cara. "Natural é não fazer nada. A preguiça tem que ser vencida para que um homem ou uma mulher se dê ao trabalho de procurar uma foda e foder." Não foi exatamente isso que ele disse, mas a essência era essa. Normalmente não ligo para psicanalistas. Esse, contudo, parecia viver no mesmo mundo que eu. Mesmo uma punheta dá um certo trabalho, e os punheteiros deveriam receber alguma gratificação por manter no mundo uma atmosfera razoavelmente erótica, enquanto a grande maioria da população está tão cansada e de saco cheio que a única coisa que faz é esperar a morte e tomar remédio contra depressão. Decidi bater punheta na cama mesmo. Muito trabalho ir até o computador. Sem imagens físicas, procurei lembrar das mulheres bonitas que tinha visto recentemente. Inesperadamente, apareceu a Katharine Ross, a porra da música continuava na minha cabeça, assim como a cena em que ela anda de bicicleta, sob o olhar babão do Redford e do Newman. Aquilo me tirou a tesão na hora. Os dois galãs hoje são uns cacões. Ela não deve estar em melhor estado. Levantei e fui tomar banho.

Ao contrário do que pensara Laura, eu tinha mesmo que ir na casa de um amigo, o Pontes. Numa conversa casual, na rua, há uma semana, eu contara o tipo de pesquisa que estava fazendo, e ele dissera que tinha um livrinho sobre putas, em espanhol. Não lembrava o nome. Depois ele me ligou para dizer que localizara o livro, que se chamava "Psicoanalises de la prostitucion", de Maryse Choisy. Pesquisei rapidamente sobre Choisy: psicanalista e jornalista francesa, nasceu em 1903 e morreu em 1979. Aluna de Freud e um nome de destaque na história da psiquiatria francesa, parecia ser uma autora séria. Liguei para dizer ao Pontes que passaria para dar uma olhada. Ele disse que estava se mudando para Pelotas. Combinei de passar lá antes da sua mudança, que acontecia naquele dia, às nove da manhã. A casa estava um caos, com caixas de papelão em todos os cantos. Pontes tirou o livro do bolso da calça e disse:

"É um presente. Espero que seja útil."

Não pudemos conversar sobre os velhos tempos, os carregadores já estavam chegando. Caminhei até uma praça, sentei num banco de pedra e abri o livro. 163 páginas, edição argentina, de 1967. Comecei a ler. Parecia bom. A autora tinha ideias muito concretas sobre a prostituição e, principalmente, sobre o que faz uma mulher ser prostituta. Melhor ainda: relatava casos de pacientes que eram putas, Luisa e Carmen, uma rica e outra pobre. Li até a página 84

no banco de pedra, cercado de crianças, babás e velhos pegando sol. Aprendi muito. Era exatamente o livro que Laura precisava, porque, apesar de também falar da história da prostituição - a grande deusa, etc. - procurava entender as motivações das putas, num registro psicanalítico consistente (pelo menos para mim).

Carmen falava no consultório de Maryse que preferia muitos homens a um homem, porque então se sentia mais segura: "Nunca se deve hipotecar o futuro. Há tantas possibilidades. Por quê prender-se a um só homem, que pode nos abandonar?" E Maryse escrevia em seu livro: "Descobri que essa noção de segurança é um traço característico de todas as prostitutas. Mas de onde vem a ansiedade básica de Carmen? Sua indiferença, sua frigidez, eram meros mecanismos de defesa. Havia posto uma imensa distância entre os outros e ela mesma. A tragédia do homem (e da mulher) reside em que ele é incapaz de viver sozinho, e ao mesmo tempo incapaz de não viver sozinho. Deseja ardentemente um companheiro, mas teme que este o devore."

Há muito tempo os livros são meus companheiros mais íntimos. Gosto de alguns de modo especial, reservo para eles os melhores lugares na estante, sempre ao alcance dos olhos e da mão. Mandava encadernar meus preferidos quando tinha dinheiro para isso. Não tenho desprezo por livro algum. Mesmo os medíocres, mesmo os que não têm qualquer valor histórico ou literário, guardo em rigorosa ordem alfabética. Nunca botei um livro no lixo. Quando o apartamento está abarrotado, ou seja, não cabe mais nem um volume nos armários da cozinha, faço uma seleção criteriosa, anoto títulos e autores, às vezes faço um pequeno resumo pessoal, e encaminho a doação para uma biblioteca - pública ou particular, tanto faz - com estantes vazias. Existem várias na cidade e nos arredores, conheço quase todas. Um tempo depois, passo lá, para ver se meus livros foram catalogados e bem cuidados. Talvez Freud - para usar uma expressão que aparecia bastante no livro de Choisy - me considerasse um caso típico de retenção anal. Pode ser.

Tudo isso para explicar a importância do fato daquele livrinho - dado por um amigo, lido pela metade num banco de pedra numa manhã de sol - ter fugido da ordenação alfabética e entrado para o lugar de honra em minha estante (onde não estava qualquer outra obra que eu pesquisara para Laura). "Psicoanalises de la prostitucion" não está ali por causa dela. Está por minha causa. Quando terminei de ler, às sete e meia da noite, já no escritório, com Bóris ansioso pelo passeio, percebi que eu tinha que fazer uma coisa urgentemente: lutar por Laura. Eu estava cercado de livros porque eles não poderiam me devorar. Eu estava sozinho pelos mesmos motivos que a prostituta Carmen estava sempre cercada de homens. Eu estava condenado a uma vida triste, que não renderia nem um necrológio na Zero Hora, a menos que abandonasse a segurança dos meus livros e tentasse, pela primeira vez na vida, me arriscar. Não podia voltar para Pernambuco, vinte anos atrás, e dar uma porrada no argentino. Mas talvez pudesse dar um susto no Sávio.

Eu não colocava terno e gravata há muito tempo. Fiquei feliz por não ter engordado a ponto de tornar inútil o único traje que tinha em meu armário, comprado uns dez anos atrás para o casamento de um ex-colega da faculdade de História, de quem nem lembrava mais. Acho que ele também não lembrou de mim quando fui cumprimentá-lo na saída da igreja. Ele deve ter convidado todos os nomes que encontrou em alguma velha lista de trabalho em grupo. Fiquei mais feliz ainda quando vi que, apesar de raros, havia outros convidados vestidos formalmente, além do próprio Sávio, elegantíssimo num terno Armani. Eu nem era convidado, claro, era um bicão. Minha presença na academia não passava de uma declaração de princípios: entre sofrer sozinho e sofrer na busca de alguém, eu queria experimentar a segunda opção. Na primeira, já sou especialista.

Não conhecia ninguém. Fiquei comendo salgadinhos, tomando vinho e andando pelo galpão, enquanto esperava o momento de abordar Laura. A reforma transformara o prédio num lugar bastante agradável, embora um pouco frio para o meu gosto, com tubulações de água, luz e ar-condicionado central aparentes, paredes em verde escuro e muitas TVs sobre suportes perto do teto. O mezanino estava cheio de bicicletas, esteiras e máquinas estranhas, que eu nunca tinha visto antes, aparentemente destinadas a erguer as pernas do usuário num movimento rotatório contínuo. O ambiente maior, a sala de musculação, tinha dezenas de aparelhos, todos importados, brilhantes, em tons de prata, alguns de desenho clássico, que eu já vira antes, outros que pareciam pequenas câmaras de tortura medievais. Nas demais salas, separadas por grandes divisórias de vidro, havia halteres (com uma grande quantidade de pesos, impecavelmente dispostos em estantes especiais), colchonetes e pequenas estruturas de plástico e madeira, colocadas umas sobre as outras. Um pequeno bar, num dos cantos do prédio, tinha dois grandes refrigeradores de portas transparentes. Eu não sabia quanto tinha custado tudo aquilo, mas apostava que - pela velocidade da obra e pela qualidade dos aparelhos e do material empregado no acabamento - tinha sido uma pequena fortuna.

A oportunidade chegou quando Laura entrou no vestiário feminino, que ficava perto da porta de entrada. Fiquei esperando que ela saísse e cruzasse comigo. Ela me viu e ficou bem espantada, talvez até assustada, sorrindo amarelo, sem saber o que dizer. Eu estava preparado para isso. Sabia exatamente o que iria fazer: pedir desculpas e marcar um encontro.

"Boa noite", eu disse. Fiz um gesto largo, como se apontasse para todas as dependências da academia, mas também incluiu ela mesma, que estava linda, num vestido verde claro. "Ficou muito bonito."

"É um prazer te ver, Frederico. Que bom que tu veio."

"Precisava te pedir desculpas. Eu fui muito grosseiro ontem."

"Que nada..."

"Eu tô precisando falar contigo."

Sempre o sorriso amarelo. Sempre um pouco assustada.

"Claro. Amanhã te ligo."

"É importante. Achei um livro maravilhoso. Ele explica muitas coisas sobre o teu assunto. Acho que..."

Ela me cortou, nervosa:

"Desisti do livro adulto, Frederico. Definitivamente. Sou a Tia Laura. Vou ser a Tia Laura até morrer."

Eu também estava preparado para aquilo. Não achava que a luta seria fácil. Tinha na cabeça um bom discurso sobre as neuroses provocadas pela busca de uma falsa segurança. Psicanálise de botequim, claro, mas na época eu achava que Choisy conseguira detectar a origem da depressão de Laura e da minha própria solidão crônica. Aí, pra complicar tudo, apareceu o Leonan.

"Sabujo!", disse ele, batendo no meu ombro. "Como é que vai?"

"Vou bem."

"Tá pensando em fazer musculação? Sabe que te faria muito bem? Com esses aparelhos aí, é moleza. Não precisa nem suar pra ficar com os tríceps de Laoconte derrotando as serpentes. Ah, ah, ah, essa citação eu roubei do Rubem Fonseca." Virou-se para Laura: "Fiquei sabendo que o livro já um sucesso absoluto. Parabéns. Eu li a história do pé de feijão transgênico e achei genial. Aquele personagem do MST é muito engraçado."

Laura apenas sorriu. Leonan, sentindo que estava atrapalhando, deu outro tapa no meu ombro e já se preparava pra cair fora quando Sávio chegou e pegou a esposa pelo braço. Fez de conta que eu não estava ali. Não sorriu, não fez cara de brabo, era como se eu não existisse. Cumprimentou o editor muito rapidamente e arrastou Laura. Leonan percebeu o conflito subterrâneo e disse:

"Ela me telefonou hoje de tarde. Disse que desistiu de publicar o romance. Também disse que escreveu alguns contos, baseados nas tuas pesquisas, mas que eram muito ruins, tanto na tua opinião quanto na dela."

Não respondi. Responder o quê? Leonan sorriu para mim outra vez. Se batesse no meu ombro, era capaz de levar uma porrada.

"Pelo menos deu pra levantar uma grana, não, é, Sabujo? Com esse desemprego, a coisa tá feia pra todo mundo..."

"Com licença", consegui dizer. E fugi de Leonan. Fugiu também daquela gente, daquele lugar, daquele mundo de músculos hipertrofiados, corações doentes e cérebros em decomposição. Caminhei rápido, quase correndo, até a camionete, que ficara a duas quadras de distância, numa rua escura. Abri o carro, entrei e bati a porta. Dei a partida e comecei a manobrar para sair. Uma sombra passou pelo retrovisor, e ouvi uma voz aguda bem ao meu lado:

"Passa a carteira, tio."

Parecia a voz de uma criança. Não vi arma alguma. Não pensei em nada além de sair dali. Acelerei fundo e soltei o pedal do debreador. A camionete deu um pulo, raspou na ponta do para-choque do carro que estava na frente, deu uma sacudida forte e seguiu em frente. Não olhei para trás. Ouvi um barulho seco e metálico, que parecia alguma coisa caindo do meu carro, e senti uma ardência forte nas costas, um pouco acima da cintura. Era como uma queimadura. Olhei pelo retrovisor. Um vulto, alguns metros atrás, segurava o que parecia ser uma arma. Levei um tiro, pensei, mas foi de raspão, porque eu podia dirigir quase normalmente. Botei a segunda marcha, a terceira, cheguei na esquina e dobrei à direita. Mais uma quadra e dobrei de novo. Passei pela frente da academia e cheguei à BR-116. Muito trânsito. Entrei na rodovia e acelerei fundo.

Então a ardência virou dor. Pensei que tinha que parar o carro e dar uma olhada naquele negócio. Passei a mão, receando encontrar sangue, mas a camisa estava seca. A dor já não parecia tão séria. Talvez não fosse um tiro, e sim uma contusão provocada pelo choque da camionete com o outro carro quando arranquei para escapar do assalto. Decidi dirigir até Porto Alegre. Logo depois, contudo, a dor voltou, muito mais forte, e entrei em Sapucaia, à procura de um hospital. Perguntei para duas pessoas antes de conseguir uma indicação precisa. Foram mais uns cinco minutos rodando. Finalmente, ali estava ele, Hospital Getúlio Vargas. Havia um lugar no estacionamento, sorte. Desci do carro e fui até a recepção. Lotada. Um monte de gente brigando para ser atendido. Um sujeito todo ensanguentado - e muito bêbado - gritava que ia morrer. Peguei uma ficha. Número 22. Sentei. Estava um pouco tonto. Um enfermeiro passou perto do banco em que eu estava. Não sei porque, prestou atenção em mim. Perguntou qual era o meu problema. Eu disse que talvez tivesse levado um tiro, não tinha certeza. Quando eu disse "tiro", as coisas mudaram rapidamente. O enfermeiro chamou alguém, uma maca apareceu ao meu lado, eu deitei nela e, à medida que era empurrado por um corredor com cheiro de antisséptico, a tontura aumentou, aumentou, e eu apaguei.

Primeiro vi uma enfermeira de óculos, mexendo em alguma coisa que estava fora do meu campo de visão. Tentei me virar, mas não consegui. Devo ter feito algum barulho. Ela sorriu para mim e saiu. Logo depois vi um sujeito de avental branco, que disse chamar-se Doutor Chaves. Perguntei onde eu estava, e ele fez um breve resumo: estava na Unidade de Recuperação do Hospital Getúlio Vargas, em Sapucaia do Sul, depois de uma cirurgia que extraíra uma bala calibre 22 das minhas costas. A bala provocara uma lesão leve num dos meus rins. Nada de muito importante. Nada com que me apavorar. Nada que uns dias de descanso e alguns meses de medicação não curasse. O outro rim estava inteiro e trabalharia dobrado. Eu era um sujeito de sorte. Uma pessoa havia me visitado naquela manhã. Eu estava sedado, depois ele passaria o nome. Por enquanto, o melhor era dormir bastante. Perguntou se eu sentia alguma dor. Pensei no assunto. Dor, não, mas tinha vontade de me coçar. O doutor disse que era efeito da morfina, normal, eles diminuiriam a dose aos poucos. Perguntou se eu tinha fome, eu disse que sim, ele chamou a enfermeira e disse que ela deveria me trazer uma canja. Prometeu voltar mais tarde.

Então lembrei do Bóris. Ele estava preso no apartamento, sem comida, provavelmente sem água, eu não sabia há quanto tempo. Chamei o médico, que já estava saindo, e expliquei o problema. Ele perguntou se eu tinha alguém que pudesse resolver o problema. Eu disse que não. Ele insistiu: "Quem sabe um vizinho..." Não. Meus vizinhos não gostam do Bóris. "Algum parente, amigo?" Meu parente mais próximo vive no Amapá. Quem é meu amigo mais próximo?, pensei. Seja quem for, não está próximo o suficiente. Disse para o médico que eu tinha que voltar para casa. Ele sorriu e disse que eu não sairia daquela cama em menos de quinze dias.

"Eu já fui", disse Laura, aparecendo ao lado do médico.

"A senhora não pode entrar", disse o médico, surpreso.

"Vou cuidar dele, Frederico. Pode ficar tranquilo."

"Enfermeira! Como essa senhora entrou aqui?"

A enfermeira conduziu Laura para fora.

"Parente ou amiga?", perguntou o médico.

Pensei um pouco antes de responder:

"Cliente."

"O senhor é médico?"

"Não. Sou pesquisador."

"Um cientista..."

"Não."

Ficou esperando que eu explicasse. Como não expliquei, foi embora. O doutor Chaves não era simpático. Mais tarde fiquei sabendo que eu tinha sido operado pelo doutor Weber, a quem nunca vi. Depois descobri o endereço dele e mandei um vinho. Fiquei mais um dia na Unidade de recuperação e duas semanas num quarto duplo. Ao meu lado, um baixinho que tinha levado um tiro na boca e outro no joelho. Sua perna direita estava toda engessada e erguida por uma correia. Muito simpático e comunicativo, pena que não podia falar. Havia um curativo grande entre o nariz e o queixo. Contudo, sorria com os olhos. Dava em cima da enfermeira de um modo constrangedor (para ela), mas muito divertido (para mim). Laura vinha me visitar todos os dias. O baixinho também dava em cima dela.

"Como ficou sabendo que eu estava aqui?", perguntei na primeira vez que ela apareceu no quarto.

"Aconteceram três assaltos na saída da festa. O teu foi o primeiro. Ninguém mais se machucou, graças a Deus. Um menino que mora ali perto disse que viu quando um sujeito atirou numa camionete velha e desbotada, mais ou menos na hora que tu saiu. Fiquei com medo. Telefonei pra tua casa, e ninguém atendia. Liguei para os hospitais mais próximos da academia e te achei. Me disseram que tu tava bem, que já tinha sido operado. Vim pra cá, tu tava no pós-operatório. Menti que era tua prima e levei a chave do apartamento. Dei comida pro Bóris."

"Acho que vocês vão precisar reforçar a segurança na saída da academia."

"Já compramos um terreno ao lado, para servir de estacionamento. Estamos derrubando a casinha que tinha lá e cercando tudo. Daqui a três ou quatro dias vai estar tudo pronto."

Conversamos mais um pouco, trivialidades, coisas que se falam quando não há nada a falar. Eu sabia que ela estava ali só para deixar sua consciência mais leve. No dia seguinte, para minha surpresa, aparece o Leonan, com um buquê de flores.

"Sabujo, meu velho. Como é que tu, um cara experiente e vivido, reage a um assalto?"

"Esqueceu de dizer que sou covarde. Eu não reagi. Nem pensei em reagir. Foi instintivo."

"Como é que tão as coisas?"

"Estão fazendo muitos exames. Parece que eu tive sorte."

"Tem plano de saúde?"

Fiquei preocupado. Não tinha pensado nisso.

"Não. Mas fui internado pelo SUS. Será que vão me dar uma conta na saída?"

"Vou dar uma olhada, Sabujo. Não se brinca com essas coisas."

"Obrigado."

Ele saiu. Meia hora depois estava de volta. Teoricamente, tinha boas notícias. Só que não parecia feliz com elas.

"A cirurgia e a internação são pelo SUS", disse Leonan. "As despesas extras estão garantidas pela Laura. Ela deixou o número do cartão de crédito dela."

Me olhou como se eu fosse um criminoso.

"Sabujo, vocês têm um caso?"

Quando ele perguntou, tive certeza que estava ali mandado por Sávio. Vontade de enfiar as flores no cu dele. Fiquei quieto. Ele insistiu:

"O marido da Laura está nervoso, acha que tu andou ultrapassando os limites profissionais. Ela está num momento delicado, vulnerável; emocionalmente confusa. Sabujo, pelo amor de Deus, espero que tu entenda que Laura é uma escritora de sucesso, uma celebridade, e que nunca se envolveria a sério com alguém como tu. Se vocês treparam, ótimo, espero que tenha sido bom para os dois, mas chegou a hora de voltar para o mundo real. Ou para os mundos reais, já que o teu e o de Laura são bem diferentes."

A canalhice de Leonan era tão grande que comecei a desconfiar de um acordo financeiro entre ele e Sávio, ou quem sabe a garantia de que, no futuro, os livros de Laura voltariam para a Livros de Bordo. Eu só queria que ele fosse embora, antes que prejudicasse minha recuperação. Então eu disse:

"Não trepamos, nem temos um caso."

"Mas tu continua pesquisando pra ela?"

"Atualmente, não. Estou apenas tentando me recuperar de um tiro nas costas."

"Ela ainda está escrevendo aqueles contos sobre prostituição?"

Era demais. O filho-da-puta queria o quê? Que eu garantisse o bom comportamento de Laura para sempre? Que eu jurasse nunca mais

falar sobre putas com ela? Quem era Leonan para me ameaçar? Estendi a mão e toquei a campainha.

"Estou com uma dor forte, Leonan."

Não fiz o menor esforço para representar aquela dor. Ele que se fodesse.

"Claro, Sabujo. Desculpa." Mas ele também queria que eu me fodesse. "Não devia ter te incomodado com essas coisas."

A enfermeira chegou. Eu disse que estava doendo. Ela pediu para Leonan sair. Ele acenou e foi embora. Eu disse para a enfermeira que a dor tinha passado. O baixinho levantou a mão e apontou para o seu pé. Ele tinha escrito num papel que às vezes sentia comichões muito fortes no pé esquerdo. Como não conseguia se inclinar para tocá-lo, cabia à enfermeira coçar um pouquinho. Ela não gostava do serviço, principalmente porque o baixinho não cansava de lançar-lhe olhares apaixonados. A visita de Leonan tinha me deixado tão puto da cara que, pela primeira vez, não me distraí com a cena. No dia seguinte, o baixinho estava com febre. O doutor Chaves examinou-o e pareceu preocupado. Trocaram a medicação. A enfermeira coçou seu pé, ele lançou seus torpedos visuais, mas seus olhos já não tinham o mesmo brilho. À noite, apareceu uma maca. Levaram o baixinho. Perguntei para a enfermeira o que tinha acontecido. Ela disse que era uma infecção, provavelmente uma bobagem, que logo cederia com os antibióticos. O doutor Chaves resolvera levar o baixinho para a UTI só por precaução. A cama dele permaneceu vazia o dia todo. Às seis da tarde, eu estava nervoso. Exigi que a enfermeira me dissesse alguma coisa. Ela disse que estava tudo bem, que a febre tinha baixado. De manhã, apareceu uma maca com um negro grande e forte. Colocaram o negrão na cama do baixinho. A enfermeira, com ar profissionalmente triste, disse que o baixinho tinha morrido.

Laura me ajudou quando saí do hospital. Não pedi. Ela sabia que alguém teria que dirigir a camionete até Porto Alegre. Os extras do hospital chegaram a quatro mil e seiscentos reais. Ela disse que estava me devendo cinco mil, o que era mentira. Discutimos um pouco. Ameacei voltar sozinho, dirigindo a camionete. Era um blefe, claro, e ela sabia. Eu não tinha dinheiro para pagar o hospital e não tinha forças para virar a direção daquele calhambeque.

Bóris ficou contente quando me viu. Laura teve que segurá-lo para que pudéssemos brincar um pouco, sem arriscar um pulo do cachorro na minha cintura, o que por certo arrebentaria todos os pontos e me enviaria de volta ao hospital. Depois de um momento muito agitado, em que Bóris parecia prestes a ter um ataque do coração, ele foi se acalmando. Limpamos a baba do parquê e Laura explicou para ele que eu estava dodói, e portanto não poderia levá-lo para passear por algum tempo. Mas ela viria todos os dias. Bóris entendeu tudo. Ou, se não entendeu, fez de conta. Deitou e dormiu. Laura queria contratar uma enfermeira por uma semana. Eu não topei, por uma razão inconfessada, porém óbvia: com uma enfermeira ali, Laura não precisaria vir todos os dias.

Contudo, ela não ficava mais de uma hora, e quase metade desse tempo lá fora, com Bóris. Também evitava qualquer conversa mais íntima. Aquela minha resolução de lutar por Laura, que me levava à invasão da academia e, indiretamente, ao tiro nas costas, já parecia uma coisa juvenil e insensata. Laura queria ser a Tia Laura: amada pelos seus pequenos leitores, respeitada por pais e professores, festejada pela crítica e, principalmente, feliz em sua vida familiar. A academia, depois daquela primeira noite bastante desastrosa, estava indo bem. O novo livro estava indo bem. Até minha recuperação estava indo bem, apesar de algumas dores fortes quando eu acordava. Em breve a presença de Laura não seria mais necessária. Num final de tarde, quando ela entrou com Bóris, eu disse:

"Acho que amanhã já posso sair com ele."

"Quem disse?"

"Eu."

"Não é uma opinião confiável."

"Amanhã de manhã tenho uma consulta com o doutor Bianchi. Acho que ele vai me liberar. Estou me sentindo bem."

Bianchi era mesmo o nome do médico que estava cuidando de mim. A consulta era uma mentira. Estava marcada para dali a dez dias.

"Ótimo. Manda notícias quando sair do consultório."

"Certo."

Lembrei do "Psicoanálisis de la prostitucion". Fui até o escritório e voltei com o livrinho. Entreguei-o para Laura.

"É um presente. Eu achei bem interessante. Sei que não serve mais como fonte pra literatura, mas talvez sirva para entender melhor as pessoas. Pelo menos pra mim serviu."

Ela guardou o livro na bolsa e agradeceu. Dois beijos no rosto. Saiu. Pensei que era o ponto final. Fui para o escritório. Olhei para minha estante de livros preferidos. Queria pegar um deles e sentir que ali havia uma resposta, qualquer resposta, para minha angústia. Não senti nada. Fui pra cozinha, abri uma gaveta, peguei a cartela de Dormonid. Tomei um. Pensei em tomar dois. Pensei em tomar a cartela inteira. Sabia que eram pensamentos mágicos: eu não tinha coragem suficiente para ser um suicida. Tomei um café com leite e comi uma torrada. Tudo igual. Mesmo Bóris, que um dia fora uma absoluta novidade, agora estava perfeitamente integrado ao meu cenário. Dormia na área de serviço. Também senti sono, fui pra cama.

O telefone tocou às onze da noite. E ficou tocando sem parar até que venceu a resistência do Dormonid. Era Leonan, entusiasmado:

"Sabujo, acabo de falar com o Julinho Dorneles, sabe quem é?"

"Não."

"Um dos sócios da Tempo. É o responsável pelo setor de referência. Ele me pediu a indicação de um pesquisador para a equipe que vai fazer uma enciclopédia para jovens. Um projeto grande, Sabujo, e eu te indiquei!"

Fiquei quieto. Não tinha fósforos para os foguetes.

"Sabujo, tu me ouviu?"

"Ouvi."

"Como está o rim?"

"Quase bom."

"A primeira reunião é amanhã à tarde. Tu dorme só uma noite em São Paulo. Ele já está te mandando o PTA. Teu vôo é às onze."

Nunca gostei de viagens inesperadas. Menti:

"Tenho consulta no médico amanhã de tarde."

"Desmarca. Sabujo - acorda e presta atenção! - a Tempo é a maior editora do Brasil. Essa enciclopédia é trabalho pra dois ou três anos. Eles pagam bem."

"Quanto?"

"Não sei. Muito mais do que tu já ganhou por aqui. Tu tem que pegar esse avião."

Lembrei do Bóris.

"Tenho que resolver alguns problemas antes."

"Resolve amanhã. Agora vai dormir. Qualquer coisa, me liga."

E desligou, o filho da puta. Fui até a área de serviço e observei Bóris dormindo. Se eu fosse para São Paulo, para onde ele iria? Ainda tonto, sob o efeito do Dormonid, liguei para Laura e contei sobre a oferta da Tempo.

"E tu vai aceitar?"

"Se o salário for bom, acho que sim."

"São Paulo é uma cidade difícil."

"Eu sei."

"Quando é a viagem?"

"Amanhã às onze."

"O que tu vai fazer com o Bóris."

"Não sei."

Silêncio do outro lado. Depois ela disse:

"Eu dou um jeito. Amanhã faço a comida e saio com ele. Deixa a chave naquela padaria da esquina. Quanto tempo tu vai ficar em São Paulo?"

"Agora, só dois dias. Depois não sei. É um enciclopédia, pode ser um bom tempo." Lembrei do Bóris. "Como se faz para enviar um cachorro para São Paulo?"

"Não sei. Mas eu descubro. E os teus livros? Vai levar pra São Paulo também?"

Eu não tinha lembrado dos livros. E não imaginava retirá-los do apartamento, que era velho, mas era meu, para um lugar alugado.

"Acho que não. Vou fechar a porta e pronto. Cedo ou tarde, volto para Porto Alegre."

"Certo."

Ficamos sem assunto. Eu pensei em dizer "Eu te amo". Não deu tempo. Laura disse:

"Vou começar o livro hoje de noite."

"Espero que goste."

"Parei de fumar. Fui ao médico e ele me assustou um pouco."

"Assustou como?"

"Não tenho câncer, mas já comprometi bastante a capacidade dos meus pulmões. Ele disse que, se eu parar agora, talvez eles voltem a ser o que eram antes." Pequena pausa. "Só que eu tenho que parar agora."

"Então para."

"Já parei. Boa noite."

"Boa noite."

Laura desligou. Eu desliguei. Bóris tinha acordado e me olhava da porta da cozinha. Fui até lá. Fiz um pouco de carinho nele. Tentei pensar no futuro, em São Paulo, nas consequências dessa viagem e desse novo trabalho. Não consegui. O Dormonid me empurrou para a cama. O sono, que deveria reparador, foi agitado, nervoso, cheio de pequenos sonhos, imagens confusas de Laura e Bóris, imagens sem enredo, sem sentido, sem nada em que eu pudesse me agarrar enquanto caía cada vez mais para o fundo. Acordei com uma dor aguda nas costas. Pensei numa infecção, numa recaída que me obrigaria a adiar a viagem. A dor passou assim que eu fiz xixi. O sol estava nascendo.

A reunião foi em volta de uma grande mesa com tampo de granito. Eram umas vinte pessoas. Dorneles falou quase o tempo todo. A ideia da enciclopédia tinha sido dele. Também conheci o outro sócio da Tempo, César Almeida, que só deu ôi e caiu fora. Dorneles estava entusiasmado e, enquanto dava detalhes do projeto, mostrava outras enciclopédias destinadas ao mesmo público. O melhor exemplo foi com a Larousse:

"Olhem aqui o verbete 'amor'. São 29 linhas, curtas e burocráticas, que tratam de 9 acepções diferentes para a palavra. Parece mais um dicionário. Já o verbete 'Angola' ocupa mais de duas páginas inteiras, com uma foto e dois mapas, dados geográficos, históricos e literários. O que é mais importante para um jovem: saber coisas sobre o amor, ou sobre Angola? A nossa enciclopédia não vai ser feita para os garotos e garotas copiarem textos em seus trabalhos escolares. Já existem dezenas de enciclopédias assim, que servem aos professores. A nossa vai servir aos alunos, vai informar sobre o que interessa para a vida: amor, ódio, sexo, felicidade, medo, drogas, morte. O que não nos impede de falar de Angola, mas em 29 linhas."

Era um conceito interessante e difícil de explicar. Talvez mais difícil ainda de concretizar. A reunião começou às 11, foi interrompida para um breve almoço e continuou a tarde inteira. Às oito da noite, Dorneles perguntou quem podia continuar na manhã seguinte. Quase todos podiam: o principal assunto - remuneração - ainda não fora tocado. Dividi um quarto num *apart-hotel* com Geninho, um baiano de uns 30 anos, que se apresentou como sociólogo e especialista em festas populares brasileiras. Geninho queria aproveitar a noite para "cair na farra". Segundo ele, São Paulo era o lugar com maior concentração de prostitutas de luxo da América Latina. Lembrei logo do Chinês e ajudei o baiano a localizar o *blog* "Aventuras de um putanheiro" na internet. Ficou contentíssimo quando começou a ler a descrição das "clínicas" no seu computador portátil. Queria que eu fosse com ele, é claro, porque é chato ir sozinho, ainda mais quem não conhece a cidade, etc. Só me livreí dele quando sugeri que convidasse o paranaense barbudo, que estava no quarto ao lado e tinha todo o jeito de encarar uma farrinha. Não deu outra. Saíram os dois, animadíssimos, com uma lista de três seguras indicações do Chinês.

Liguei a TV, zapeei por uns quinze minutos, pedi um sanduíche, que estava horrível. Achei um filme de ficção-científica, não lembro mais o título nem o nome dos atores. Era uma produção B da década de 60, com aqueles figurinos que pretendiam ser futuristas e agora são totalmente retrô. A nave pousa num planeta desconhecido e seus tripulantes, quatro homens e quatro mulheres - bem gostosas, por sinal - têm suas mentes invadidas por alienígenas telepatas, o que provoca diversas situações estranhas, algumas de razoável teor erótico. Eu já tinha visto o filme, há

bilhões de anos, e no começo achei que seria divertido confrontar as emoções da adolescência (tinha quase certeza que as garotas do filme haviam me inspirado uma ou duas punhetas) com o que sentiria agora, maduro e capaz de identificar cada clichê dos diálogos e cada excesso de maquiagem nos longos cílios sessentistas das astronautas. Mas a verdade é que, pela primeira vez depois da cirurgia, fiquei sexualmente excitado. Tão excitado que comecei uma masturbação que só não foi até o fim porque o intervalo comercial entrou no momento errado. As cenas eróticas seguintes não eram tão boas, e eu tive preguiça de retomar os trabalhos. Dormi no começo do filme seguinte, que era francês e chato. Acordei de madrugada, quando o baiano entrou no quarto, cheirando a cigarro e uísque falsificado. Pela cara dele, entrevista no espelho do banheiro, quando foi fazer xixi, estava muito feliz e disposto a contar tudo para o gaúcho retrancão. Fingi que continuava dormindo.

Levantei antes dele e tomei café com uma professora de Santa Catarina, que já fizera outros trabalhos para a Tempo. Ela estava achando a proposta muito estranha e não levava a mínima fé no conceito de Dorneles. Perguntou o que eu achava. Eu disse que ainda não tinha condições de avaliar, o que é a minha resposta padrão para a grande maioria das perguntas que me fazem. Pegamos um táxi juntos. Ela não era bonita nem feia e tinha uns trinta e cinco. Contou que tinha uma filha de quinze e estava separada há um ano. Talvez estivesse interessada em mim, mas eu ainda não tinha condições de avaliar com alguma segurança. Rachamos a corrida. Na hora de sentar na mesa de granito, sentamos lado a lado. Quando ela sentou, roçou com o cotovelo no meu braço. Talvez por querer, talvez não.

O baiano e o paraense barbudo ainda não tinham chegado quando Dorneles abriu a reunião. Disse que queria ouvir nossas opiniões, agora que a sua ideia já fora testada por uma noite de sono. Ninguém abriu a boca. Então, já meio irritado com a falta de iniciativa, ele propôs que cada um de nós pegasse um verbete para pesquisar e escrever. Dali a uma semana, voltaríamos a nos reunir, desta vez com algo mais concreto para discutir. Explicou que pagaria mil reais por esse "teste". Obviamente ninguém gostou daquilo. Esperávamos receber uma proposta de salário mensal para um ano de pesquisa; em vez disso, trabalharíamos durante uma semana sem garantia alguma. A catarinense chegou a iniciar um protesto, logo interrompido por Dorneles: "Ninguém é obrigado a aceitar. Nós simplesmente vamos chamar os outros pesquisadores da lista. Temos duzentos e treze nomes esperando uma oportunidade."

Nesse momento, o baiano e o paranaense chegaram, pedindo mil desculpas: "O trânsito estava horrível e o motorista do táxi tentou um caminho alternativo", disse Geninho. Dorneles perguntou se gostaríamos de escolher os verbetes. Silêncio. Pesquisadores são naturalmente tímidos. Num rompante inesperado, resolvi falar:

"Gostei daquela ideia de desenvolver a palavra 'amor'."

"Ótimo", disse Dorneles. "Como é o seu nome?"

Ele começou a anotar enquanto eu respondia:

"Frederico Antunes."

Dorneles parou de escrever e me encarou.

"Então você é o famoso Sabujo. O Leonan me contou algumas histórias sobre a sua vida."

Todos me olharam. Quem mandou abrir a boca? O editor continuou:

"Tá anotado. Amor. Quatro ou cinco páginas. Pensa num garoto de quinze anos que acaba de se apaixonar pela primeira vez."

"Vou tentar."

"Ótimo. Quem mais quer escolher?"

Pouco a pouco, todos definiram seus verbetes, alguns com a ajuda decisiva de Dorneles. A professora catarinense pegou "filosofia", o paranaense ficou com "contracepção", o baiano escolheu "carneval". Saímos da editora antes do meio-dia. Dorneles planejara um almoço num restaurante próximo. Sentei outra vez ao lado da catarinense. Depois de cinco minutos, tive certeza: ela queria dar pra mim. Antes de conhecer Laura, eu ficaria lisonjeado, emocionado, e provavelmente, muito excitado. Mas eu só tinha Laura na cabeça. Os tornozelos grossos da catarinense também não ajudavam. Não respondi aos seus olhares. Conversei com o baiano e com o paranaense. Ela percebeu meu desinteresse e ficou chateada. Levantou de repente e saiu. Nunca mais a vi. Voltei para o hotel e comecei a arrumar minhas coisas para ir embora. Tocou o telefone. Era Dorneles:

"Sabujo, esse negócio de escrever um verbete é um teste pros outros. Não pra ti. Antes de ir pro aeroporto, dá uma passada aqui na editora."

"Meu avião sai daqui a duas horas. Não sei se vai dar tempo."

"Minha secretária já passou a reserva pras seis e meia. Tô te esperando com uma proposta de contrato. Pode ser às quatro?"

Eu disse que sim. Dizer o quê? Estava em São Paulo para isso. O contrato, entregue pela secretária de Leonan, era grande, mais de dez páginas, letras bem pequenas. Li tudo cuidadosamente, na sala de espera. Salário muito bom. Dezenas de cláusulas protegendo os direitos da editora, nenhuma para o pesquisador. Normal. Só consegui pensar numa exigência: se eu morresse, eles teriam que cuidar do Bóris para mim. Seria ridículo pedir um troço desses.

Resolvi ficar quieto. Quando entrei na sala de Dorneles, ele perguntou o que eu tinha achado. Eu disse que tinha achado bom. Ele sorriu e me passou uma caneta. Assinei. Ele também. Três vias. Dorneles disse que uma seria registrada em cartório no dia seguinte. Perguntou quando eu me mudava para São Paulo. Eu disse que logo, só tinha que resolver algumas coisas em Porto Alegre. Apertamos as mãos. A secretária me chamou um táxi. No caminho para Guarulhos, vi o Tietê escuro, sujo e deprimente. Como sempre. Tem certas coisas que não mudam nunca.

Laura não se limitou a dar comida e passear com Bóris. Deu banho nele, colocou talco e comprou uma coleira nova. Também deu uma geral na cozinha, arrumou a louça, limpou a geladeira, organizou os talheres. Garfos com garfos, facas com facas, colheres com colheres, essas coisas. Tinha um bilhete na mesa da sala: "Por favor, liga logo que chegar." Liguei. Ela disse que precisava falar comigo. Perguntou se poderia me fazer uma visita. Eu disse que sim. Chegou com um vestido lindo, um pouco abaixo do joelho, mas bem justo nas pernas, com uma fenda na parte de trás. Meias de seda. Saltos altos. Batom. Parecia aquelas *pin-ups* bem comportadas da década de 50. Ela percebeu meu olhar de admiração e sorriu.

"Vou sair com o Sávio mais tarde. Ele ainda está na academia, mas vai me pegar em casa às onze."

A menção do nome daquele idiota acabou rapidamente com minhas fantasias. Tentei fazer de conta que não ligava:

"Onde vocês vão?"

Ele demorou um pouco antes de responder.

"Jantar."

"Ótimo."

Ela olhou para o relógio de pulso.

"Desculpe, Frederico, não tenho muito tempo, mas tinha que falar contigo ainda hoje."

"Tudo bem."

"Aquele livro me deixou muito confusa. Li do começo ao fim, sem parar, e agora estou relendo."

"Eu achei que iria te interessar."

"Tu concorda com ela?"

"Concordo com o quê?"

"Se essa Choisy está certa, toda a relação que envolve prostitutas é doentia, ou, no mínimo, muito triste. Tanto para o cliente quanto para a prostituta. "

Eu não sabia o que dizer. Nunca tinha pensando se as prostitutas eram felizes ou infelizes. Eu tinha uma razoável certeza de que elas eram trabalhadoras que tinham escolhido uma

profissão complicada - mas há muitas profissões complicadas - e que tinham dias bons e dias ruins como todo mundo. Na verdade, nem lembrava de ter lido alguma coisa sobre a tristeza das prostitutas no livro. Cada um lê de um jeito diferente e guarda o que quer. Laura insistiu:

"Se é verdade, aquele conto da Frineia é uma mentira. Não existem prostitutas livres."

"Frineia viveu quatro séculos antes de Cristo. É impossível julgá-la com base na nossa moral. E ela não era uma prostituta. Era uma hetaira."

Laura pensou um pouco e voltou à carga:

"E hoje, existem hetairas?"

"Como assim?"

"Existem mulheres que vendem o corpo apenas para quem querem e são felizes?"

"Como eu vou saber?"

"Tu não tava pesquisando sobre isso?"

"A pesquisa foi interrompida faz tempo. Quer que eu recomece?"

"Não. Só quero a tua opinião sobre essa questão."

"Não tenho opinião formada a respeito."

Laura estava perdendo a paciência:

"Não precisa ser uma opinião profissional. A prostituição é uma coisa triste e doentia? Só me diz o que tu acha. Pode ser uma opinião pessoal."

"Não acho nada. Nunca transei com uma prostituta. Como posso ter uma opinião pessoal?"

Laura me olhou de um modo estranho.

"Nunca?"

"Nunca."

"E como... Como eu poderia escrever um livro cheio de prostitutas, se nem eu, nem o cara que tava pesquisando o tema, conhece uma prostituta de verdade?"

"Eu já fiz muitas pesquisas sobre assuntos que..."

"Não é a mesma coisa", cortou Laura. "Não é como falar sobre uma viagem à Lua, ou sobre os mistérios das florestas amazônicas. As prostitutas estão disponíveis ali na esquina."

"Se a experiência pessoal resolvesse, todo mundo seria escritor. O que interessa é a maneira de manipular as informações - venham de onde vierem - e contar a história. Aquele conto do paulista nos puteiros é maravilhoso, perfeito. Ninguém, jamais, pensaria que foi escrito pela Tia Laura."

"Quem garante?"

"Eu."

"Tu não tem autoridade pra avaliar."

"Claro que tenho."

"Tu não conhece prostitutas."

Eu estava ficando irritado.

"Conheço centenas delas."

"Como?"

"Livros, filmes, peças de teatro, internet..."

Ela começou a rir.

"Conhece nada. Ontem eu reli o conto e achei falso, completamente falso. Aquele cara não existe. Aquelas prostitutas não existem. Quem disse que o tal *blog* do Chinês não é todo inventado?"

"Eu."

"Baseado em quê?"

"Ninguém escreve daquele jeito, a não ser que seja um relato de experiências pessoais. Se fosse ficção, ele tentaria escrever bem, e seria horrível."

Laura continuava sorrindo, desdenhosa. E eu estava cada vez mais irritado.

"Onde eu tava com a cabeça quando escrevi aquelas coisas?", disse Laura. Não era uma pergunta. Era um devaneio. Mas eu respondi, grosseiro:

"A tua cabeça tava em cima dos ombros. Só que tava funcionando".

Laura parou de rir.

"O que tu quer dizer?"

"Tu tá indo jantar com um imbecil, um filho da puta que te espiona e que..."

Ela cortou, gritando:

"Tu não tem o direito de se meter na minha vida privada."

"Tenho sim."

"Por quê?"

"Porque eu te amo."

E avancei pra cima dela, abracei-a com força e beijei-a com fúria, paixão e desespero. Mesmo que quisesse, ela não conseguiria resistir. Ela não resistiu. Ela me amava. Depois do beijo, toda amassada, disse que tinha que sair. Saiu. Botei um CD do Piazzola, peguei as patas da frente do Bóris e dançamos um tango na sala. Deitei, mas sabia que não conseguiria dormir. Tentei ler, impossível. Só conseguia pensar. Eu beijara Laura, e isso era a coisa mais excitante que já me acontecera na vida, com consequências gigantescas para todo o universo conhecido. Aquele era, sem dúvida, uma "noite dos tempos", expressão que eu sempre achara de um absoluto mau gosto literário. Lembro da primeira luz do dia no horizonte. Lembro de uma conversa na calçada sobre números a serem apostados na Mega-Sena. Lembro de sentar na patente, mesmo sem vontade. Lembro de voltar para a cama, apagar a lâmpada de cabeceira, sentir um pouco de dor nas costas, um pouco de frio, puxar o lençol. Não sabia se queria dormir ou não. Então dormi.

Acordei pelas dez, sobressaltado, com um latido do Bóris. Ele queria sair, fazer xixi, essas coisas de quem não beijou Laura e continua achando que suas necessidades fisiológicas significam alguma coisa. Ela poderia ter ligado. Chequei a secretária eletrônica. Nada. Passei com Bóris por dois minutos e meio. Ele ficou puto. Gostava de espalhar o xixi por oito árvores. Azar o dele. Voltei. Nenhum recado. Eu não podia ligar. Tem certas coisas que não mudam nunca. Ao meio-dia, sensatamente, decidi fazer de conta que a vida continuava e trabalhar um pouco. Afinal, eu tinha assinado um contrato. Comecei a pesquisar para o verbete "amor". Achava que seria fácil. Não foi. Impossível pesquisar sobre amor quando o amor está correndo nas veias do sujeito. Eu tinha que fazer alguma coisa. Então a campanha tocou. Era Laura, tinha certeza. Era Raul, o secretário negro de Laura. Ele tinha um bilhete. Ele sorria. Foi embora logo. Estava escrito:

"Foi um erro. Desculpa. Laura."

Putá, mil vezes putá! Vadia! De novo, de novo, de novo ela me chutava. Isso era ser uma puta. Uma puta vadia. O amor que se fodesse. Os jovens não precisam saber nada sobre o amor. Eles têm que saber sobre putas. Coisa bem mais útil. Mas nada de informações livrescas, dessas que já abarrotavam a memória do meu computador e que eles poderiam obter na internet. Eles precisavam de informações do mundo real. Voltei ao escritório. Entrei num dos vários sites de putas que eu tinha pesquisado. Liguei para o número indicado. Uma voz suave, segura e profissional do outro lado:

"Boa tarde."

"Boa tarde. Eu dei uma olhada no site. Gostaria de usar o serviço."

"É a primeira vez?"

"É."

"Qual é o seu nome?"

Pra que inventar? De quem eu deveria me esconder? De Deus?

"Frederico."

"Ótimo, Frederico. Eu já vou ligar pra você."

Achei estranho.

"Não podemos falar agora?"

"É só um instante. Eu já ligo."

"Tudo bem."

Dois minutos depois, o telefone tocou, demonstrando que ela sabia meu número. Muito esperta. Atendi.

"Frederico?"

"É."

"Você já escolheu a menina?"

Olhei para a tela. Havia links para as "Gatas do mês", "Loiras", "Morenas" e "Ninfetas". Cliquei em "Ninfetas". Dei uma olhada, mas já conhecia bem a página. Não apareciam os rostos, mas os corpos pareciam ser bonitos. Todas tinham entre 18 e 23 anos. As descrições eram parecidas. Obviamente, seria uma escolha no escuro. Escolhi a primeira da lista.

"Vera Xavier. Pode ser?"

"Infelizmente, não. Ela só trabalha a partir das dezoito horas. Se você puder esperar..."

"Não posso. Qual está disponível?"

"Temos várias meninas que..."

Li os nomes seguintes.

"Tamara, Regina, Helena. Qualquer uma dessas."

"A Regina está disponível."

Cliquei na Regina e li: "Linda garota iniciante, corpo perfeito, olhos verdes, curvas irretocáveis, seios empinados e bumbum arrebitado. Regina é mesmo uma princesa. Você não vai gostar: vai se apaixonar." Eu disse:

"Pode ser a Regina."

"Ótimo. Você vai pegá-la?"

"Não. Prefiro esperar no motel. Quanto vai custar o táxi?"

"Qual é o motel?"

"Dallas."

"Não vai ser mais de dez reais."

"Tudo bem."

"Pode ser às quatro?"

"Pode."

"São cento e cinquenta reais, mais o táxi. Você pode deixar ela em casa depois?"

"Talvez. Ou pago o táxi."

"Perfeito, Frederico. Então está combinado. Motel Dallas, às quatro. É só deixar o teu nome na recepção, pra ela saber o quarto. A Regina pode ficar até duas horas contigo. Se ficar mais, são cinquenta reais para cada meia-hora."

"Tudo bem."

"Obrigado. Até logo".

Desligou. Decidi ir para o motel logo. Tinha medo de desistir. Eles tinham meu número do telefone. Poderiam saber meu endereço. E certamente não gostavam de clientes que não cumpriam compromissos assumidos. Dei comida para o Bóris, peguei a camionete e fui para o Dallas. Eu só conhecia dois motéis em Porto Alegre, e o Dallas era o melhor dos dois. Escolhi uma suíte sem hidromassagem e disse para a moça da portaria:

"Estou esperando uma menina. Meu nome é Frederico."

"Certo." Ela me estendeu uma chave. "Noventa e três. À sua direita."

A decoração do quarto era horrível: paredes vermelho escuro, azulejos pretos no banheiro. Quase lúgubre. Acendi as luzes. Melhorou um pouco. Tinha uma garrafa de vinho tinto em cima da mesa. Gaúcho, talvez bebível. Abri. Não havia copos. Nem na pia do banheiro. Demorei pra achar: estavam no frigobar. Copos gelados para quem toma cerveja. Servi o vinho. Tomei. Meio azedo. Meio ruim. Mais um gole. Melhorou. Eu estava excitado. Que tipo de excitação? Primeiro raiva de estar ali, raiva de Laura, daquela puta que beija e vai embora e diz que foi um erro. Depois excitação sexual mesmo. Eu estava prestes a fazer uma coisa que os homens costumam fazer bastante. Os homens comuns, normais. Eu não. Eu estava pagando por sexo pela primeira vez na vida. Lembrei das fotos do site: ela devia ser bonita, quer dizer, ter o corpo bonito, todas tinham, não lembrava exatamente do corpo da Regina, anunciada como ninfeta, então devia ser bem novinha, magra, uma putinha bem putinha mesmo. Liguei a TV e botei no canal da putaria. Horrível. Um sujeito meio careca com uma tatuagem imensa no ombro trepava com duas loiras de seios imensos. Os seios sacudiam de um modo estranho. De vez em quando elas seguravam. Faziam cara de quem estava gostando. Eu não estava. Desliguei. Decidi tomar um banho. Muita água. A primeira coisa boa do motel:

o chuveiro. Banho demorado, mais de vinte minutos. Lavei bem o pinto. Coloquei a roupa outra vez. Olhei o relógio: três e vinte. O celular tocou. Atendi.

"Ôi", disse Laura.

"Ôi."

"Desculpa."

Fiquei quieto.

"Frederico?"

"O que é?"

"Eu disse desculpa."

"Certo."

"O bilhete... Eu estava tão insegura. Foi sem pensar. Foi um erro."

"O quê foi um erro?"

Ela percebeu a ambiguidade.

"O bilhete, claro. O bilhete foi um erro."

"Então o beijo estava certo?"

Ela demorou, mas disse:

"Estava. Eu queria te beijar faz tempo."

"Eu também."

"Mas foi só um beijo."

"O que tu quer dizer com isso?"

"Que um beijo não faz mal."

"O que faz mal?"

"Sei lá."

Perdi a paciência. Não queria que ela me enrolasse pela décima vez.

"Fala logo, Laura. Tu quer dizer que o beijo tava bom, mas eu não devo esperar nada além do beijo. É isso?"

"Não sei."

"Se não sabe, não devia ter ligado. Por quê ligou?"

"Também não sei. É difícil."

"Eu sei."

"Não me trata assim."

Fiquei quieto. Pensei em desligar. Aí ela falou:

"Olha, Frederico, eu tenho medo de que a gente se envolva e que eu acabe te magoando. Tu não merece sofrer." A voz dela, de repente, ficou bem mais baixa. "Tenho que desligar. Eu telefono mais tarde." Clic.

Laura. A mulher dos erros. A puta Laura. Eu estava com muita raiva. Agora ela estava prejudicando minha trepada com a puta Regina. Deitei na cama e fechei os olhos. Eu queria aproveitar aquele momento. Não queria o fantasma de Laura. Queria uma mulher à minha total disposição por duas horas. Desliguei o celular. Queria que o meu pinto tivesse uma chance. Eu estava pagando para isso. A noite quase não dormida me fez cochilar. Acordei com batidas na porta e o som de um carro se afastando. Fui até a porta. Abri. Era Regina. Uma baixinha, meio gordinha, com cara de índia paraguaia. Decepção total. Ela sorriu e disse:

"Frederico?"

"Sim."

"Eu sou a Regina."

"Entra, por favor."

Dois beijos no rosto, e ela entrou. Usava uma sandália horrível (branca, de saltos grossos e altos), calça *jeans* muito justa e um *collant* preto, com um decote em "v" que deveria ser sensual, mas não era. Senti uma pontada de dor no rim operado. Eu queria mandá-la embora. Só que não podia.

"Quer um vinho?", perguntei.

"Você vai tomar vinho?"

"Acho que sim."

"Então eu tomo um pouquinho."

Peguei a garrafa de vinho. Não sabia o que dizer. Ela sentou na cama e me acudiu:

"Você está esperando há tempo?"

"Não. Tu é paulista?"

"Não. Por quê?"

"Por causa desse 'você'".

Ela sorriu - tinha os dentes da frente meio separados - e disse:

"É só um jeito de falar."

"Por quê não fala 'tu', como todo mundo?"

"Acho o 'tu' meio... Sei lá. Meio grosseiro."

"Notei que a moça da agência também fala 'você'".

"É mesmo. 'Você' fica melhor pra tratar com os clientes."

Lembrei que estava com a garrafa de vinho na mão. Servi dois cálices. Bebi. Era mesmo horrível. Combinava com Regina. Ela tomou um golinho. Devia ter uns vinte e dois, vinte e três. Meio passada para ser uma lolita. O que será que ela pensava de mim? Será que pensava alguma coisa? Provavelmente pensava apenas na grana que deveria ganhar. E queria acelerar o processo. Disse:

"Senta aqui comigo."

Sentei ao lado dela na cama. Senti o perfume do seu corpo. Era agradável.

"Tu conhece a moça da agência?", perguntei.

"Vi ela uma vez. Mas não é bem uma agência. É um número de telefone. Dificilmente eu vou lá."

"Mas como..."

Fiquei constrangido. Queria perguntar sobre como o dinheiro chegava nos patrões, mas não sabia como. Ela percebeu e explicou:

"Toda segunda eu faço o depósito da parte deles numa conta."

"Certo." Lembrei que eu tinha que pagá-la. Levantei e peguei a carteira. "Quanto deu o táxi?"

"Vinte e cinco reais."

Mais do que o dobro do combinado. Pensei em protestar, mas não tive saco. Entreguei duzentos reais para ela. Dinheiro que eu

tinha recebido de Laura. De uma puta para outra. Ela guardou o dinheiro rapidinho.

"Obrigado. Posso tirar a roupa?"

"Claro."

Por cento e cinquenta reais, mais cinquenta para o táxi, ela poderia ter tirado a roupa de um jeito mais bacana. Acho que ela matou essa aula do curso de putaria. Levou menos de um minuto para ficar só de calcinha, preta, fio dental atrás, nada demais. Tinha um corpo atarracado e cheinho. Tá certo, não chegava a ser gorda e os seios eram empinados. A bunda também não era ruim. Com um pouco mais de fantasia (ou com um pouco mais de vinho) talvez eu ficasse excitado. Só que eu não estava excitado. Estava pensando se valia a pena. Ela deitou na cama. Resolvi ser honesto:

"É a primeira vez."

Ela abriu os olhos, surpresa.

"Mesmo?"

Percebi que ela entendera mal:

"A primeira vez assim, pagando."

Ela riu.

"Ah, bom. Sempre tem a primeira vez. Você é casado?"

A última coisa que eu gostaria de fazer: conversar sobre a minha vida com uma puta baixinha que usava sandálias brancas de saltos grossos.

"Sou, mas não quero falar sobre isso."

"Tudo bem. A gente nem precisa falar nada."

"Desculpa. Eu não quero ser grosso. Tô um pouco nervoso. E tu?"

Ela riu.

"Sou solteira. Tô fazendo cursinho pré-vestibular."

"Que legal. E que curso tu quer fazer?"

"Medicina. Eu quero ser médica de criança, sabe? Pediatra."

"Certo."

Tive medo de que ele estivesse falando a verdade. Vontade de mandá-la embora. Então ela disse:

"Deita aqui do meu lado."

"Assim vestido?"

"Qual é o problema?"

Deitei do lado dela. Ela sorriu e fez um carinho rápido no meu cabelo. Sorriu. Pela primeira vez, parecia simpática.

"Tem alguma coisa que eu não possa fazer?", perguntei.

A resposta veio automaticamente.

"Não faço anal, não faço oral sem camisinha e não beijo na boca." Fez mais um carinho no meu cabelo. "No mais, faço tudo. Sou super liberal. Quer que eu te faça uma massagem?"

"Não."

Inclinei-me e beijei seus seios. Com a visão periférica, observei sua reação. Mal meus lábios atingiram o primeiro mamilo, ela fingiu estar excitada. Era uma má atriz. Não pegaria nem papel secundário em novela do SBT. Passei a mão no seu ventre e enfiei a mão pra dentro da calcinha. Ela soltou um 'ahhh' que deveria soar sensual. Nos próximos minutos, ela despejaria dezenas de outros 'ahhhs', todos tão falsos quanto aquele. Resolvi tirar a roupa pra ganhar um tempo. Eu estaria mais excitado num enterro. Dobrei minhas calças e coloquei-as bem ao lado das dela, num sofá vermelho. Deitei outra vez. Era agora. Deitei sobre ela, beijando-a no pescoço e nos seios, enquanto esfregava o pinto no meio das suas coxas. Se ela não beijava na boca nem me chupava, eu também não a chuparia. Sexo seguro. Sexo higiênico. Frio como o minuano. E meu pinto lá, mole. Desisti. Deitei ao lado dela. Ela sorriu e pegou meu pau. Queria me masturbar. Achei a ideia péssima.

"Ainda não", ordenei.

"Tudo bem."

"Quer mais vinho?"

"Se você vai tomar, eu aceito."

Levantei.

"Tu pode me fazer um favor? Não me chama mais de você."

"Tudo bem."

Alcancei o copo pra ela. Mais um gole pequeno. Talvez só tenha molhado os lábios.

"Eu tô nervoso, desculpa."

"Isso passa."

"Posso fazer uma pergunta?"

"Claro."

"Tu fica excitada com os clientes? Excitada de verdade?"

"Fico."

"Falando sério."

"Fico. Eu gosto de transar."

Deitei na cama outra vez. Coloquei a mão sobre os pentelhos dela. Estendi o dedo até que a ponta ficasse na entrada da vagina.

"Tu gosta de bater punheta?", perguntei.

"Gosto."

"Então faz. Mete uma punheta"

Ela sorriu. Parecia satisfeita. Perguntou:

"Tu gosta de olhar, é isso?"

"É. Acho que é."

Olhei para o teto, onde o espelho refletia dois corpos. Uma visão que eu não tinha há pelo menos dezoito anos, desde que levava Susana para aquele mesmo motel. Regina molhou o dedo na sua boca e começou a se masturbar. Primeiro lentamente, depois aumentando a intensidade e o ritmo. Eu fui enfiando o dedo aos poucos. Deu pra ver que ela estava ficando molhada. Profissional. Senti que o meu pinto dava os primeiros sinais de vida. Enfiei o dedo bem fundo, e veio mais um daqueles 'ahhhs' ridículos e falsos. Para não ouvi-los, pensei em falar umas baixarias. Chamei-a de putinha e gostosa ao pé do ouvido. Toda mulher gosta de ser chamada de putinha e gostosa. Ela não. Continuou com os 'ahhhs', parecia um gravador. Ahhh... Ahhh... Ahhh... Ahhh... Ahhh... Que merda. Tentei ignorá-la. Para isso, teria que pensar em outra coisa. O que poderia me excitar? É óbvio. Fechei os olhos e pensei nos tornozelos de Laura, nas pernas de Laura, nos seios de Laura, no rosto de Laura. Imaginei que meu dedo estava enfiado na buceta de Laura. Meu pau ficou duro. Aumentei a velocidade da fricção do meu dedo. E disse para a dona da buceta (Regina ou Laura?):

"Tá gostoso?"

"Tá", ela disse.

Regina deve ter percebido a ereção e perguntou:

"Vamos botar a camisinha?"

"Não", respondi.

"Tem que botar, querido."

Aquilo me irritou um pouco.

"Não. Eu quero fazer assim."

"Você que sabe."

Eu sabia. Sabia que ela queria ir embora de uma vez. Também sabia que seria impossível manter a fantasia de estar com Laura com uma garota tão burra como Regina. Pra piorar a situação, voltei a sentir uma pequena dor no rim operado. Eu tinha que acabar logo com aquilo. Tirei o dedo da buceta e disse:

"Agora tu pode pegar o meu pau."

"Se você colocar a camisinha, eu posso chupar."

"Não quero!"

"Tudo bem."

Ela ficou de joelhos e me tocou uma punheta. Eu, de olhos fechados, só pensava em Laura. Eu abraçava e beijava Laura. Regina foi desaparecendo pouco a pouco, até que só sobrou Laura. Minha amada Laura, de divinos tornozelos. A porra saiu do pau num pequeno esguicho doentio. Regina disse:

"Vou tomar um banho."

E desapareceu. Voltou em poucos minutos, com uma toca plástica na cabeça, ainda secando o corpo. Agora parecia bem mais nova. Dezoito anos, talvez menos. Começou a vestir-se. Eu não queria falar mais nada. Queria que ela saísse. Mas, depois de terminar de vestir-se, ela ainda tentou economizar o dinheiro do táxi:

"Você não quer me levar em casa?"

"Não."

"Você que sabe. Vou chamar o táxi."

Usou o celular. E depois:

"Você não vai sair?"

"Ainda não."

"Então tchau."

Dois beijos no rosto.

"Até a próxima", disse Regina.

"Até", respondi.

Ela pegou a bolsa e saiu sem olhar para trás. Deitei e fechei os olhos. Se todas as putas fossem como ela, a profissão já teria acabado faz tempo. Se todos os clientes fossem como eu, não teria nem começado.

Levei dois dias para decidir que livros levaria para São Paulo e quais ficariam num depósito em Porto Alegre. Mais um dia para separá-los fisicamente. Bóris acompanhou o trabalho com um ar de incompreensão. Às vezes ficava nervoso com a bagunça. Para acalmá-lo eu o levava para longos passeios, em que ficávamos zanzando pelas ruas do bairro. Ele não gostava de se afastar muito, porque tinha que fazer xixi em determinadas árvores das redondezas. O resto foi mais fácil. Tinha decidido botar o apartamento para alugar, jogar fora os móveis grandes demais - ou velhos demais, ou com cupins demais -, levar os menores - desde que em bom estado -, mais o fogão, a TV e a geladeira. E tentar vender o resto. Eu tinha poucas roupas, alguns quadros e posters com valor sentimental, e bugigangas variadas. O avaliador da companhia de mudança disse que meus troços não ocupariam nem metade do caminhão. Melhor. Nesse meio tempo, a secretária da Tempo me ligou dizendo que tinha encontrado um apartamento ótimo. Mandou a planta e várias fotos pela internet. Gostei. Era perto da editora e o aluguel era razoável. Ela disse que estava reservado pra mim. Era só apresentar os papéis quando chegasse. Muito eficiente. Tipicamente paulista.

A viagem estava marcada para uma segunda no final da tarde. De manhã bem cedo apareceram os negrões da companhia de mudanças, cheios de caixas e de mau-humor. Acompanhei de cima enquanto eles encaixotavam os livros que ficariam em Porto Alegre e os levavam para uma perua grande. Depois carregaram os livros que iriam para São Paulo. Eles ficaram bem no fundo de um caminhão imenso, preto e vermelho. Um monte de caixas de plástico pesadíssimas, que os negrões levaram suando e bufando e reclamando. Aí relaxei. Perguntei se eles estavam interessados em ficar com algum dos móveis que eu tinha decidido vender ou jogar fora. Eles examinaram as estantes e viram que tinha cupim. Me olharam como se eu fosse um idiota e um pé-rapado. Eu disse que duas poltronas da sala estavam boas, era só arrumar as molas. Nem essas eles quiseram levar. Quando o caminhão foi embora, acompanhei a perua até o depósito. Disse adeus para os livros e voltei para o apartamento, que estava um caos. Soltei o Bóris. Ele estava muito confuso com aquilo tudo. Fiz as malas com as roupas. Telefonei para o Mensageiro da Caridade e combinei que eles passariam no começo da tarde, para levar tudo o que tinha restado, inclusive os móveis e as outras tralhas que eu decidira vender. Não sei vender móveis. Deve ser complicado. Está além da minha capacidade.

Os carregadores do Mensageiro da Caridade eram bem mais simpáticos. Um deles quis ficar com as poltronas da sala. Disse que ia casar na semana que vem. Dei-lhe os parabéns. Às quatro o apartamento estava ocupado por mim, por Bóris, por duas malas e uma sacola grande. Tomei um banho e coloquei roupas limpas. Fechei as janelas, coloquei a guia na coleira do Bóris e disse que íamos dar um passeio. Ele balançou o rabo, feliz. Entrou na camionete e

comportou-se muito bem na pequena viagem até a zona norte. Estacionei. Bóris não queria sair do carro. Deve ter sentido o cheiro do canil, onde não tinha sido muito feliz. Tive que arrastá-lo pela coleira. Evitei olhar para baixo, porque sabia que Bóris estava olhando para mim. A doutora Verônica sorriu amarelo. Eu já tinha avisado que Bóris ficaria ali por algum tempo. Talvez muito tempo. Provavelmente por muito tempo. Eu depositaria a hospedagem no final de cada mês. Ela fez um pouco de festa na cabeça dele e disse:

"E se aparecer um novo lar para o Bóris?"

Eu estava me segurando, me comportando como um adulto que fazia o que devia ser feito, mas a pergunta de Verônica foi um soco na ponta do meu queixo. Me derrubou. As lágrimas vieram tão rápido que não consegui escondê-las. Passei a mão nos meus olhos enquanto respondia:

"Se o cara for legal, tudo bem."

"É difícil, o senhor sabe. As pessoas sempre querem filhotes."

"Eu sei."

Verônica pegou a ponta da guia. Olhou para baixo. Eu não queria olhar. Tinha medo. Ela percebeu e disse:

"Pode ligar quando quiser, pra ter notícias dele."

"Certo."

"Então... Tudo bem. Está entregue."

"Ótimo."

Dei um passo para trás. Não queria, mas olhei para ele. Não resisti mais. Me agachei e abracei-o. Apertei aquele cachorro teimoso e babão com toda a força, usando seu pelo para secar as lágrimas do meu rosto e assim continuar acreditando que Verônica não perceberia. Bóris ficou quieto. Não babou, não latiu, não disse nada. Eu levantei, abanei muito rápido para a Verônica, dei meia volta e corri para a camionete, me sentindo um filho da puta de um carrasco nazista mandando judeus para Auschwitz. Embarquei na camionete e peguei a avenida Assis Brasil. Vi uma grande placa: "Comparamos seu carro. Pagamos à vista." Entrei e estacionei. Não discuti com o picareta, que me ofereceu dois mil reais. Não tinha a menor ideia se era um preço razoável. Claro que ele estava me roubando. Peguei o cheque, agradeci, fui até a rua e parei um táxi. Transferi as malas da camionete e mandei tocar pro aeroporto. O avião levantou ao pôr do sol. Porto Alegre estava bonita da janelinha.

Eu queria esquecer Laura. Queria aproveitar o ritmo maluco de São Paulo para tirar da cabeça aquela mulher. Também queria esquecer Bóris. Trabalhava dez, doze horas por dia, pesquisando, escrevendo, fazendo reuniões com os editores da enciclopédia, pensando em ilustrações e revisando verbetes de outros pesquisadores para verificar se não havia repetições ou conflitos com os meus textos. Saía do apartamento de manhã cedo, almoçava e jantava na rua, e só voltava pelas dez. Assistia um pouco de TV e dormia. A dor no rim operado desaparecera. Depois de duas semanas, Dorneles, o chefão da Tempo que me contratara, pediu que eu fosse até a sua sala. Estava com tudo o que eu já tinha escrito em cima da mesa. Elogiou, disse que estava impressionado e propôs que eu assumisse a supervisão geral de redação da enciclopédia, com um aumento de trinta por cento no salário. Topei, claro. Queria ganhar dinheiro, comprar coisas inúteis, entrar de cabeça na rodaviva da cidade grande, enterrar aquele passado bolorento de Porto Alegre, com as estantes cheias de cupins e a minha cabeça cheia de derrotas. Queria me tornar um sujeito bem-sucedido, tão autossuficiente que atrairia mulheres simpáticas e igualmente bem-sucedidas para uma relação saudável, emocional e financeiramente falando. Isso era São Paulo. Não tinha amigos, e as mulheres simpáticas ainda não tinham me descoberto, mas começava a acreditar que as coisas estavam se encaixando e que eu, finalmente, fizera as escolhas certas.

Aí, numa sexta-feira, dez e meia da noite, depois de completar três semanas na Tempo, Laura estava me esperando na portaria do edifício. Sentada numa poltrona cinza, bem maquiada, vestida com a elegância de sempre: um *tailleur* bege, meias de seda pretas e sapatos de salto alto. Uma pequena mala ao seu lado. Levantou-se quando me viu. Deu um sorriso discreto. Estendeu a mão. Apertei-a.

"Ôi." Ela constrangida.

"Ôi." Eu desabando.

"Desculpe chegar sem avisar."

"Não tem problema. Vamos subir?"

O apartamento ainda estava desorganizado, com livros empilhados por toda parte. Puxei as duas únicas cadeiras da cozinha até a sala. Ela sentou. Eu também. Não tinha nada para oferecer, além de leite, nescau, pão de sanduíche, presunto e queijo. E o pão era velho. Ela disse, sempre com aquele meio sorriso no rosto:

"Eu tenho uma sessão de autógrafos na segunda, e resolvi vir antes, para passar o fim de semana."

"Certo."

"Já soube que estás muito bem na editora."

"Muito trabalho. Mas tô gostando."

"Claro."

Ela olhou para o chão, buscando coragem para falar alguma coisa. E finalmente disse:

"Fui visitar o Bóris."

Fiquei quieto. Dizer o quê? Ela continuou.

"Ficou feliz quando me viu. Consegui dar um pequeno passeio com ele." Fez uma pequena pausa, para decidir o que mais me contaria. Ou escolher uma mentira. "Ele está limpo e bem alimentado. Acho que a dona do canil gosta do Bóris e brinca com ele de vez em quando."

Continuei quieto. O que adiantava conversar sobre aquilo? Laura ficou sem jeito. Será que ainda tínhamos algum assunto? Eu não conseguia lembrar de nenhum. Finalmente ela confessou:

"Eu menti para o meu marido. Disse que tinha algumas entrevistas antes do lançamento, aqui em São Paulo, mas eram todas por telefone. Eu vim aqui pra te ver. Tava preocupada contigo. Tava com muita saudade."

Pausa. Ficou com os olhos cheios de lágrimas. Então desmoronou. Eu já tinha visto aquele filme.

"Frederico, não sei o que fazer da minha vida."

Claro, sempre que ela ficava daquele jeito, desamparada, frágil, carente, eu tinha vontade de abraçá-la, beijá-la, acariciá-la, fazê-la perceber que eu a amava muito. Só que eu tinha aprendido a lição. Ou as lições, porque foram várias sobre a mesma matéria. Hoje Laura chorava e pedia socorro. Amanhã ia embora. E me deixava sozinho. Não, obrigado, não tenho nada a ver com isso, pensei. Ela que se desmanche, que se derreta, que se desmantele. Eu era um novo homem, um homem de São Paulo, interessado em ganhar a própria vida e construir uma carreira. Aquele banana porto-alegrense ficara para trás, e não tinha permissão para entrar naquele apartamento. Fiquei na minha, olhando para Laura o mais friamente possível. Isso a deixou ainda pior. Secou os olhos e tentou controlar-se, falando mais para si mesmo do que para mim:

"Cansou de mim. E tem toda razão. Eu sou uma idiota. Sou meio louca. Não. Sou totalmente louca. É melhor eu ir embora."

Levantou-se. Eu também. Faltava pouco. Em breve ela seria só uma lembrança do passado. E então, sem qualquer anúncio, ela se jogou em cima de mim, quase me fazendo cair. E nos abraçamos e nos beijamos e nos acariciamos por um longo tempo. Pouco a pouco, praticamente colados um no outro, fomos para o quarto. Laura tirou minha roupa e depois tirou também a dela. Estávamos tensos, nervosos, não sabíamos direito o que fazer. Nossa primeira transa foi um desastre completo. Ao deitar sobre Laura, afoito e desajeitado, senti uma forte dor nas costas e perdi a ereção. Laura disse que não tinha importância, que podíamos ficar só nos beijando. Me recuperei. Mas, logo depois da penetração, perdi o controle e senti que iria ejacular. Tentei segurar e tirei o pau, mas era tarde: me acabei fora. Ela viu e tentou me acalmar. Disse que tínhamos a noite toda. Eu pedia desculpas sem parar. Tentei masturbá-la. Ela não parecia excitada. De repente, botou a calcinha e disse que era melhor esperarmos um pouco. Emprestei-lhe uma camiseta. Também me vesti. Então conversamos, o tempo todo deitados na cama, de mãos dadas. Conteí o que estava fazendo na enciclopédia. Ela me ouviu atentamente. Depois me disse o que estava fazendo: escrevendo sem parar. E sem pensar. Se pensasse, não escreveria. Tinha duas encomendas de adaptações para livros didáticos. Já recebera os adiantamentos, que o marido usara para abrir uma filial da academia, em Canoas. Estava ficando louca. Quando soube que haveria aquele lançamento em São Paulo, planejou me ver de qualquer jeito. Bocejou. Sorriu e perguntou se poderia dormir comigo. Eu disse que sim. Conversamos mais um pouco. Dormimos pelas 3 da manhã, de mãos dadas.

No fim de semana, tentamos transar várias vezes, com resultados um pouco melhores. A dor nas costas não se manifestou mais, e tudo corria bem até irmos para a cama. Então a nossa ansiedade voltava, e a coisa simplesmente não fluía. Ou eu me acabava antes, ou ela não estava suficientemente excitada, ou simplesmente estávamos tão preocupados em ter sucesso que não conseguíamos fazer nada direito.

No domingo à noite, depois de mais uma tentativa frustrada, decidimos que conversar, ficar de mãos dadas, nos beijar e dormir juntos já era maravilhoso, estava bom demais. Também tomamos banho juntos, e comemos juntos, e tomamos vinho juntos. Saímos de casa juntos na segunda de manhã. Eu peguei o metrô para a editora; ela disse que iria dar um pulo na casa de uma amiga. Antes, ela perguntou se eu iria no lançamento do livro. Eu perguntei se ela gostaria que eu fosse. Laura disse que sim.

Fiquei o dia todo pensando em Laura, o que não me impediu de aprimorar os verbetes em que estava trabalhando desde o final da semana anterior. Eu não queria escrever filosofia barata para adolescentes. Também não queria aprofundar tanto que a explicação provocasse um nó na cabeça dos leitores. Não é tarefa fácil. Almocei perto do escritório. Liguei para o celular de Laura, pensando no que diria se ela atendesse. Ela não atendeu. Trabalhei duro a tarde toda. Quando olhei o relógio, faltava apenas meia hora para o lançamento. Fiquei em dúvida: deveria mesmo ir? Como ficou provado depois, a resposta sensata seria não.

Fiquei zanzando entre as estantes. Laura estava numa mesa grande no fundo da livraria, atendendo simpaticamente aos seus leitores, que formavam uma fila imensa. Eram adultos, jovens e crianças, todos com livros infantis nas mãos e caras de imensa satisfação. De vez em quando, meus olhos procuravam os de Laura. Finalmente ela me viu e deu um sorriso amarelo. Não era um sorriso convidativo. Era um sorriso "Cuidado". Logo entendi porquê. Sávio apareceu à minha frente, ladeado pelos dois filhos e por Leonan. Apertamos as mãos. Depois de algum papo furado, eu disse que já estava indo embora. Sávio, sorridente, disse que queria falar comigo em particular. Eu disse que tudo bem, mas primeiro tinha que ir no banheiro. Queria fugir de qualquer jeito. O cara me acompanhou até a porta do banheiro e ficou esperando. Eu tava fudido. Então, um pequeno golpe de sorte: o Rildo, repórter da Zero Hora que viera cobrir o lançamento, estava fazendo xixi. Perguntei se ele tinha um gravador, e ele disse que sim. Pedi emprestado por dez minutos. Ele emprestou, sem problemas. Era um gravador pequeno, minicassete, importado. Rildo me mostrou como funcionava. Eu dei REC, coloquei no bolso da camisa e saí do banheiro. Sávio, agora sem sorrisos, me levou até o segundo andar da livraria, que estava quase deserto. A conversa foi curta, mas intensa.

"Eu sei que tu transou com a minha mulher. Ela ficou no teu apartamento nesse fim de semana."

Fiquei quieto.

"Não sei se foi agora, aqui em São Paulo, ou antes, em Porto Alegre. Isso não faz diferença."

Continuei quieto, atento para as mãos dele. Tinha certeza que me atacaria. Mas ele continuou:

"Ela vai voltar para Porto Alegre amanhã. Tem consulta com um novo psiquiatra. Um psiquiatra decente, sério. Ela te disse que semana passada parou de tomar os remédios? A Laura anda rebelde demais pro meu gosto. Eu sabia que essa viagem para São Paulo era perigosa. Esse psiquiatra novo vai colocar ela nos eixos, tá me entendendo?"

"Não", eu disse.

"Fica quieto, ou vai levar porrada."

"Cansei dessa bobagem. Vou embora."

Tentei sair, mas ele avançou e segurou os meus dois braços, apertando-os com muita força.

"Não te mato, nem mando te matar, porque não quero estragar a minha vida. Mas de uma coisa pode ter certeza: eu posso acabar contigo. Sabe esse teu empreguinho na Tempo? Tá pensando que foi o Leonan que te conseguiu? Que ingenuidade... Eu armei tudo. Pedi que o Leonan me apresentasse para o Julinho e para o César. Eu já estava negociando com eles um adendo ao contrato da Laura, para mais dois livrinhos didáticos, coisa pequena, mas tudo através de advogados, aquela coisa fria, impessoal. Ficou tudo bem mais fácil quando fomos jantar juntos. Eu condicionei o adendo ao contrato a alguns favores. O principal deles é que tu deveria ser contratado. E ficar aqui em São Paulo. Longe da Laura. Entendeu?"

Eu entendera. E pensava em erguer meu joelho com força e acertar o saco do desgraçado. Só que ele estava preparado para isso, com certeza, e nós iríamos brigar, eu iria apanhar, talvez o rim operado não gostasse disso e, o pior de tudo, ele provavelmente pegaria o gravador. Eu tinha que aguentar. Ele foi adiante:

"Espero nunca mais te ver. Se tu permanecer aqui em São Paulo, e nunca mais falar com ela, talvez tu continue com o teu empreguinho. Se não, pode esquecer. Vai pra rua. Vai voltar para a merda em que estava antes."

Sávio largou meus braços, me deu as costas e desceu. Eu esperei um pouco, peguei o gravador, voltei a fita um pouco e ouvi. Estava tudo gravado. E eu já sabia o que deveria fazer.

Não foi tão difícil. Depois de me ameaçar, Sávio grudou em Laura e, é claro, não permitiu que ela fosse buscar as suas roupas no meu apartamento. Mas Laura tinha um celular. Eu teria que agir naquela noite. Voltei para o meu apartamento, pensei bem no que iria dizer e liguei pelas dez e meia. Quando ela atendeu, eu disse:

"Se o Sávio está perto, desliga e diz que foi engano."

Ela desligou.

Voltei a telefonar meia-hora depois. Disse a mesma coisa.

"Ele tá no banho", disse Laura. Eu pedi:

"Escuta isso". Reproduzi meu diálogo com Sávio. Quando terminou, eu disse:

"Esse cara é perigoso, Laura. Quem é esse novo psiquiatra?"

"Não sei. O Sávio marcou a consulta."

"Não toma nenhum remédio."

"Não aguento mais. Não volto pra Porto Alegre. Vou me separar do Sávio."

"Onde tu tá?"

"Num hotel. Mas vou sair agora mesmo. Tô indo praí."

"Não. Ele deve ter colocado alguém vigiando meu apartamento."

"Vamos nos encontrar em algum lugar."

"Onde?"

"No aeroporto. Congonhas. É perto daqui."

"Laura, eu não sei..."

"Tem que ser agora. Ele vai sair do banho. Nos vemos lá em dez minutos. Balcão da Ponte Aérea."

E desligou. Eu tinha que decidir. Sabia que não tinha tempo para pensar. Ainda bem. Eu passara a vida inteira pensando e só fizera besteira. Em vez de pegar um táxi na portaria do edifício, corri algumas quadras. Aparentemente, não havia ninguém me seguindo. Chamei um táxi e fomos para o aeroporto. Laura já estava me esperando no balcão, tensa, nervosa, mas com dois bilhetes na

mão. Como bagagem, levava apenas a sacola do computador portátil. Embarcamos para o Rio. Do Santos Dumont, fomos de ônibus até o Galeão. À meia-noite, havia um voo para Lisboa. Laura tentou comprar as passagens com o seu cartão de crédito, mas estava bloqueado. Sávio já estava agindo. Usei o meu, que eu recebera mesmo sem pedir, uma semana antes. Embarcamos. O avião levantou. As luzes do Rio deviam estar bonitas na janela, mas não olhamos para elas. Quando as luzes da cabine se apagaram, beijamo-nos por algumas centenas de quilômetros.

Chegamos a Lisboa no meio da manhã. Um táxi nos levou até a rodoviária. De lá, seguimos para a cidade do Porto, onde Laura conhecera, numa sessão de autógrafos, um ano antes, uma escritora chamada Marialva da Cruz. "Não podemos ficar em hotel", disse Laura. "O Sávio vai descobrir que viemos pra cá e checar os registros. Mas ele nem sabe da existência da Marialva."

A casa da escritora, num bairro residencial, tinha uma vista linda para o rio Douro. Ela ficou surpresa com a visita. Tomamos chá e comemos nossos primeiros pastéis de Santa Clara. Laura pediu que eu desse uma volta, porque queria falar a sós com a amiga. Caminhei um pouco nas redondezas, depois sentei e fiquei observando o rio e suas margens. Quando voltei, estava tudo decidido: Marialva entregara para Laura as chaves de uma pequena chácara em Santa Maria da Feira, cidadezinha medieval a cento e poucos quilômetros do Porto, onde costumava morar sua mãe, que falecera há seis meses. Marialva e seu marido ainda não tinham decidido o que fazer com a casa, de modo que seria até um favor se ficássemos ali por alguns dias, verificando se estava tudo em ordem. Laura pediu que Marialva alugasse um carro para nós, o que ela fez com um telefonema.

Às duas da tarde estávamos na estrada. Pouco antes das cinco, encontramos a chácara: uma casinha branca, nos fundos de um terreno cheio de árvores e flores. A casa estava cheia de pó, a lareira, cheia de cinzas e o jardim, sujo e descuidado. Mas estávamos sozinhos e em segurança, pela primeira vez desde a noite em que Laura me procurara, meses atrás, para fazer uma pesquisa sobre prostitutas, fazendo seus tornozelos desfilarem sobre meu pobre e desbotado carpete, entregue sem pena para o Mensageiro da Caridade.

Por dois dias fomos felizes, na medida do possível. O sexo continuava difícil. Conversávamos muito, quase sempre na cama, nus, de mãos dadas. Achávamos que as coisas se ajeitariam naturalmente. Também passeávamos pelas redondezas. Compramos roupas. No terceiro dia, o isolamento já estava nos oprimindo. Ligamos para a amiga de Laura e pedimos licença para ligar o computador na internet, usando a linha telefônica. Ela disse que não havia problema. Usei um provedor que anunciava no jornal local. Foi fácil. Difícil foi decidir o que poderíamos ou não fazer na rede, de modo a impedir que nos achassem. Era óbvio que não poderíamos consultar normalmente nossas caixas de correio eletrônico. Desconfiávamos que Sávio estava pronto para aproveitar qualquer descuido.

Decidimos que, da casa, poderíamos acessar qualquer site, inclusive os brasileiros, desde que não fornecêssemos qualquer dado pessoal nem abrissemos as caixas de correio. Para estas, pensamos num esquema especial. Como Sávio, com toda certeza, já sabia que tínhamos embarcado para Portugal, não tinha sentido esconder essa informação. O que ele não podia saber é que estávamos em Santa Maria da Feira. Assim, fomos de carro até a cidade do Porto e encontramos um café com internet bem confortável. Usamos óculos escuros, entramos separadamente e sentamos longe um do outro. Não nos falamos. Parecia uma brincadeira de espionagem, um suspense meio infantil, que até nos divertia.

Minha caixa de correio tinha 154 mensagens. Primeiro apaguei todas as que me propunham sexo selvagem com pré-adolescentes russas ou que prometiam aumentar meu pau alguns centímetros com um método absolutamente natural. Restavam umas quarenta. Trinta e nove eram bobagens. Apenas uma interessava: era de Dorneles, da Tempo. Ele perguntava o que tinha acontecido e dizia que eu precisava voltar urgentemente para o trabalho. O mais importante, porém, era a última frase: "Seja lá o que for que esse imbecil do Sávio te disse, ignora." Não respondi imediatamente. Esperei que Laura terminasse de ler suas mensagens. Saímos do café, separados, e nos encontramos no carro. Falei para ela da mensagem de Dorneles. Ela, depois de pensar por algum tempo, disse que estava cansada de brincar de esconder. Pouco depois estávamos sentados num bar nas margens do rio. Pedimos vinho. Era um lugar muito agradável: ao mesmo tempo fresco e ensolarado. Depois do primeiro cálice, ela parecia estranhamente forte e decidida:

"Acabou uma fase da minha vida. Não sei se tu vai acreditar, provavelmente não, mas agora acabou mesmo. Ele tá me ameaçando, disse que vai ficar com a guarda dos nossos filhos e outras coisas ridículas. Desconfio que ele pode me roubar, e roubar muito. Quer saber? Não ligo a mínima. Se os meus filhos quiserem ficar com o

Sávio, azar o deles. Já são grandinhos pra decidir. E eu também. Vou me divorciar.”

Eu acreditei. Já tinha acreditado antes, mas nunca num lugar tão bonito, tomando um vinho tão bom e demonstrando minha fé com um tão longo e saboroso beijo. Quando nossas bocas se separaram, ela completou:

“Vamos voltar. Tu tem teu emprego, e eu tenho que tocar a minha vida. Posso ficar no teu apartamento em São Paulo por um tempo?”

“Claro.”

“É possível que o Sávio volte a te ameaçar.”

“Não tenho medo.”

Ficamos em silêncio por algum tempo, só tomando vinho e sentindo a brisa que vinha do rio. Quando o vinho acabou, Laura perguntou:

“Quer responder pro Dorneles?”

“Quero.”

“Eu também tô pensando em duas ou três frases pra digitar pro meu ex-marido.”

Voltamos ao café, desta vez sem óculos escuros. Sentamos lado a lado, mas respondemos sem olhar para a tela um do outro. No carro, de volta para Santa Maria da Feira, ficamos o tempo todo de mãos dadas. Quando eu tinha que trocar de marcha, fazia o movimento do modo mais rápido possível, de modo a não perder o contato com a mão de Laura. Talvez, inconscientemente, eu estivesse querendo mantê-la presa à promessa do divórcio e à opção por uma nova vida, ao meu lado. O sabujo, mais uma vez, acreditava que tinha farejado a felicidade e não queria que ela desaparecesse numa curva mais fechada da limpa e monótona estrada portuguesa.

À noite, depois de alguns telefonemas, conseguimos lugar num vôo que saía dali a dois dias. Fazia frio, de modo que fizemos fogo na lareira e abrimos um vinho. Estávamos excitados pela decisão de enfrentar o mundo real outra vez, depois da brincadeira de esconde-esconde internacional. Contudo, não falamos sobre o que poderia acontecer. Bebemos, nos beijamos, tiramos nossas roupas e tentamos transar. Mais uma vez nos frustramos. Eu oscilava entre a ejaculação precoce e o pavor da perda da ereção. Ela tentava fazer de conta que estava tudo bem, sem qualquer sucesso. Tentamos nos masturbar mutuamente, o que também foi penoso e se prolongou por tanto tempo que o fogo na lareira apagou. Sabíamos que alguma coisa estava errada, só que nenhum dos dois sabia como enfrentar a situação. Dei um jeito no fogo, mas a essa altura Laura já tinha se vestido. Nossa penúltima noite em Portugal estava acabando como todas as outras. E não pela primeira vez desconfiei que talvez nunca conseguíssemos fazer com que acabassem melhor. Que futuro poderia ter um casal de apaixonados que não consegue trepar decentemente?

Eu estava meio bêbado, meio tonto. Disse para Laura que era melhor irmos dormir. Ela me beijou com ternura e disse que ainda era muito cedo, nem dez ainda, e que ficaria lendo os jornais na internet. Deitei. Pensava: do quê eu tinha medo? Aquela era a mulher que eu amava, e ela parecia me amar também. Mesmo que, de volta ao Brasil, ela desistisse de tudo e voltasse para o marido e os filhos, eu ficaria com a lembrança de algumas horas de vida plena. Eu sabia que era uma questão de aproveitar aquele momento, de tirar tudo daquele exato instante em Santa Maria da Feira. Ou dos próximos vinte anos. Quem sabe? Ninguém. Então do que adianta ter medo? Do que adianta vislumbrar a vida três dias à frente e ficar apavorado com isso? Aquele ritual de autoflagelação noturno era meu velho conhecido e já perdera boa parte de sua dramaticidade. Eu sabia que, dali a alguns minutos, o sono viria, e no dia seguinte nós fingiríamos que estava tudo bem, que seríamos felizes em breve. Dormi.

A luz de cabeceira acendeu e eu vi o rosto de Laura. Depois um pedaço de papel na sua mão.

"Eu tenho que te perguntar uma coisa", disse Laura.

"Eu te amo", respondi. "Não sei o que está acontecendo, mas pode ter certeza que..."

"Pensei em ligar para esse número", cortou Laura.

Mostrou uma sequência de números anotada no papel.

"Esse número é de quem?"

"De uma prostituta."

Laura ficou olhando para mim, e eu estava tão confuso que só conseguia ler os números do papel sem parar, como numa reza maluca. Ela continuou:

"Estou há duas horas tentando escrever alguma coisa. Quero escrever, Frederico. Quero continuar aquele romance, ou escrever mais alguns contos sobre prostitutas. Quero me sentir produtiva. Se não conseguir fazer isso logo vou enlouquecer. Não consigo escrever nada. Duas horas e nenhuma linha. Ano passado, em duas horas escrevi três livros infantis. Peguei esse número na internet. É de uma agência de acompanhantes. De garotas de programa. Custam trezentos euros. Eles garantem que são as melhores de Portugal. Atendem 24 horas e podem fazer pequenas viagens. Eu quero falar com uma prostituta, Frederico. Acho que seria importante pra mim... Tenho certeza que seria importante pra mim! Ela não poderia vir hoje à noite, já é tarde, mas temos todo o dia de amanhã. Posso ligar?"

"Não é uma boa ideia."

"Por quê?"

"Eu sei o que vai acontecer."

"O quê vai acontecer?"

"Ela vai pegar o teu dinheiro o mais rápido possível e cair fora."

"Como tu sabe? Leu em algum lugar?"

Fiquei quieto. Ela insistiu:

"Tá na hora de de enfrentar a vida real, Frederico. Nem eu nem tu sabemos como é uma prostituta."

"Eu sei."

"Sabe nada. Nunca esteve com uma. Eu vou ligar."

"Melhor não."

"Tá com medo?"

Fiquei quieto. Ela começou a ligar. Eu disse:

"Eu já estive com uma prostituta."

Ela parou de discar.

"Não foi isso que tu me disse quando eu perguntei, lá no teu apartamento."

"Na época, era verdade."

"Quer dizer que andou fazendo uma pesquisa de campo há pouco tempo."

"Isso mesmo."

Ela estava ficando nervosa. Sua voz já não tinha a mesma segurança:

"E eu não tenho direito a um relatório?"

"Não. Eu paguei a conta."

"Quanto foi?"

"Duzentos reais, contando o táxi."

"Eu pago agora."

"Laura, para com isso."

"Pensei que a gente não tinha segredos."

"Não temos."

"Então me conta. Como foi?"

"Foi horrível."

"Por quê?"

"Prefiro não falar a respeito."

"Não estou com ciúmes, Frederico. Sei que não tenho esse direito. Estou curiosa."

"Se eu contar tudo, promete não ligar?"

Ela pensou um pouco. Então disse:

"Prometo que só ligo com a tua aprovação."

"Tudo bem. Ela disse que se chamava Regina..."

Contei tudo, com todos os detalhes que pude lembrar. Contei não só os fatos - o que aconteceu antes, durante e logo depois do meu encontro com Regina no motel Dallas - como também os meus sentimentos em cada etapa do processo. No início, Laura ouvia sem interromper, fazendo apenas perguntas que buscavam esclarecer

pontos obscuros e buscar mais detalhes sempre que eu tentava simplificar um pouco as coisas, de modo a tornar os acontecimentos um pouco menos constrangedores para mim. Mas depois ela exigiu que eu contasse sobre o sexo - ou a falta dele -, sobre como eu falhara no momento decisivo, sobre como eu masturbara a garota, sobre como ela fingira que estava excitada. Quando terminei, os olhos de Laura, estranhamente, brilhavam de excitação. Ela até parecia feliz.

"Meu amor", disse, "isso não prova que todas as prostitutas são desprezíveis. Talvez tenha sido azar."

"É verdade."

"E tu também estava nervoso..."

"Sem dúvida."

Ela sorriu. Eu não conseguia entender porquê. Ela me beijou e disse:

"Acho que estou começando a entender algumas coisas sobre nós, Frederico. Só começando, claro. Mas já é alguma coisa."

"O que tu entendeu, por exemplo?"

"Que nós não vamos conseguir transar direito enquanto tivermos medo um do outro."

"Eu não tenho medo. Eu te amo."

"Mas tem medo de não me fazer feliz, de não me satisfazer, de não me fazer gozar. E eu, claro, tenho medo de me entregar completamente, e por isso não consigo te ajudar. Então a gente finge que está tudo bem, fica cada um com seus problemas secretos, e espera que eles se resolvam sozinhos. E eles não se resolvem. Nós temos que fazer alguma coisa."

"Tu descobriu isso tudo só porque tive uma tarde horrorosa com uma prostituta?"

"Não. Porque tu me falou coisas sobre sexo que nunca tinha me falado antes."

Percebi que ela estava certa. Eu falara sobre coisas que jamais pensara em revelar a ninguém. Então ela pediu:

"Frederico, eu gostaria muito, muito mesmo, de ligar para esse serviço de acompanhantes. Deixa eu ligar?"

O brilho nos olhos de Laura era tão intenso, e ela estava tão determinada, que cedi:

"Deixo."

E Laura ligou.

Ela chegou às onze da manhã, de táxi, que nos custaria cento e noventa euros, ida e volta até a cidade do Porto. O cachê, originalmente quatrocentos euros, foi negociado por Laura até ficar em trezentos e cinquenta. Sabíamos, portanto, qual seria a nossa despesa. Também sabíamos que o nome dela era Maria Letícia. Achei estranho, não parecia nome de prostituta. Laura achou normal. Na verdade, tinha escolhido outra garota na página do serviço na internet. Chamava-se Luana, uma loira grande de olhos azuis e seios monumentais. A atendente a convencera a mudar porque Maria Letícia era especializada em casais e muito mais carinhosa. Luana era do tipo selvagem, especialista em sexo anal. A atendente, contudo, não disse uma coisa importante, que ficou evidente assim que Maria Letícia, uma moreninha de pernas curtas, mas bonitas, vestido colado ao corpo, grande bolsa de couro a tiracolo, botas de saltos altos e olhos incrivelmente verdes, disse "Bom dia", com sotaque nordestino: ela era tão brasileira quanto nós. Talvez mais.

Não precisamos dizer para Maria Letícia ficar à vontade, pois ela ficou à vontade assim que o táxi foi embora. Advertiu, sempre sorrindo, que ele voltaria às cinco da tarde. Isso pareceu a Laura uma deixa para efetuar o pagamento. Maria Letícia conferiu as notas (examinou algumas contra o sol) e guardou o envelope com o dinheiro na bolsa. Olhou para a casa e disse que era uma gracinha. Laura convidou-a para entrar. Sentamos na sala. A conversa enveredou rápido para o óbvio: há quanto tempo ela estava na Europa (três meses em Madri, um mês em Barcelona, duas semanas na cidade do Porto), se estava gostando ("Adorando. Não trabalho mais em Recife nem morta."), se o verde dos olhos era herança de algum antepassado holandês ("Não. É lente de contato mesmo. Também tenho azuis, de dois tons diferentes. Comprei pela internet, são baratas e têm um ano de garantia."), se era comum ela atender brasileiros ("Não muito. Antes de vocês, só um japonês paulista, em Barcelona, que estava com saudades da esposa baiana.").

Maria Letícia não fez qualquer pergunta, mas Laura disse nossos nomes verdadeiros e que estávamos voltando para o Brasil no dia seguinte. Tínhamos decidido solicitar o serviço porque desejávamos variar um pouco. Fiquei um pouco decepcionado com a explicação de Laura; como ficcionista, ela poderia ter se esforçado mais. "Variar um pouco" me pareceu uma forma delicada de revelar a verdade: que sexualmente nada estava dando certo entre nós. Fui até a cozinha e abri um champanhe. Duas garrafas estavam gelando desde cedo. Quando coloquei a garrafa no balde de gelo, notei que minhas mãos estavam tremendo. Voltei para a sala e servi as duas, que conversavam sobre o sucesso de uma novela brasileira em Portugal. Maria Letícia tomou um gole, elogiou o champanhe e disse que tinha nos achado muito simpáticos. Laura disse que ela também era simpática e perguntou:

"Pelo telefone, a moça do serviço disse que a tua especialidade era atender casais. É verdade?"

Maria Letícia sorriu e respondeu:

"A gente tem que ser especialista em tudo nessa vida, não é não? Tem meninas por aí que são cheias de frescuras: não quero isso, não quero aquilo, não faço tal coisa. Eu, quando decidi trabalhar nesse tipo de serviço, decidi que só não queria essas coisas de sadomasoquismo. Não gosto de bater, muito menos de apanhar. Apanhar, já apanhei bastante, lá em Recife."

Laura não perdeu a deixa:

"Tu apanhava de quem? Do teu pai?"

Maria Letícia deu uma risada curta e cheia de vida.

"Do meu pai? Coitado do meu pai. Esse apanhava da mulher dele. Desde que mamãe morreu, ele só se deu mal. Eu apanhei da vida mesmo. Mas não me queixo. A gente aprende até com as coisas ruins que vão acontecendo. Só não quero encher vocês com a história da minha vida. Vocês querem é se divertir, não é não?"

"Nós temos tempo", disse Laura. "Eu adoraria ouvir a tua história."

A pequena Maria Letícia sorriu. Era óbvio que gostava de uma plateia. E então contou sua história, só parando às vezes para beber:

"Em Recife, eu trabalhava de secretária de um médico, consultório muito fino, cheio de madames e de senhores de engenho. Comecei com quinze anos. Quando o último cliente saía, o doutor me chamava e tentava me comer. Me dava presentes, prometia aumentar meu salário, que era uma mixaria. O velho era ladino, era esperto. No dia do meu aniversário de dezesseis anos, me deu um colar lindo, dourado, cheio de pedras coloridas. Achei que era uma jóia caríssima. Nesse dia deixei ele beijar meus peitos. No dia seguinte descobri que era bijuteria. Fiquei tão braba que pedi demissão. Ele chorou como uma criança, talvez gostasse mesmo de mim. Eu disse que era moça honesta, que era virgem, mas que não era boba. Saí, batendo a porta com toda a força. Depois até fiquei com pena dele, porque não era virgem nem nada. Tava no segundo namorado e já fazia quase tudo que faço hoje. Fiquei desempregada um tempo, só vadiando. Aí meu pai morreu de repente, e minha madrasta disse que eu tinha que cuidar da minha vida e da vida do meu irmão de nove anos. O que eu podia fazer? Voltei no consultório e disse que estava disposta a colaborar, mas queria o dobro do salário de antes. O doutor disse que era impossível, mas ele me dava duzentos reais pra dormir comigo. Topei. Achava que duzentos reais era uma fortuna. Depois o doutor me apresentou um outro médico, que pagou trezentos, e assim foi indo. Logo eu

conheci a Tia Helena, que tinha um serviço de acompanhantes para executivos, com *site* e tudo, e virei profissional. Uma colega, que tinha ido pra Europa, voltou cheia da grana e me deu umas dicas bacanas. Combinei tudo pela internet. Me mandaram as passagens. Trabalho quase todos os dias. Ainda vou pra Itália. Depois volto pro Brasil e vou com meu irmão pro Rio. Quero muito subir no Corcovado com ele. Acho lindo, aquele Cristo de braços abertos. Aposto que ele vai adorar. E depois volto pra cá. Dizem que eu vou fazer muito sucesso na Escandinávia."

Laura estava deliciada com o relato de Maria Letícia e era visível que estava se segurando para fazer milhares de perguntas. Enchi o copo de Maria Letícia. Ela sorriu pra mim, de um jeito erótico e doce ao mesmo tempo. Era uma puta muito diferente de Regina. O problema é que eu continuava sendo eu mesmo.

"Onde é o banheiro?", perguntou Maria Letícia.

Assim que ela entrou no banheiro, levando sua grande bolsa de couro, Laura sorriu e perguntou:

"Tudo bem, Frederico?"

Ela percebera minha ansiedade crescendo. Eu nem tentei disfarçar:

"O que acontece agora?"

"Não sei. Espero que seja alguma coisa boa."

"Espero que tu saiba o que nós estamos fazendo."

"Frederico, por favor, aproveita o momento. Não fica pensando bobagem."

"Não vai dar certo. Estou com dor nas costas."

"Quer que ela vá embora?"

"Quero."

Laura ficou séria. E triste. E decepcionada. E eu senti que poderia perdê-la mais uma vez. Então eu disse:

"Eu te amo."

Laura olhou para o lado. Eu continuei:

"Não quero te perder, Laura."

Laura me encarou outra vez. Estava furiosa:

"Então, pelo amor de Deus, esquece essa dor nas costas. Seja homem, Frederico!"

"O que tu quer afinal das costas? Quer transar com ela? Não sabia que tu gostava de mulher. Ou quer que eu transe com ela na tua frente? É isso? Ou é alguma outra fantasia secreta?"

Laura perdeu a paciência:

"Vou mandar ela embora."

"Não."

Maria Letícia saiu do banheiro vestindo um pequeno *baby-doll* preto. Se ouvira a discussão, fez de conta que não tinha ouvido. Apontou para o aparelho de som:

"Funciona?", perguntou. "Eu adoro dançar."

"Não temos muitas opções", respondeu Laura.

"Não faz mal."

Laura, com a cara amarrada, colocou o único CD disponível, uma coletânea de velhos sucessos de *disco-music*, provavelmente esquecido na casa pela escritora Marialva numa visita à mãe. A primeira música era *I love the nightlife*. Assim que começou, Maria Letícia abriu um enorme sorriso, disse "Adoro essa música" e começou a dançar com Laura. Depois me puxou pela mão e me fez dançar com elas. Sorria sem parar. Dava pequenas piruetas, que faziam o *baby-doll* rodar acima da cintura. Usava uma calcinha preta bem pequena. Buscou os copos e nos fez tomar mais champanhe. Apagou a luz. A sala ficou na penumbra. Não era nem meio dia. Continuamos bebendo. Abri outro champanhe. Descia como água.

Numa progressão sutil, mas decidida, Maria Letícia começou a dançar cada vez mais próxima de mim e de Laura, provocando pequenos contatos com suas mãos e depois com o seu corpo. Tive que ir ao banheiro. Quando voltei, Maria Letícia estava atrás de Laura, e as duas dançavam abraçadas, com os rostos muito próximos. Laura, de olhos fechados, se deixava levar por Maria Letícia no ritmo de *Got to be real*. Sentei, com a intenção de admirá-las, mas Maria Letícia me puxou, incluindo-me no abraço. Estávamos completamente bêbados. Então tocou *I feel good*, de James Brown, o que me pareceu o sinal definitivo de que as coisas, afinal das contas, poderiam dar certo.

Eu estava certo. Não vou descrever a cena com detalhes. O importante é que tanto eu quanto Laura fomos levados, pela mão segura e profissional de Maria Letícia, a um pequeno passeio por um bosque que nunca tínhamos visitado. Acho que, pela primeira vez na vida, ultrapassei sem medo e sem culpa algumas fronteiras cuidadosamente estabelecidas pela religião e pela moral, de modo

que o passeio, além de ser muito divertido, em nenhum momento pareceu ser pecaminoso ou inadequado. Começamos na sala e depois fomos para o quarto. Sem os medos que tanto nos prejudicavam, Laura e eu conseguimos, finalmente, aproveitar sensualmente um ao outro. Maria Letícia foi a antítese absoluta de Regina; se estava fingindo, deveria ser contratada por um grande estúdio de Hollywood. Seus movimentos, o brilho de seus olhos, suas pequenas falas e murmúrios pareciam naturais; no entanto, seus comandos, às vezes desconcertantes, tinham uma dose de autoridade e de sabedoria que deixavam transparente sua função e evidenciavam que ali estava uma prostituta, uma profissional, e que nós éramos seus clientes. Não precisávamos decidir o que fazer. Ela estava ali para isso. Nós só tínhamos que desfrutar aquele momento.

Quando terminamos, ela estava tão suada quanto nós. Passou o dedo sobre a cicatriz da minha operação. Eu expliquei o que tinha acontecido. Ela perguntou se eu ainda sentia alguma dor. Lembrei que não sentira nada. Pedi para tomar um banho. Eu e Laura ficamos nos olhando e sorrindo, alegres espiritualmente, extenuados fisicamente, incapazes de conversar sobre o que tinha acontecido. Abraçamo-nos, beijamo-nos, e o mundo, que parecia ser tão imenso, tão difícil e complicado, agora parecia caber inteirinho naquele pequeno quarto da pequena cidade de Santa Maria da Feira.

"Estou escrevendo umas histórias sobre prostitutas", disse Laura para Maria Letícia, quando a prostituta saiu do banho.

"Você é escritora?"

"Já fiz alguns livros pra crianças. Agora quero escrever para adultos."

"Legal."

"Será que você se importaria de ler um ou dois contos? Seria muito importante pra mim."

"Não sou de ler muito."

Laura tentou esconder a sua decepção.

"Claro. Eu entendo..."

"Esse último do Paulo Coelho, por exemplo", cortou Maria Letícia. "Não gostei. Ele é melhor quando faz aquelas histórias sobre magia, sobre o destino da gente."

Laura abriu um grande sorriso.

"O que mais você gosta?"

"Gosto de coisas bem românticas, e não muito longas. Não tenho muito tempo." Maria Letícia olhou para o relógio de pulso com naturalidade. "Mas hoje até tenho bastante. Deixa eu ver as histórias, Laura."

"Quer mesmo?"

"Quero."

Laura olhou para mim. Estava ansiosa, mas feliz. Abriu o *notebook* e puxou uma cadeira para Maria Letícia.

"Não são muito longos", assegurou Laura.

Maria Letícia começou a ler. Não contive minha curiosidade e espiei o que Laura selecionara. Primeiro a história de Frineia, depois as aventuras do putanheiro paulista. Maria Letícia deu alguns pequenos sorrisos durante a leitura, que durou quase uma hora. Ela parecia avançar com alguma dificuldade. Terminou e olhou para Laura.

"Tem mais?"

"Tem. Mas o Frederico acha muito ruins."

Maria Letícia olhou para mim.

"Por que são ruins?"

Fiz um gesto de quem não sabia. Maria Letícia insistiu:

"Eu gostei."

"Também gosto desses dois contos", expliquei.

"Essa Frineia existiu de verdade?"

"Parece que sim", respondi.

"Então eu gostaria de viver no tempo dela."

Laura serviu mais champanhe para todos. Disse:

"Eu também. O mundo era menos complicado."

"Vocês me chamaram aqui pra transar, ou para que eu lesse as histórias?"

"As duas coisas", respondeu Laura.

"Então vou cobrar em dobro..."

Uma risada logo nos tranquilizou: ela estava brincando.

"Eu sei de uma história bem barra pesada de garotas de programa brasileiras aqui em Portugal. Quando penso que poderia ter acontecido comigo..."

"Qual é a história?", perguntou Laura.

"Oito garotas do interior de São Paulo vieram juntas pra Lisboa, com a passagem paga por um sujeito que elas conheceram pela Internet. O cara levou elas pruma casa grande, de muros bem altos, recolheu os passaportes, falando que ia regularizar a situação, e disse que elas pagariam o dinheiro das passagens com os programas. Só que elas também tinham que pagar outras coisas, como a comida, e aí não sobrava nada. Elas viraram umas escravas desse sujeito, trepando da manhã à noite. Há uma semana atrás, uma delas conseguiu fugir e chamou a polícia. Eles entraram no bordel numa noite e prenderam todo mundo: as meninas brasileiras, o filho da puta português, os clientes que estavam lá... Pra completar, ainda acharam maconha e cocaína no lugar. Foi o maior fuzuê."

"E o que aconteceu depois?", perguntou Laura.

"Sei lá. Isso foi há uma semana. Não vi mais nada na TV. Deve estar todo mundo preso."

"É uma boa história", observei.

"Mas é tão diferente das que eu escrevi...", comparou Laura. "É uma tragédia e..."

"Acontece todos os dias por aí", cortou Maria Letícia. "A gente tem que se cuidar." Tomou um grande gole de champanhe. "Mas acho que tem bandido em toda profissão, é ou não é? Tem médico bom e médico ruim, professor bacana e professor horrível, advogado que quer ajudar e advogado que quer tirar todo o seu dinheiro e não tá nem aí para o que acontece com você. As meninas de São Paulo tiveram azar, se meteram com gente do mal. Eu tive mais sorte. Sempre rezo pra São Francisco, que é o meu padroeiro, pra não encontrar um cliente maluco na minha vida. É que nem você escreveu naquele conto da Grécia. Alguns caras pagam e acham que são teus donos. Acham que a gente não é gente, que é uma coisa. Eles não sabem o que a gente é."

A pergunta de Laura era inevitável:

"E o que vocês são?"

"Somos gente. Gente comum. Pelo menos eu sou. Ganho a vida com a minha profissão, que me faz trepar com quem me paga pra isso. Mas eu sou livre, não sou escrava de ninguém. Não tem a palavra puta escrita na minha testa. Eu vendo sexo pra viver, e acho isso melhor que muita coisa que eu vejo por aí. É melhor que trabalhar em fábrica. É ou não é? Ficar o dia inteiro montando essas coisas eletrônicas, com uma roupa ridícula e uma boina horrorosa na cabeça. Ou ficar embalando coxa de galinha num matadouro, como uma amiga minha lá do Recife me contou outro dia. Ela queria largar a profissão e entrou nesse lugar. Aguentou só dois dias. No terceiro, tava fazendo programa. Eu não entro em fábrica nem morta. E também não quero mais ser secretária, com um chefe querendo me comer e tentando me enganar com bijuteria. Agora eu até conheço a Europa. E ganhei tudo honestamente, vendendo meu corpo, que é a coisa mais minha que existe. Um dia eu paro. Mas aí vou ter algum dinheirinho guardado. Quero encontrar um homem que goste de mim. Quero casar, ter dois filhos. Tô pensando em ser professora, gosto muito de criança."

Laura aproveitou uma pequena pausa na fala de Maria Letícia:

"O que você achou da história do Chinês, aquela do cara que sai com um primo e um fazendeiro do interior de São Paulo?"

"Achei engraçada. Mas não conheço esses lugares. Sempre trabalhei em motel, hotel, casa na praia, essas coisas. O que eu mais gostei do conto é que o cara é muito duro. Já conheci uns sujeitos assim, que fazem um sacrifício danado pra arrumar o

dinheiro do programa. Acho que são meio viciados em sexo. Às vezes até dá pena.”

Maria Letícia terminou a sua taça de champanhe e sorriu.

“Já peguei um cliente que só queria ficar lambendo meus pés, que nem na tua história. Mas eu não parava de rir. Ele ficou furioso, disse que ia embora sem pagar. Aí eu tive que aguentar firme, pensava em coisas bem tristes. Cada um com sua doença, é ou não é? O que as pessoas não entendem é que uma puta faz exatamente o mesmo que todo mundo: trabalha pra viver. A gente se vira. O resto é folclore.”

Liguei para a Dra. Verônica assim que chegamos em São Paulo. Ela disse que Bóris estava bem. Ficou feliz quando anunciei que em breve estaria lá para resgatá-lo. Não poderíamos ficar naquele apartamento, claro. Durante o voo, eu e Laura havíamos combinado várias coisas. Entre elas, procurar uma casinha pequena, com um pátio, não muito longe da editora. A outra decisão era mais importante ainda. Laura ligou para uma amiga advogada e perguntou se ela poderia indicar alguém para acompanhar o processo de divórcio. Em menos de meia-hora, Laura estava falando com um certo Dr. Tibério. Foi uma longa conversa. O advogado deu vários conselhos e garantiu que tinha meios para impedir novas investidas de Sávio. Laura teria que assinar uns papéis e formalizar algumas das acusações que fizera por telefone. Laura disse que assinaria tudo. O Dr. Tibério prometeu nos fazer uma visita em breve. Quando Dorneles disse que o trabalho na enciclopédia estava muito atrasado e por isso eu teria uma mesa maior e um computador mais poderoso, tive a sensação de que a minha vida tomava um rumo.

Estabelecemos uma rotina. Eu trabalhava na Tempo; Laura escrevia o dia todo, com um entusiasmo juvenil. Eram mais contos sobre prostitutas, que ela não me mostrava. À noite, líamos os classificados, à procura da nossa casa. Num sábado de manhã, fomos conferir um sobradinho na Vila Madalena. Simpático. Um pouco sujo e precisando de algumas reformas. Mas tinha um quintal nos fundos e aluguel bem razoável. Transamos na sala vazia, com a janela perigosamente aberta. Tivemos alguns dias de felicidade. Nem as várias surpresas desagradáveis preparadas por Sávio nos abalavam. Ele cancelara todos os cartões de crédito de Laura, fizera muitas transferências bancárias e inventara mentiras para justificar essas ações. Laura teve que contratar outro advogado, um amigo do Dr. Tibério, o Dr. Vargas, para tentar impedir que o ex-marido roubasse todo o seu dinheiro. Tudo isso, contudo, parecia ser pouco importante, se comparado ao que sentíamos quando estávamos juntos.

Duas semanas depois da nossa volta, recebemos a visita dos dois advogados. Durante a conversa, eles tentaram passar confiança e otimismo para Laura. Mas a situação não era nada agradável: Sávio conseguira desaparecer com noventa por cento do dinheiro da família. Provavelmente comprara ouro ou dólares e escondera tudo. Tinham certeza que não estava em banco. Para recuperar, só com uma operação de guerra. Sávio contratara um bom advogado, que não estava facilitando as coisas; pelo contrário: dizia que Laura, além de ser adúltera, abandonara os filhos e fugira para o exterior "num momento delicado para os negócios". Segundo o Dr. Vargas, Sávio em breve pediria a falência das academias e acusaria Laura de ser a responsável pelo seu insucesso empresarial. Assim, mesmo que fosse obrigado pela Justiça a devolver o dinheiro que roubara, não teria, teoricamente, patrimônio algum. Procedimento imoral e bastante utilizado nestes casos.

Quando os advogados saíram, ela disse, irritada:

“Nunca pensei que o Sávio pudesse se rebaixar a esse ponto.”

“Eu sempre pensei. O Bóris também”

Ela me beijou.

As reformas no sobrado duraram duas semanas. A mudança, se comparada à que eu enfrentara ao sair de Porto Alegre, foi muito tranquila. Pedi um adiantamento de dois meses do meu salário na Tempo para comprar uma cama decente e os móveis essenciais. A decoração ficou por conta de Laura. Com pouco dinheiro, não havia muito o que fazer: mandou pintar as paredes e substituir algumas tábuas do piso. Nos mudamos numa quinta-feira. Na sexta, decidimos trazer o Bóris. Laura não queria voltar a Porto Alegre, e eu não queria que ela ficasse sozinha na casa. Sábado de manhã, ela foi para um *apart-hotel*, e eu peguei um avião em Congonhas. Quando cheguei, fui direto do aeroporto para a clínica veterinária.

Por um momento, achei que Bóris tinha esquecido de mim, porque latia desesperadamente, babava e não parecia satisfeito com a minha chegada. A Dra. Verônica, contudo, sorrindo, disse que era só nervosismo e ansiedade. Quando abriu a porta, ele se acalmou. Eu o abracei demoradamente. Estava limpo e bem tratado. Contei para a veterinária que o levaria para São Paulo, e ela me explicou onde comprar uma caixa adequada para a viagem aérea. Também telefonou para um taxista habituado com o transporte de cachorros. Meu retorno estava marcado para as sete da noite. Com Bóris no táxi, comprei a caixa, uma estrutura de plástico rígido. Depois fomos até o nosso antigo bairro e demos um longo passeio. Ele fez xixi exatamente nas mesmas árvores. Parecia bem feliz. No final da tarde, o táxi nos levou ao aeroporto. Bóris latiu um pouco ao entrar na caixa, depois acalmou-se. Dormi um pouco no vôo. Acordei com o solavanco do trem de pouso na pista.

Liguei para Laura do aeroporto. Ela disse que estava entrando no banho e depois iria para casa. Pedi que ela esperasse meia hora antes de sair do *apart-hotel*. Assim, eu teria tempo de chegar em casa e verificar se estava tudo OK. Ela concordou.

Bóris comportou-se muito bem no táxi. Ficou deitado em sua grande caixa, sem latir. Talvez estivesse ficando mais maduro. Ou simplesmente descobrira que o som de seus latidos não chegavam nos outros carros.

Quando, na frente do sobrado, abri a porta da caixa, libertando-o, ele saiu rapidamente e olhou em volta, farejando. Coloquei a guia e abri a porta da casa. Entramos. Eu e Laura tínhamos combinado que Bóris ficaria no pátio traseiro, mas teria liberdade para circular pelo térreo. O segundo andar, contudo, permaneceria interditado para ele. Não queríamos um boxer babando em nosso quarto. Laura mandara colocar um portãozinho de madeira antes do primeiro degrau da escada. Levei Bóris na direção da porta dos fundos, para mostrar-lhe o quintal. No meio do caminho, ele estacou na frente do portãozinho e começou a farejar. Deu um latido. Puxei-o com força, arrastando-o até o quintal. Ele não queria sair. Tive que empurrá-lo para fora. Em vez de fazer um reconhecimento no quintal, permaneceu perto da porta, arranhando-a com as patas dianteiras. Pensei que ele queria simplesmente conhecer o interior da casa. Teríamos tempo para isso depois. Eu estava sujo e suado pelo esforço. Resolvi tomar banho. Subi a escada devagar, sentindo que as tábuas cediam a cada passo. Se permanecêssemos naquela casa, cedo ou tarde teríamos que fazer uma reforma de verdade. Entrei no quarto.

Sávio estava deitado na cama, com as costas apoiadas nos travesseiros. Sua mão direita empunhava um revólver. Ele sorriu para mim e apontou a arma em minha direção.

"Boa noite", disse. "Senta ali". E indicou a única cadeira do quarto. Eu sentei.

"Onde está Laura?", perguntou.

"Viajando", respondi.

"Tu não sabe mentir."

"Talvez eu aprenda contigo."

Sávio desviou um pouco a arma e atirou. Deve ter acertado a parede às minhas costas. Bóris começou a latir.

"Não estou brincando. Não vim aqui para fazer uma cena de ciúme. Não tenho mais esperança de que as coisas se resolvam na

conversa. Eu vim fazer uma última proposta para ti. É a tua chance de sair dessa vivo."

Fiquei quieto. Ouvimos um barulho forte no térreo.

"É bom que esse vira-lata não entre."

"Não tem perigo. Está no quintal."

"Ótimo. A minha proposta é simples: trezentos mil reais."

Fiquei quieto. Ele continuou:

"Seria uma compensação pelas tuas despesas nos últimos tempos com a minha esposa, mais um prêmio pela bem-sucedida estratégia de sedução. Sei que não é fácil. Deposito o dinheiro onde tu quiser, contanto que seja fora do Brasil. Tu desaparece e não volta mais. Se voltar, eu mando te matar."

Continuei quieto. Ele sorriu.

"Achei muito engraçado quando descobri que um detetive estava me seguindo. Meu advogado disse que ele procurava minhas amantes. Acho que nem tu, nem a Laura, entenderam uma coisa muito simples: eu sou um bom marido, eu amo a minha família, eu não tenho uma vida dupla. Nunca tive amantes. Sabe o que tenho feito nos últimos tempos? Voltei a frequentar a igreja. Vou à missa todo domingo. E rezo para que Laura volte para casa. Tu conhece a parábola do filho pródigo? É a minha preferida. Laura é minha esposa. Eu tenho o direito e o dever de lutar por ela. Esse desequilíbrio mental dela, que começou com essa ideia de escrever pornografia, pode ser tratado. Dois psiquiatras já me garantiram que há medicação para o caso. A medicina evolui muito nos últimos tempos. Tu consegue entender o que estou dizendo?"

Barulho de chave na porta da frente. Laura estava chegando. Sávio sorriu e disse, em voz baixa.

"Manda ela subir."

Permaneci calado. Ela apontou a arma e ameaçou.

"Manda ela subir, ou juro que mato vocês dois."

A voz de Laura, misturada com os latidos de Bóris:

"Frederico, cheguei!"

"Estou aqui em cima."

"Manda ela subir, porra!"

"Laura, sobe!"

"Eu quero ver o Bóris."

"Depois tu vê."

O ritmo dos latidos aumentou. Sávio disse:

"Chama ela! Agora!"

"Laura, sobe! Laura!"

Os latidos pararam. Sávio apontava a arma para mim. Alguns segundos de silêncio. Os latidos voltaram, misturados com a voz de Laura:

"Já volto, Bóris. Calma. Calma."

Passos na escada. Laura apareceu na porta do quarto.

"Boa noite, Laura", disse Sávio.

"O que tu tá fazendo aqui?", disse Laura, olhando para a arma. "Sai da minha casa."

"Acabo de fazer um acordo com ele. Resolvemos tudo, Laura. Nossa vida pode voltar ao que era antes. Vamos ficar juntos."

"Não temos mais uma vida juntos. Cada um tem a sua."

"Tem certeza?"

"Tenho."

"E a tua vida é com esse sujeito?"

"É."

"Nesse caso..."

Sávio apontou a arma para mim. Pulei para o lado. Ele atirou. Laura gritou. Senti o impacto da bala na minha perna e caí. Barulho forte de madeira quebrando. As tábuas da escada rangendo em rápida sucessão. Sávio aproximou-se de mim, com a arma apontada para minha cabeça. Laura estava entre nós. Sávio bateu com a arma no rosto de Laura, derrubando-a. Um vulto marrom ultrapassou a porta. Sávio virou-se e disparou. O vulto continuou sua trajetória. Depois pulou. Sávio perdeu o equilíbrio. Mais um tiro. Laura chorava. Bóris rosnava. Vi a arma no chão. Me arrastei e peguei-a. Apoiando os braços, consegui levantar meu tronco e olhar em volta. Bóris estava sobre o corpo de Sávio, com os olhos bem abertos, a boca escancarada e os dentes cravados na garganta esfacelada do filho da puta. Uma poça de sangue debaixo deles. Ainda percebi um leve tremor nas pernas de Sávio. Depois, ficou

imóvel. Laura me abraçou. Arrastei-me mais um pouco. Saía muito sangue da minha perna.

“Tu consegue chamar uma ambulância?”, perguntei.

“Consigo.”

“Meu celular está na sacola.”

Ela foi ligar. Eu toquei em Bóris. Ele não reagiu. Puxei com força. Ele rolou e caiu, mas não soltou a garganta de Sávio. Estava morto. Dois buracos no corpo. Sávio olhava para cima, com os olhos esbugalhados. O sangue continuava a sair da sua garganta. Não tive pena dele. Fiz um carinho no pelo de Bóris. Apaguei.

A capa era discreta. Sobre um fundo vermelho escuro, o título em cinza claro: "A divina prostituta e outras histórias." Em baixo, o nome da autora: Laura Fonseca. Na orelha da contracapa, uma pequena foto e a informação de que Laura escrevera dezenas de livros para crianças, e este era seu primeiro volume para adultos. Dorneles tentara convencê-la a continuar usando o nome Laura Pascoal, já que não adotaria um pseudônimo. Ela foi irredutível: não usaria mais o sobrenome do ex-marido. A divulgação do volume de contos também fora discreta. Discreta demais, via-se agora.

Laura estava no fundo da livraria, atrás de uma mesa pequena, com uma caneta na mão direita. Conversava com Dorneles. Desde que a sessão de autógrafos começara, quase uma hora atrás, tinha assinado onze livros. Outras pessoas haviam se aproximado e conversado com ela, até demonstrando intimidade; contudo, poucas compraram o livro e pediram autógrafo. A maioria afastara-se, aparentando decepção ou incredulidade. Os garçons já cansados de nos oferecer vinho e refrigerante, agora apenas esperavam a hora de encerrar o expediente e ir embora.

Mas Laura não parecia triste. Quando viu que eu olhava para ela, sorriu e me abanou. Abanei de volta. Dorneles fez um sinal para que eu me aproximasse. E lá fui eu, com minha técnica de pequenos saltos, desenvolvida nos últimos quatro meses. Então Dorneles disse, apontando para minhas muletas:

"Essas coisas te dão um charme todo especial."

"Gosta mesmo? Já sei o que vou te dar no Natal."

"Daqui a um ano, no máximo, estaremos aqui para lançar a enciclopédia."

"Talvez."

"Como, talvez?"

"Ainda faltam algumas centenas de verbetes."

"Bobagem. Já sabemos como fazer. Agora é só fazer."

Laura levantou-se e interrompeu a conversa:

"Acho que podemos ir jantar, Frederico." E para Dorneles: "Guarda o vinho para o lançamento da enciclopédia."

"Não. Vou guardar para o lançamento do teu romance."

"Que romance?", perguntei.

Laura não me falara de romance algum.

"A Laura me mostrou os dois primeiros capítulos ontem", disse Dorneles. "São muito bons."

Laura fez um carinho no meu rosto.

"Não faz essa cara, Frederico. Eu também vou te mostrar, juro."

Laura estava guardando a caneta quando uma garota aproximou-se com o livro na mão. Era Maria Letícia.

"Eu me atrasei, desculpe", disse ela, estendendo o livro para Laura. "Terminei de ler hoje à tarde. Adorei."

As duas mulheres abraçaram-se e beijaram-se. Beije Maria Letícia. Dorneles estendeu-lhe a mão.

"É uma amiga nossa", disse Laura. "Nos conhecemos em Portugal."

Maria Letícia apertou a mão de Dorneles.

"Prazer. Eu sou Sônia", disse Maria Letícia, com seu pesado sotaque nordestino. "Soninha, para os amigos."

"Júlio. Julinho", disse Dorneles, nitidamente interessado na recém-chegada.

Laura começou a escrever a dedicatória para Maria Letícia. Um menino de uns oito anos, de mãos dadas com uma mulher, aproximou-se, apontou para Laura e disse:

"Eu não disse, mãe? É a Tia Laura."

Laura sorriu, meio sem jeito.

"Desculpe", disse a mulher. "O meu filho a confundiu com uma escritora de livros infantis, a Tia Laura."

"O seu filho não se confundiu", disse Laura. Apontou para o livro que estava autografando. "Sou eu mesmo. Esse é o meu primeiro livro para adultos."

A mulher ficou olhando para Laura, sem entender exatamente o que aquilo significava. Finalmente, saiu do torpor e perguntou:

"Então... Você é mesmo... A Tia Laura?"

"Não", respondeu Maria Letícia (ou Sônia, como queiram). "Agora ela é Tia Vênus. Acho que o seu filho vai ter que esperar mais alguns anos para pegar esse autógrafo."

A mãe sorriu amarelo para as outras duas mulheres e foi embora, puxando o menino pela mão. Dorneles convidou Maria Letícia para jantar conosco. Ela relutou. Dorneles insistiu. Ela topou. Fomos todos no carro de Dorneles.

O jantar correu tranquilo até a sobremesa. Bebemos bastante. Conversamos bobagens sobre cinema e astrologia. Dorneles estava inspirado e nos fez rir muito. Entre a sobremesa e o cafezinho, tanto ele quanto Maria Letícia levantaram-se para ir ao banheiro.

"Será que devemos avisar o Dorneles?", perguntei para Laura.

"Avisar o quê?"

"Sobre Maria Letícia."

Laura sorriu e disse:

"Ela não é Maria Letícia. É Sônia."

"Tu sabe o que eu estou dizendo."

"Quem disse que ela ainda é prostituta?"

"E quem disse que ela não é?"

"Ninguém pode dizer nada. As pessoas às vezes mudam, Sabujo."

"É verdade, Tia Laura."

Pouco depois, eles voltaram. Dorneles nos deixou em casa e seguiu com Maria Letícia. Entramos em casa. Laura, como fazia todas as noites, ligou para os filhos, que continuavam em Porto Alegre, morando com a avó paterna. Eles não estavam. Ou mandaram a vó dizer que não estavam. Laura acha que, cedo ou tarde, eles vão compreender o que aconteceu. Eu tenho minhas dúvidas. No quintal, brincamos um pouco com Tânia. Ela cresceu muito nas últimas semanas. Nossos passeios são cada vez mais longos. Colocamos uma foto do Bóris na parede da escada. Sempre damos boa noite para ele quando subimos. Há pouco Laura perguntou o que estou escrevendo. Respondi que só diria quando ela me mostrasse o início do romance. Ela sorriu e prometeu que isso aconteceria em breve. Não há pressa. Tenho muitos verbetes de enciclopédia para escrever.

NOTAS

Os seguintes textos foram consultados durante a preparação e a redação desta novela:

- **Working girls: prostitutes, their life and social control.**

Canberra: Australian Institute of Criminology, 2001, em <www.aic.gov.au/pinlications/lcj/working/ch1.html>, acesso em maio de 2003;

- **As Prostitutas na História**, de Nickie Roberts. Rio de Janeiro: Record, 1998;

- **Prostitutas da Grécia: Frineia**, de Ricardo da Cunha Cavalcanti.

Revista Brasileira de Sexualidade Humana. Volume 1 - n°2 - Julho/Dezembro de 1990. Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana - SBRASH;

- **Aventuras de um putanheiro de SP/Capital**, de Ojapa, em

<ojapa.weblogger.terra.com.br>, acessado em janeiro de 2003;

- **Psicoanalises de la prostitucion**, de Maryse Choisy. Buenos Aires: Paidós, 1967.